



MÍDIAS, MIGRAÇÕES E INTERCULTURALIDADES

ESPECIAL

ESPECIAL

LOGOS

**MÍDIAS, MIGRAÇÕES E
INTERCULTURALIDADES**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UERJ**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/Rede Sirius/PROTAT**

L832

Logos: comunicação e universidade. - Vol. 1, Edição Especial (2005) - . - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 2005 -

ISSN 0104-9933

1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação - Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos. 4. Sociologia - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

CDU 007

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

REITOR

Nival Nunes de Almeida

VICE-REITOR

Ronaldo Martins Lauria

SUB-REITORA DE GRADUAÇÃO

Raquel Marques Vilardi

SUB-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Albanita Viana de Oliveira

SUB-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Georgina Muniz Washington

DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Maricélia Bispo Pereira

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Diretor: João Pedro Dias Vieira

Vice-diretor: Hugo Rodolfo Lovisolo

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Ricardo de Hollanda

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Denise da Costa Oliveira Siqueira

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TEORIA DA COMUNICAÇÃO

Márcio Souza Gonçalves

LOGOS - EDIÇÃO ESPECIAL

Logos: Comunicação & Universidade (ISSN 0104-9933) é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

EDITORES:

Prof. Dr. João Luís de Araújo Maia e Profa. Dra. Denise da Costa Oliveira Siqueira

CONSELHOS EDITORIAL E CIENTÍFICO:

Ricardo Ferreira Freitas (Presidente do Conselho Editorial), *Luiz Felipe Baêta Neves* (Presidente do Conselho Científico), *Danielle Rocha Pitta* (UFPE), *Fátima Quintas* (Fundação Gilberto Freyre), *Henri Pierre Jeudi* (CNRS-França), *Héris Arnt* (UERJ), *Ismar de Oliveira Soares* (USP), *Luis Custódio da Silva* (UFPB), *Márcio Souza Gonçalves* (UERJ), *Michel Maffesoli* (Paris V - Sorbonne), *Nelly de Camargo* (USP), *Nízia Villaça* (UFRJ), *Patrick Tacussel* (Université de Montpellier), *Patrick Wattier* (Université de Strassbourg), *Paulo Pinheiro* (UniRio), *Robert Shields* (Carleton University/Canadá), *Ronaldo Helal* (UERJ) e *Alessandra Aldé* (UERJ).

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Comunicação Social - PPGC - Mestrado em Comunicação
Revista *Logos*
A/C Profa. Dra. Denise da Costa Oliveira Siqueira e Prof. Dr. João Maia
Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10129, Bloco F
Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - Brasil. CEP: 20550-013
Tel.fax: (21) 2587-7829. E-mail: logos@uerj.br

EDITORAÇÃO: Laboratório de Editoração Eletrônica (LED/FCS/UERJ)

DIAGRAMAÇÃO: Cecília Santos - **CAPA:** Adriana Melo

REVISÃO: João Maia (FCS/UERJ); Luciana Lorensonne e Marcelo F. Rodrigues (Comuns/UERJ).

Sumário

APRESENTAÇÃO

Denise Cogo e Nicolás Lorite

07

ARTIGOS

CENÁRIOS E ITINERÁRIOS DE UMA PESQUISA INTERNACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E INTERAÇÕES COMUNICATIVAS E MIDIÁTICAS

Sobre lo apriorístico y lo verificable en comunicación. Algunas notas sobre dinamización intercultural mediatizada desde la perspectiva internacional

Nicolás Lorite

14

A cidadania nas interações comunicacionais e midiáticas das migrações contemporâneas em Porto Alegre e Barcelona

Denise Cogo

24

TRÊS PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE MIGRAÇÕES E CONTEXTOS SOCIOMIDIÁTICOS

Mídia e memórias: elementos para pensar a problemática das memórias étnicas midiaticizadas

Jiani Adriana Bonin

38

El impacto de la migración internacional en el estudio de la audiencia de televisión

Amparo Huertas

51

Ruínas Latino-americanas: Cidades imaginárias + imaginários multiculturais (Uma proposta de trabalho)

Fabricio Silveira

61

EXPERIÊNCIAS DE RECEPÇÃO MIDIÁTICA DAS MIGRAÇÕES DESDE BARCELONA E PORTO ALEGRE

“Yo tenía una imagen de Europa Hollywood”: de los sueños a la “realidad”. Un análisis cualitativo de algunas primeras entrevistas realizadas con inmigrantes en Barcelona

Sara Losa 74

Internet, integração e cidadania: uma reflexão sobre apropriações da rede mundial de computadores por imigrantes latino-americanos e europeus em Porto Alegre

Liliane Dutra Brignol 85

Da janela de Barcelona: experiências interculturais e usos midiáticos operados por imigrantes brasileiros

Elizara Carolina Marin 96

Interculturalidade, mediações e redes digitais

Hiliana Reis 109

APORTES DESDE A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO PANORAMA ESPANHOL

Globalismo, fluxos demográficos e inter-relações culturais

A. Efendy Maldonado 122

La influencia de las rutinas en el tratamiento informativo de la inmigración

Manel Mateu 135

Fotografiando la diversidad cultural

Eduard Bertran 147

Las migraciones en la radio para todos: el caso español

María Gutiérrez 159

Apresentação

Interculturalidade. Sob essa rubrica vem se buscando explicar, na última década, desde diferentes campos do conhecimento científico, uma variedade de experiências e práticas societárias em que o cultural se imbrica com o político, o social e o econômico para sintetizar as especificidades de um momento histórico em que a cultura protagoniza um conjunto de interações com os processos comunicacionais e midiáticos contemporâneos.

Desde a exigência de sua construção crítica no campo da pesquisa comunicacional, a interculturalidade é assumida como um dos eixos que dá título a esse número especial da Revista Logos, dedicado a recolher uma síntese da produção científica desenvolvida no marco do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha (Unisinos – UAB) intitulado “Mídia e interculturalidade: estudo das estratégias de midiatização das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do Mercosul”. A elaboração dessa construção crítica está pautada por perspectivas metodológicas que permitam analisar as midiatizações e os processos de dinamização sociocultural das migrações contemporâneas nos contextos de Porto Alegre-Brasil-Mercosul e Barcelona-Espanha-União Européia.

Financiado, no Brasil, pela CAPES (entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos) e, na Espanha, pelo MEC (Ministerio de Educación y Ciencia), o projeto vem sendo tecido, desde 2003, através de um conjunto de ações de pesquisa, docência e extensão desenvolvidas por investigadores do grupo de pesquisa Mídia e Multiculturalismo (www.midiamigra.com.br) e Processocom do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São

Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, e o Observatorio y Grupo de Investigación em Comunicación y Migración - MIGRACOM (www.migracom.org) do Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), em Barcelona, Espanha. Professores doutores, pesquisadores assistentes, alunos de mestrado e doutorado e bolsistas de iniciação científica compõem uma equipe de 30 pesquisadores que tem assegurado um intercâmbio científico alimentado por missões de trabalho e estudo anuais no Brasil (Unisinos) e Espanha (UAB), mas também de toda uma dinâmica de pesquisa científica envolvendo rotinas de trabalho acadêmico levadas a cabo em ambas as universidades fora dos períodos de missões. Essa equipe aparece representada, nessa publicação, por treze autores que participam desse número especial da Revista Logos intitulado *Mídia, migrações e interculturalidade*.

Desse trabalho coletivo, vêm resultando produtos acadêmicos como essa e outras publicações; experiências de docência, em nível de mestrado e doutorado, em ambas as universidades como o seminário *Metodologias de Investigación Audiovisual Aplicada*, ministrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – mestrado e doutorado - da Unisinos; a disciplina *Investigación en recepción en América Latina: experiencias y perspectivas teórico-metodológicas*, ministrada no curso de Doutorado em Comunicación Audiovisual y Publicidad da UAB; e o *Curso Internacional Interculturalidad, migraciones y medios de comunicación: experiencias mediáticas para la integración de los inmigrantes en la Unión Europea y el Mercosur*, ministrado, em duas edições, em Barcelona, em parceria com o Col·legi de Periodistes de Catalunya, por professores das equipes brasileira e espanhola.

Da cooperação acadêmica entre os pesquisadores, emergem, ainda, iniciativas de aplicação e difusão de conhecimento científico como a organização da mesa

sobre *Imigração e Meios de Comunicação: boas práticas para a integração*, no Congresso Mundial sobre Movimentos Humanos e Imigração no Fórum das Culturas de (Barcelona, 2004); da mesa *Meios de Comunicação e interculturalidade: propostas midiáticas a integração dos Imigrantes*, no Fórum Social Mundial (Porto Alegre, 2005); e da mesa *Mídia e Práticas de Integração Sociocultural dos Migrantes* no Fórum Social das Migrações (Porto Alegre, 2005). Ou, ainda, a construção de uma base de dados sobre mídias e migrações em que vai sendo reunido um acervo documental de mídias de migrantes, de matérias sobre migrações nas mídias e de pesquisas e publicações sobre mídias e migrações (www.intermigra.unisinos.br).

No desenvolvimento dessas ações, a interculturalidade aparece, de um lado, sendo construída como eixo conceitual para o estudo da produção, recepção e dinamização comunicacional e midiática das migrações contemporâneas em Porto Alegre e Barcelona, dois contextos urbanos contemporâneos representativos de macro-cenários – Mercosul e União Européia – onde o fenômeno migratório emerge, de modo crescente, como agenda pública e midiática e como fenômeno sociocultural dinamizado pelas próprias mídias.

A aproximação com a realidade empírica das migrações nesses dois contextos assim como a necessidade de tecer perspectivas comparativas vêm desafiando a equipe de pesquisadores a se afastarem da tentação do especulativo e ensaístico para a proposição de modos conceituais de pensar, a partir das realidades empíricas dos migrantes, as especificidades comunicacionais e midiáticas que (re) configuram as experiências de interculturalidade das migrações contemporâneas.

De outro lado, por essa mesma interculturalidade se move conjuntamente esse grupo de investigadores no Brasil e na Espanha para experimentarem cotidianamente modalidades e lógicas partilhadas de produção de

conhecimento científico que permitam construir uma síntese possível de uma experiência híbrida-internacional que traduza a complexidade desse encontro acadêmico-intercultural Porto Alegre-Rio Grande do Sul-Brasil-Mercosul e Barcelona-Catalunha-Espanha-União Européia. Síntese que abriga, ainda, a preocupação dos investigadores em aportarem referenciais para a construção de modalidades de projetos acadêmicos de cooperação internacional centrados na produção coletiva de conhecimento científico e em propostas de interação entre academia e sociedade.

Sob o título *Mídias, migrações e interculturalidade*, esse número especial da Revista *Logos* oferece, a partir de quatro blocos temáticos, uma síntese dessa dinâmica de cooperação acadêmica internacional. Um primeiro bloco - intitulado *Cenários e itinerários de uma pesquisa internacional sobre migrações contemporâneas e interações comunicativas e midiáticas* - é constituído por dois textos que tentam apresentar as perspectivas teórico-metodológicas e epistemológica que orientam, no âmbito do projeto internacional, a produção de conhecimento científico sobre mídias e migrações.

O primeiro texto desse bloco propõe essa formulação enfatizando o desenho da pesquisa em desenvolvimento sobre recepção e dinamização comunicacionais e midiáticas de imigrantes latino-americanos e europeus em Porto Alegre e Barcelona, ao passo que o segundo se constrói a partir da pesquisa em andamento, se valendo de resultados obtidos de entrevistas realizadas com uma amostra de imigrantes nos dois contextos.

Em um segundo bloco - *Três perspectivas teórico-metodológicas para o estudo das relações entre migrações e contextos sociomidiáticos* - reúne um conjunto dentre um elenco de aspectos teóricos e metodológicos que vão sendo formulados e discutidos pelos pesquisadores da Unisinos e UAB no marco do contexto atual da pesquisa em comunicação, mídia e migrações.

O terceiro bloco - denominado *Experiências de recepção midiática das migrações desde Barcelona e Porto Alegre* - está centrado, desde diferentes perspectivas, na análise de resultados das entrevistas realizadas com esses imigrantes à luz dos pressupostos teóricos orientadores da pesquisa sobre recepção e dinamização comunicacionais e midiáticas. Nesse bloco, inclui-se, ainda, um estudo sobre os usos do computador entre estudantes africanos e latino-americanos de universidades sediadas em Porto Alegre.

Um último bloco - *Aportes desde a produção audiovisual no panorama espanhol* - recolhe reflexões desde a produção audiovisual das migrações no contexto espanhol, apresentando uma amostra dos “estudos de caso” que também vão constituindo o acervo de reflexões em torno do eixo mídia, migrações e interculturalidade, ao qual se orienta o projeto acadêmico de cooperação internacional.

Profª Dra. Denise Cogo (Unisinos)

Prof. Dr. Nicolás Lorite (UAB)

Organizadores da Revista e Coordenadores do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha (Unisinos-UAB) financiado por CAPES-MEC.

ARTIGOS

**CENÁRIOS E ITINERÁRIOS DE UMA
PESQUISA INTERNACIONAL SOBRE
MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E
INTERAÇÕES COMUNICATIVAS E
MIDIÁTICAS**

Sobre lo apriorístico y lo verificable en comunicación. Algunas notas sobre dinamización intercultural mediatizada desde la perspectiva internacional

Nicolás Lorite*

RESUMO

Em 2003, um grupo de pesquisadores do Brasil e da Espanha iniciaram um projeto de pesquisa internacional sobre mediatizações das migrações contemporâneas na União Européia e MERCOSUL, aprovado no final de 2003 pelos ministérios de Educação do Brasil (CAPES) e Espanha (MEC). A comparação das dinâmicas de pesquisa em contextos diferentes está servindo para revisar, atualizar e aprofundar certas questões do método científico das ciências da comunicação, começando pelo questionamento do “apriorístico” e o verificável da realidade sociomediática. **Palavras-chave:** metodologia; dinamização intercultural; migração.

ABSTRACT

*In 2003 the Brazil-Spain group begun a joint international research project on the mediatization of modern migrations in the UE and Mercosur. The Education Ministry in Brazil (CAPES) and Spain (MEC) have approved this project at the end of 2003. Research processes in different contexts help us to analyse and question the scientific method of communication science. In this article we question two important concepts as “aprioristic” and “verifiable” of sociomediatic reality. **Keywords:** methodology; intercultural dinamization; migration.*

RESUMEN

*En el 2003 un colectivo de investigadores de Brasil y España iniciamos un proyecto de investigación internacional sobre mediatizaciones de las migraciones contemporâneas en la Unión Europea y el MERCOSUR, aprobado a finales del 2003 por los ministerios de Educación de Brasil (CAPES) y España (MEC). La puesta en común de las dinámicas investigadoras en contextos diferentes está sirviendo para revisar, actualizar y profundizar ciertas cuestiones del método científico de las ciencias de la comunicación, empezando por el cuestionamiento de lo apriorístico y lo verificable de la realidad sociomediática. **Palabras clave:** metodología; dinamización intercultural; migración.*

INTRODUCCIÓN

En el 2003 un colectivo de investigadores de Ciencias de la Comunicación de los grupos de investigación *Midia y Multiculturalismo* y PROCESOCOM de la Universidad do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) y del MIGRACOM (www.migracom.org) de la Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), iniciamos un proyecto de investigación internacional sobre mediatizaciones de las migraciones contemporáneas en la Unión Europea y el MERCOSUR, aprobado a finales del 2003 por los ministerios de Educación de Brasil (CAPES) y España (MEC) para el bienio 2004-2005, y prorrogable al bienio 2006-2007.

La puesta en común de las dinámicas investigadoras en contextos diferentes está sirviendo para revisar, actualizar y profundizar ciertas cuestiones del método científico de las ciencias de la comunicación, desde la riqueza comparativa internacional, y en particular desde las perspectivas teóricas, metodológicas, epistemológicas y sociocomunicativas. A continuación, apunto de manera muy esquemática, algunas reflexiones sobre lo apriorístico y lo verificable de la realidad sociomediática, aunque subrayo que lo hago desde el ensayo personal y como avance de lo que pueden ser algunas de las conclusiones más significativas del estudio final.

ALGUNOS INTERROGANTES DE PARTIDA

¿Es posible combinar lo apriorístico con lo verificable, lo hipotético con lo pragmático, al estudiar el papel que desempeñan los medios de comunicación como dinamizadores de las relaciones interculturales? ¿Es necesario efectuar semejante simbiosis hipotético-pragmática de la teoría a la práctica? ¿Puede llevarse a cabo al revés, de la práctica a la teoría? ¿Es posible una tercera vía híbrida, científica fluyendo de manera simultánea en ambas direcciones? Y en cualquier caso

¿qué vía tiene mayor valor y credibilidad en el panorama científico actual de las Ciencias en general y de las de la Comunicación en particular? Pero ¿nos guiamos por el panorama científico actual o reivindicamos el clásico? ¿Y hasta qué periodo alcanza uno y otro? ¿Se da una intersección entre ambos?

Y en cualquier caso ¿tiene valor científico quedarse sólo en las perspectivas teórica y especulativa como modelos explicativos de la realidad o tiene más valor situarse sólo en el polo opuesto de la pragmática activa o la realidad real?

Y mientras vamos pensando y respondiendo a las preguntas anteriores surgen nuevas cadenas de interrogantes: ¿Debe importarnos que sea creíble nuestra investigación internacional por todos los investigadores locales, nacionales e internacionales? Pero ¿todos los investigadores son creíbles? ¿Y todos los que son creíbles vienen respaldados por una investigación científica? ¿y cuales son locales, nacionales e internacionales? ¿Partimos todos de los mismos criterios de credibilidad científica? ¿Qué diferencia hay entre un científico internacional creíble, respaldado por la investigación “escaparate”, y otro científico local, desconocido, habituado a la cultura científica del rigor clásico? Y en cualquier caso ¿qué es una investigación rigurosa?

Desde esa paradójica vinculación que sigue teniendo la Academia con la Ilustración en la era de Internet, se sigue considerando investigación rigurosa la que viene respaldada por un marco teórico bien documentado, una metodología experimentada y contrastada, un objeto de estudio bien acotado y un marco de hipótesis bien descrito y estructurado.

Nuevas preguntas que van emergiendo desde nuestra perspectiva investigadora internacional y teniendo en cuenta el objeto de estudio comparativo sobre papel de los medios como dinamizadores de la

interculturalidad: ¿diseñamos un marco teórico y una hipótesis previamente o lo hacemos durante y después del trabajo de campo? Pero ¿necesitamos teoría e hipótesis antes del trabajo de campo? Y si lo necesitamos ¿hemos de partir de un corpus teórico de conceptos inamovibles, a pesar de la dificultad que entraña atenerse a dicha inmovilidad al abordar un objeto de estudio mutante como el de las mediatizaciones de las migraciones contemporáneas en entornos como la Unión Europea y el MERCOSUR?

¿"Matamos" definitivamente a Popper, Kunt, Martín-Barbero, García Canclini, Mattelart, Castells y otros autores de referencia obligada, o seguimos haciendo uso de ellos para dar a entender que también los conocemos y paralelamente mostramos otros autores locales que realmente han investigado el objeto de estudio analizado, pero que sólo los conocen en su entorno próximo porque no han entrado en la cultura "escaparate"? Claro que igual no hay que ser tan extremistas y discernir objetivamente la justificación de los universales y los locales para nuestro objeto de estudio internacional.

¿Y como se hace todo ello desde las Ciencias de la Comunicación? ¿Puede y debe hacerse sola y exclusivamente desde la Ciencias de la Comunicación al adscribirse nuestra investigación al campo de la comunicación? ¿Debemos asumir un rol como investigadores del campo de la comunicación (comunicólogos se les denomina a veces, yo me siento más cómodo denominándome como investigador audiovisual) y debe plantearse el método de trabajo y los enfoques teóricos y metodológicos desde un prisma distinto al de los sociólogos, antropólogos, sociolingüistas, etc. que abordan temas similares? ¿Es un proceder investigador pluri e interdisciplinario desde la mirada sociocomunicativa audiovisual o simplemente textual?

DINÁMICAS REALES DE LA INVESTIGACIÓN INTERNACIONAL

Y mientras intentamos responder las preguntas anteriores resolvemos urgentemente otros aspectos metodológicos para no dejar de lado el trabajo de campo. Esto no quiere decir que obviamos las respuestas, de hecho las respuestas a todas las cuestiones anteriores ya las venimos respondiendo en las investigaciones personales y colectivas realizadas anteriormente por los miembros del equipo de investigación internacional que nos hemos congregado ahora en torno a este objeto de estudio.

Cabe advertir que mientras decidimos que fuera la entrevista personal la técnica metodológica adecuada para estudiar la recepción y dinamización intercultural mediatizada de las migraciones contemporáneas, acordamos descartar otras metodologías con las que hemos investigado o venimos investigando las relaciones sociomediáticas, los diferentes investigadores implicados en el proyecto internacional, como la del estudio cuali-cuantitativo simultaneo de la realidad social desde la producción-emisión-recepción-dinamización, la observación casual y la investigación audiovisual aplicada en el estudio de las transformaciones sociomediáticas, desde unos años 70 estructuralistas y marxistas a una positivista década de los 90, pasando por algunas crisis metodológicas como las de los 80 y la que se vive en el momento actual.

De todas formas, algo que cada vez tenemos más claro al acotar la metodología de nuestro estudio internacional, es que debemos ser lo mas honestos posibles y explicar con el máximo de detalles posibles nuestro encuadramiento en una tipología determinada. Dejamos fuera otras posibilidades investigadoras y nos decantamos para este objeto de estudio por el método científico híbrido que acepta la posibilidad de debatir la construcción del entramado teórico-epistemológico a la vez que desarrollamos el trabajo de campo.

Es una toma de decisión que evita caer eterna y exclusivamente en el sendero apriorístico y especulativo del texto sobre el texto. Tampoco permite despistarse por ese otro “cómodo” camino del texto sin contexto. Ni siquiera por ese tercer recorrido investigador, tan en boga actualmente, del texto sobre el texto con un leve toque de aire real extraído de un “paseo intelectual” por la cotidianidad social.

Los tres caminos estrictamente especulativos y apriorísticos anteriores son fáciles de identificar porque de ellos emanan una serie de propuestas ensayísticas sin base metodológica, que están próximas a la particular visión ficticia del autor antes que a la de la sociedad estudiada. Lo sorprendente de estos textos de los textos y es que sigan sentando cátedra. Hay que reconocer que están muy bien redactados y sus autores no sólo escriben muy bien sino que dominan a la perfección la “literatura” científica y la cultura “escaparate”. Construyen párrafos ilustres que uno lee varias veces y los percibe de una seriedad exquisita. Son similares a ciertos discursos políticos. Al releerlos hasta parece enterearse que también se ha pensado el ámbito de difusión y los receptores potenciales.

En el polo opuesto de este terreno especulativo, en el que uno está tentado a caer fácilmente cuando le da una cierta pereza de hacer trabajo de campo, de acercarse a la sociedad, está el del militante de la pragmática realista. En este espacio “realista” se instalan varias tendencias o líneas de inmersión “real” en la sociedad.

Una línea está ubicada en un extremo “kamikaze”, denominada así porque sólo comulga con la realidad real, según su concepto de realidad real, claro está. La otra está situada en otro extremo, que es posible aplicarle el calificativo de pragmática “apostólica” porque sus defensores acuden a la realidad guiados por una especie de “catecismo” metodológico. En una línea se aterriza y convive con la sociedad desde

una militancia kamikaze obsesionada por conocer la realidad por sí misma, en la otra se recorren las calles con el “catecismo” metodológico bajo el brazo casi como hacen los creyentes de algunas sectas religiosas cuando llaman a nuestras puertas.

Lo ideal es el mestizaje de lo apriorístico con lo verificable pero prediciendo el orden y valor que se le otorga a cada uno, contando con las posibles transformaciones sociomediáticas, empezando por la informáticas, y teniendo en cuenta limitaciones como las del tiempo destinado a redactar el informe final de la investigación, el soporte económico para llevarla a cabo, el ajuste de las dinámicas de interacción internacional y acoplamiento entre sí de los investigadores y de los grupos de investigación implicados y la dura gestión administrativa de todo ello.

ESTUDIO DE LA RECEPCIÓN

¿Como acotamos una metodología lo más objetiva posible para estudiar la recepción desde esta doble perspectiva comparativa? ¿A quienes entrevistamos en Barcelona y en Porto Alegre? ¿Cuántas personas en cada lugar? ¿De dónde deben ser? ¿Dónde hacemos la entrevista? ¿Qué les preguntamos? ¿Cómo comparamos luego los resultados de las entrevistas de Porto Alegre con las de Barcelona?

Acordamos utilizar la entrevista personal como técnica metodológica porque con ella logramos el objetivo principal de: “Descubrir, a partir del conocimiento de la trayectoria migratoria del entrevistado así como de la presencia y los usos de los diferentes medios de comunicación en esta trayectoria, el papel de dinamizador intercultural de estos medios. Se trata de investigar como y si se proyecta, en ciudadanos de diversas procedencias geográficas, residentes en la ciudad de Barcelona, una idea común de contextos macroeconómicos, políticos y culturales como la Unión Europea y el MERCOSUR.”

Nos centramos, por tanto, en la perspectiva de la recepción como indicador principal de nuestro objeto de estudio para observar, en concreto, como interpretan el rol dinamizador intercultural de los medios de comunicación una muestra de tipologías sociológicas de personas/inmigrantes de diferente sexo y edad, llegados de distintos entornos geográficos, culturales, sociales, lingüísticos y religiosos, residentes en dos urbes, receptoras de nuevas migraciones en la actualidad, como son Barcelona y Porto Alegre.

La entrevista realizada a una muestra objetiva de entrevistados de Porto Alegre y Barcelona persigue comprender si los entrevistados:

- Se sienten ciudadanos de la Unión Europea y del MERCOSUR y qué significa y representa esta identidad para ellos.
- Si este sentimiento está vinculado con su procedencia geográfica y su cultura de referencia y de que manera.
- Si este sentimiento de pertenencia a un espacio en concreto está alimentado, proyectado, construido por los medios de comunicación.
- Si desearían ser, algún día, ciudadanos de la Unión Europea, los entrevistados del MERCOSUR.
- Si distinguen entre Europa y Unión Europea.
- Como nació y se construyó la idea de viajar y emigrar a Europa.
- Si en su país de origen ya tenía un sueño de la zona receptora, de Barcelona o Porto alegre.
- Si consideran que se había formado una idea idílica de Europa antes de viajar y como se construyó a partir de los medios de comunicación o si se hizo de otra manera.
- Si ahora que están en Barcelona (Unión Europea) o Porto Alegre (MERCOSUR) se realizó su sueño, si cambió, si se modificó y en qué.
- Si analizan, desde su experiencia barcelones-europea o portoalegrense-mercosureña, la aspiración que tienen y tenían y como la valoran.

- Si ven algún conflicto, choque y/o contradicción entre la realidad de la sociedad de acogida y la sociedad que imaginaba antes de inmigrar.
- Si se consideran inmigrantes en relación a un entorno más amplio y diversificado.
- Si el sentimiento de pertenencia a un lugar, que supera las fronteras nacionales (Unión europea, MERCOSUR), se construye a través de los medios de comunicación.
- Si los medios de comunicación desempeñan algún papel en la construcción de una identidad común.
- Si consideran importante la proyección de estas marcas de identidad cultural colectiva a través de los medios.
- Si consideran los medios de comunicación como determinantes en sus procesos de dinamización interpersonal e intergrupala, activa y mecánica.

De momento no es posible avanzar nada más sobre el objeto de estudio porque andamos en el proceso de encuestación, codificación y análisis. De todas formas, con todo el expuesto hasta aquí, hay elementos más que suficientes para empezar a repensar la reconstrucción del panorama investigador internacional desde el análisis comparativo. ¿Sabemos ya si estamos en la vía apriorística o formamos parte de la verificable? ¿tal vez estamos todos en la vía híbrida? ...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COGO, Denise; LORITE, Nicolás. *Incursões metodológicas para o estudo da recepção midiática: o caso das migrações contemporâneas desde as perspectivas européia e latino-americana*. Ciberlegenda, n.14, 2004. <http://www.uff.br/mestcii/rep.htm>.
- LORITE, Nicolás; MARTÍN, Luisa. Claves para un debate interdisciplinar sobre la construcción sociocomunicativa de la inmigración. In: *La inmigración en España*, Girona: Universidad de Girona, 2005 (en prensa).
- LORITE, Nicolás (dir). *Tratamiento informativo de la inmigración en España 2002*. Madrid: Colección Inmigración y Refugio, Instituto de Migraciones y Servicios Sociales, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2004.
- LORITE, Nicolás. “Éthique, médias et rôle formateur et informateur des journalistes en Catalogne (Espagne)”. In: BRUNET, P.; DAVID-BLAIS, M. (dir.) *Valeurs et éthique dans les médias. Approches internationales*. Canadá: Collection Éthique et philosophie de la communication, Les Presses de l'Université Laval, 2004.
- LORITE, Nicolás. “Como miran los medios la inmigración y transmiten la diversidad”. Barcelona: Portal de la Comunicación, Incom, Congreso sobre Diversidad y Comunicación, Forum de las culturas, 2004.

Nicolás Lorite es director del Observatorio y Grupo de Investigación sobre Migración y Comunicación (MIGRACOM) de la Universitat Autònoma de Barcelona (www.migracom.org). Doctor en Ciencias de la Información, Profesor Titular de Comunicación Audiovisual de la UAB. Co-dirige el Proyecto Interuniversitario de Cooperación Internacional Brasil-España sobre medios, migraciones e interculturalidad financiado por CAPES (Brasil) e MEC (España).

A cidadania nas interações comunicacionais e midiáticas das migrações contemporâneas em Porto Alegre e Barcelona

Denise Cogo*

RESUMO

A partir das noções de subjetividade, espaços de vida e movimentos sociais como definidoras das migrações contemporâneas, este artigo analisa as interações comunicacionais e midiáticas de migrantes latino-americanos e europeus em Barcelona e Porto Alegre nas suas relações com os processos de cidadania. A análise toma como base os dados de entrevistas como uma amostra de migrantes realizadas no marco da pesquisa de recepção sobre mídias e migrações desenvolvida pelos pesquisadores do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha e em materiais midiáticos sobre migrações reunidos na base de dados sobre do mesmo projeto (<http://www.intermigra.unisinos.br>). **Palavras-chave:** comunicação, migrações contemporâneas, cidadania

ABSTRACT

On the basis of subjectivity, life spaces and social movements being defining notions in contemporary migrations, this paper analyses the communicational and mediatic interactions of Latin American and European migrants in Barcelona and Porto Alegre in their relationship with the processes of citizenship. The analyses are based on data from interviews with a sample of migrants that were carried out for research concerning media reception and migration by under the auspices of the Brazil-Spain Academic Cooperation Project and on mediatic material concerning migrations that was collected in the data base of the same Project. (<http://www.intermigra.unisinos.br>) **Key words:** communication, contemporary migrations, citizenship

RESUMEN

*A partir de las nociones de subjetividad, espacios de vida y movimientos sociales como definidoras de las migraciones contemporâneas, este artículo analiza las interacciones comunicativas y mediáticas de migrantes latinoamericanos y europeos en Barcelona y Porto Alegre y sus relaciones con los procesos de ciudadanía. El análisis se basa en los datos de las entrevistas realizadas a una muestra de migrantes en el marco de la investigación sobre medios y migraciones desarrollada por los investigadores del Proyecto de Cooperación Académica Brasil-España y en los materiales mediáticos sobre migraciones reunidos en la base de datos de dicho proyecto (<http://www.intermigra.unisinos.br>). **Palabras-clave:** comunicación, migraciones contemporânea, ciudadanía.*

INTRODUÇÃO

Nesse artigo, analiso as interações comunicacionais e midiáticas das migrações contemporâneas nas suas relações com os processos de cidadania, vivenciadas por uma amostra de imigrantes latino-americanos e europeus de distintas nacionalidades em Barcelona e em Porto Alegre. Para esta análise, são utilizados dados de 20 de um total de 68 entrevistas com imigrantes, realizadas no marco da pesquisa de recepção sobre mídias e migrações do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha, assim como observados um conjunto de materiais midiáticos de distintas naturezas sobre migrações, reunidos na base de dados do projeto (<http://www.intermigra.unisinos.br>)¹

SUBJETIVIDADE, ESPAÇOS DE VIDA E MOVIMENTO SOCIAL: PARA UMA COMPREENSÃO DAS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Nas noções de *subjetividade*, *espaços de vida* e *movimentos sociais*, anco-ro meu entendimento da experiência das migrações contemporâneas para compreender como essas três dimensões socioantropológicas concorrem, de forma inter-relacionada, para a configuração de modalidades específicas de interações comunicacionais e midiáticas desse universo de imigrantes latino-americanos e europeus entrevistados em Porto Alegre e Barcelona.

Como uma primeira dimensão, a *subjetividade* informa como essas migrações passam a se definir pela sua capacidade de portar e sintetizar uma pluralidade de posições, vínculos, relações, conflitos e disputas sociopolíticas, econômicas e culturais nas sociedades contemporâneas. Sem a pretensão, contudo, de apagamento das causas “objetivas” e circunstâncias materiais, assim como dos processos de dominação e desigualdade, que envolvem as experiências migratórias, os deslocamentos culturais e hibridizações que

resultam do exercício da subjetividade dos migrantes não implicam, portanto, uma compreensão de sujeito “desvinculado de raízes de todo tipo e livre pra cruzar de forma nômade os confins entre as culturas e as identidades.” (MEZZADRA, 1995, 47).

É, entretanto, pela perspectiva da subjetividade, conforme sugerem os relatos dos migrantes entrevistados nos dois contextos, que parece possível afrontar discursos governamentais, acadêmicos, midiáticos etc., que enfatizam uma visão sistêmica das migrações contemporâneas em detrimento dos traços de turbulência e imprevisibilidade que as (re)configuram contemporaneamente.

Desde a subjetividade, podem ser desestabilizados, ainda, discursos essencialistas e/ou universalistas em que as migrações contemporâneas se constroem associadas a uma cultura da violência (criminalidade, conflitos etc.) ou, ainda, à vitimação e/ou debilidade da figura do migrante. Ou, desde outra perspectiva, aqueles discursos que tendem a privilegiar as representações folclóricas, festivas e/ou exóticas da diferença para representar as migrações ou mesmo enfatizar o caráter paradigmático e mítico do desenraizamento e hibridização do sujeito pós-moderno, encarnado pelos migrantes.

Migrantes procedentes de múltiplos destinos, portadores de distintos níveis de escolaridade e qualificação profissional e, não raramente, experimentando múltiplos trânsitos transnacionais e culturais; projetos de migração impulsionados por motivações econômicas, políticas, profissionais, familiares, afetivas etc; experiências migratórias movidas por distintos desejos de pertencimento e integração a redes e organizações de imigrantes e às próprias sociedades e culturas de trânsito e/ou permanência ou, ainda, sustentados por diferentes vinculações sociais e/ou jurídicas (clandestinidade, naturalização, visto de residência etc.) compõem um quadro de experiências extraído dos relatos dos

migrantes entrevistados em Porto Alegre e Barcelona. A partir das múltiplas possibilidades de entrelaçamento dessas experiências, a subjetividade se (re) afirma como um modo de definição das migrações contemporâneas que vai ser dinamizada e (re) configurada no marco das interações comunicacionais e midiáticas dos migrantes europeus e latino-americanos.

Nessa perspectiva, a apropriação estratégica da entrevista “como situação comunicacional” por parte de alguns dos migrantes pesquisados se revelou um útil desarticulador de algumas dessas visões sobre migrações que os entrevistados supunham estar contidas nas perguntas ou questões formuladas ou nas próprias visões dos entrevistadores. É quando insistem, em alguns casos, em demarcar traços de suas histórias de vida em que os projetos de migração aparecem dissociados de motivações puramente econômicas ou profissionais, ancorando-se em desejos de “ser livre”, de “aventura” ou de “relações afetivas interculturais”. Ou, ainda, quando preferem se auto-reconhecer como “cidadãos do mundo” mais do que se identificar com a figura de migrante.

A fluidez, fragmentação e transitoriedade das experiências de mobilidade de grande parte dos migrantes entrevistados em Barcelona e Porto Alegre apontam igualmente para a impossibilidade de integrar em uma definição única e ao mesmo tempo diversa a multiplicidade de situações e percepções que envolvem a idéia de residência ou permanência, configurando, assim, uma segunda dimensão de entendimento das migrações contemporâneas que sintetizo na noção de *espaços de vida* (DOMENACH, PICOUE, 1995).

Como categoria que delimita simbolicamente e ao mesmo tempo demarca espacial e temporalmente o desenvolvimento das atividades de um indivíduo, a noção de *espaço de vida* vem contribuir para o entendimento dessas configurações das migrações

contemporâneas ao outorgar um sentido amplo às diferentes conexões dos sujeitos migrantes e atribuir, ao mesmo tempo, uma dimensão restrita a essas conexões se, por exemplo, for considerado apenas o local de residência da família ou o local de trabalho.

Embora não seja utilizável diretamente na mensuração das migrações, os *espaços de vida* permitem, desde uma perspectiva qualitativa, operar uma “hierarquização” das múltiplas formas de mobilidade, motivadas por critérios diversos como duração, frequência, periodicidade de utilização de cada lugar, renda, atividade, formação, modo de deslocamento, distância etc. (DOMENACH, PICOUET, 1995, 10).

Tendo por base as noções de *subjetividade e espaços de vida*, as migrações contemporâneas assumem, ainda, o caráter de *movimentos sociais*, uma terceira e última dimensão que proponho para o entendimento das interações comunicacionais e midiáticas dos imigrantes estudados em Porto Alegre e Barcelona. Mais do que unicamente movimentos societários, as migrações se constroem como movimentos culturais que protagonizam ações coletivas pautadas na “defesa ou na transformação da figura do Sujeito na perspectiva de possibilitar uma combinação de individualidade com papéis instrumentais” (TOURAINÉ, 1997, 147).

Ao atribuírem um caráter transnacional aos movimentos sociais, as migrações contemporâneas colaboram igualmente para (re) configurar suas modalidades de organização, assim como as estratégias de construção, negociação, disputa e visibilidade de suas agendas de cidadania. Como desestabilizadores da “arquitetura do mundo nacional”, os migrantes entrevistados exercitam a cidadania em seu duplo aspecto: como espaço “objetivo”, de caráter institucional e soberano, e “subjetivo”, relacionado a movimento e ação (MEZZADRA, 1995, p. 50).

Além disso, na perspectiva da “cidadanização” (MEZZADRA, 2005, 31) como um dos eixos centrais das atuais políticas de integração dos imigrantes, a triangulação *subjetividades, espaços de vida e movimento sociais* sugere que, desde uma perspectiva qualitativa, as práticas de cidadania, relatadas pelos imigrantes em Barcelona e Porto Alegre, nem sempre se desenvolvem como uma petição de integração total. O universalismo do direito e os particularismos do pertencimento, as dimensões individuais e coletivas da experiência política se articulam nessas práticas para configurarem demandas de cidadania, muitas vezes parciais, fragmentadas e ambivalentes (MEZZADRA, 2005, 31).

Nas experiências migratórias analisadas, as vivências dos imigrantes incorporam, por um lado, ao debate público, via ou não movimentos sociais, a demanda por *cidadania intercultural*, entendida como aquela passível de ser construída a partir de um diálogo capaz de produzir um “lugar” ou uma “ética” que permita a combinação entre universalismos e particularismos (CORTINA, 2005, 146).

Por outro lado, os entrevistados apontam para vivências de *cidadania cosmopolita* como ideal de universalização da cidadania social através do exercício de constituição de redes de apoio e solidariedade ou, ainda, das próprias dificuldades e enfrentamentos para a inclusão de diferenças culturais de natureza étnica, nacional, religiosa, na perspectiva de criação de comunidades transnacionais pautadas por uma causa comum, conforme postula o chamado ideal de cidadania cosmopolita. É o que se observa quando os entrevistados em Barcelona reconhecem, no interior das subjetividades migrantes, as diferenças de status social alcançado pelas chamadas migrações de aposentados que se estabelecem na Espanha oriundos dos países do norte da Europa como demarcadora de

sua não-inclusão pública na categoria “migrante”, como ocorre, por exemplo, quando são nomeados pelos meios de comunicação.

INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS E MIDIÁTICAS

Compreendida desde a inter-relação entre as noções *de* subjetividade, espaços de vida e movimentos sociais, as múltiplas experiências de *cidadanização* das migrações contemporâneas se revela como (*re*) configuradora de um conjunto de interações de ordem comunicacional e midiática dos migrantes latino-americanos e europeus entrevistados em Barcelona e Porto Alegre.

A tessitura ou não de redes de relações intra, inter ou supragrupos étnicos e/ou nacionais para ancorar os “projetos” de migração individual e ou coletiva; a construção de “mapas” e “itinerários” de localização, circulação e/ou permanência nos cenários e culturas urbanas de trânsito ou de permanência; o exercício de relações e conflitos interculturais, vivenciados no âmbito de instâncias interpessoais (família, amigos, outros grupos de migrantes etc.) e institucionais (trabalho, setores governamentais, polícia, organizações de apoio às migrações etc.); os sentimentos de pertencimento identitários, delineados no desenrolar do projeto de vida e de migração, constituem modalidades que compõem um quadro de interações comunicacionais experimentadas pelos entrevistados que decorrem de suas experiências de imigração².

No caso de algumas entrevistas realizadas em Barcelona, no período de vigência de um projeto de regularização de imigrantes empreendido pelo governo espanhol, alguns entrevistados revelaram sonhos e projetos de vida que se demarcavam nitidamente por um “antes” e um “depois” da obtenção da “cidadania jurídica”, representada pelo “permiso de residencia”, sugerindo a centralidade da clandestinidade como

experiência conformadora dessas interações e uma certa adesão ou aposta dos imigrantes em uma “cidadanização” pautada na demanda de integração total³.

No marco dessas interações comunicacionais, desenha-se, ainda, um conjunto de interações midiáticas que ganham especificidades como pautas e modalidades de consumo e usos de meios de comunicação, derivadas dos modos de ser migrante e vivenciar as experiências de migrações no cotidiano. Os relatos dos imigrantes entrevistados em Barcelona e Porto Alegre indicam que os meios de comunicação, especialmente a Internet, são utilizados como suporte ao “projeto” de migração, tanto para aqueles que não dispõem de contatos nos lugares escolhidos para migrar, como para aqueles que usam os meios para acionar grupos e redes de referência como suporte a esse projeto migratório. As próprias facilidades de contato interpessoal favorecidas pelas migrações de retorno e pela proximidade geográfica e/ou fronteiriça, como é o caso de Porto Alegre no contexto do Mercosul, alimentam esse conhecimento midiático através de redes comunicacionais que fazem circular e atualizam todo um fluxo de informações sobre os lugares e dinâmicas de migração.

Os usos cotidianos de uma multiplicidade de mídias, pelos imigrantes entrevistados, sustentam, igualmente, a opção pela permanência, (re)atualização e, em alguns casos, o distanciamento ou mesmo ruptura com as nações e culturas de origem e com os lugares de migração, assim como fomentam desejos e experiências de integração nas sociedades de acolhida, incluindo a localização de pessoas da mesma nacionalidade, de redes de imigrantes e de organizações de apoio à migração. Há, inclusive, aqueles casos de imigrantes que optam por seguir consumindo exclusivamente mídias (jornais pela Internet, canais em tv por assinatura etc.) de seu país de origem. Os

meios colaboram, ainda, para o desenvolvimento de táticas de sobrevivência exigidas pelos distintos estatutos jurídicos e condições de cidadania desses migrantes (clandestinidade, processos de regularização, obtenção de dupla cidadania etc.).

A condição de imigrante altera e/ou reconfigura, igualmente, muitas rotinas e temporalidades que constituem padrões de acesso, apropriação e usos de meios de comunicação, para os quais concorrem as especificidades dos lugares e espaços de moradia (mais ou menos compartilhados), a duração das jornadas de trabalho, o poder aquisitivo, as questões lingüísticas e as próprias culturas midiáticas desenvolvidas pelos imigrantes. Nesse último caso, situam-se alguns imigrantes de origem latino-americana entrevistados em Barcelona que afirmaram não se identificar com a estética, linguagem e grade de programação das televisões públicas espanholas.

As interações com os meios de comunicação podem motivar, por fim, aprendizados e competências, mais ou menos formais, para uso de mídias ou potencializar igualmente a constituição de redes comunicacionais, constituída por imigrantes e não-imigrantes, para o compartilhamento do acesso a recursos e dispositivos midiáticos, especialmente a Internet.

O exercício dessas competências aponta para a necessidade de pluralização de imaginários midiáticos sobre as migrações não-ancorados na hegemonia de uma matriz de “europeidade” que, desde a perspectiva dos migrantes entrevistados em Porto Alegre, se revela na memória midiática sobre o legado econômico e cultural deixado pelas migrações de matriz européia, representadas por alemães e italianos que colonizaram sobretudo o Sul do Brasil, no século XIX e início do século XX. Ou, ainda, imaginários midiáticos não mais sustentados unicamente pela associação entre migrações contemporâneas e cultura da violência, conforme os relatos dos imigrantes

entrevistados em Barcelona quando evocam a chegada de imigrantes em *pateras*⁴ como a principal lembrança sobre imagens de imigração difundidas pelos meios de comunicação espanhóis.

Na perspectiva de disputa pela pluralização de imaginários midiáticos sobre as experiências migratórias contemporâneas, as migrações convertem-se em lugares de luta e exercício de cidadania comunicativa e midiática através do desenho de estratégias e táticas de democratização do acesso público e/ou privado aos meios de comunicação para visibilidade de uma agenda sobre as migrações contemporâneas. As políticas midiáticas construídas pelas redes e organizações de migrantes voltam-se, por um lado, à ocupação de espaços nos meios de comunicação massivos (jornal, rádio, televisão etc.) e, por outro, à produção e co-gestão de um conjunto de mídias alternativas e/ou comunitárias dirigidas aos coletivos migrantes.

Nesse processo de co-gestão de mídias próprias, os migrantes adotam estratégias comunicativas que ora apelam a um sentido comum pautado no pertencimento étnico ao dirigirem suas publicações a nacionalidades específicas (equatorianos, chilenos, argentinos etc.) ora se ancoram na *latino-americanidade* para propor um sentido de pertencimento transversal a diferentes etnias. Em alguns casos, tratam de incorporar políticas lingüísticas através de edições bi ou plurilíngües de suas publicações, como é o caso do boletim Família da Pompéia do Centro Ítalo-brasileiro de Apoio ao Imigrante (CIBAI-Migrações), de Porto Alegre, que circula com páginas editadas em português, espanhol e italiano⁵.

Em Porto Alegre, destaca-se, ainda, desde uma perspectiva da nacionalidade, o site do Centro Cultural e Social chileno (<http://www.chilepoa.com.br>) e, em

Barcelona, boletins como o *Huellas*, da Asociación de Inmigrantes Ecuatorianos em Catalunya para la Solidariedad y la Cooperación (<http://www.llacta.org/organiz/llactacaru/huellas/boletin015.pdf>). Desde uma perspectiva da *latino-americanidade*, outros dois exemplos chegam do *El Guia Latino* (<http://www.elguialatino.com/v7/>), produzido em São Paulo e dirigido a imigrantes latino-americanos, e *El Paracaidista* (<http://www.elparacaidista.com/>), que se intitula como “*la guía del recién llegado a Miami*”.

NOTAS

(1) Até o momento, foram entrevistados 40 imigrantes na região metropolitana de Porto Alegre e 28, em Barcelona. Está prevista a realização de um total de 80 entrevistas em cada contexto. Para este artigo, foram considerados os dados de transcrições de 14 entrevistas realizadas na região metropolitana de Porto Alegre e de seis entrevistas realizadas em Barcelona. Informações sobre metodologia da pesquisa, incluindo a seleção da amostra de entrevistados, estão registradas na documentação que vem sendo reunida no âmbito do projeto. A metodologia não será detalhada neste artigo devido a limitações de espaço.

(2) Embora tenham sido sistematizados a partir da leitura das entrevistas, exemplos específicos de cada uma dessas modalidades de interação não serão retomados aqui em função dos limites de espaço deste artigo.

(3) Entrevistas realizadas em abril, maio e junho de 2005.

(4) Pequenas embarcações que transportam imigrantes desde países africanos, como Marrocos, para a costa espanhola.

(5) Essa segunda estratégia parece mais presente no contexto brasileiro que espanhol, possivelmente, devido à presença de entidades confessionais de apoio à imigração ligadas à Igreja Católica que, desde sua vertente de esquerda, tem sido uma das instituições a liderar esse projeto de construção de uma unidade latino-americana no contexto dos movimentos sociais da América Latina, especialmente no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COGO, Denise Maria. A midiatização das migrações contemporâneas no contexto brasileiro e as matrizes culturais de construção da União Européia e do Mercosul. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2005*, Lisboa, p. 161-188.
- COGO, Denise Maria; Lorite García, Nicolás. Incursões metodológicas para o estudo da recepção midiática: o caso das migrações contemporâneas desde as perspectivas européia e latino-americana.. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 2004.
- CORTINA, Adela. *Cidadão do mundo*: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.
- DOMENACH, Hervé, PICOUE, Michel. *Les migrations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- LUCAS, Javier de. *Globalización e identidades*. Barcelona: Icaria, 2003.
- MEZZADRA, Sandro. *Derecho de fuga*: migraciones, ciudadanía y globalización. Oxford, 2005.
- PAJARES, Miguel *La integración ciudadana – una perspectiva para la inmigración*. Barcelona: Icaria, 2005.
- TOURAINÉ, Alain. *¿Podremos vivir junto? Iguales y diferentes*. Madrid: Editora PPC, 1997.

* **Denise Cogo** é doutora em Ciências da Comunicação (USP), professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em São Leopoldo, RS, Brasil, onde coordena o grupo de pesquisa Mídia e Multiculturalismo. Pesquisadora e consultora do CNPq, CAPES e Fapergs e coordenadora do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade financiado pela CAPES (Brasil) e MEC (Espanha).

**TRÊS PERSPECTIVAS TEÓRICO-
METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO
DAS RELAÇÕES ENTRE MIGRAÇÕES
E CONTEXTOS SOCIOMIDIÁTICOS**

Mídia e memórias: elementos para pensar a problemática das memórias étnicas midiaticizadas

Jiani Adriana Bonin*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo pensar algumas proposições para compreender a problemática da memória étnica na sua relação com as mídias. Interessa-nos, mais especificamente, alinhar algumas proposições em torno do conceito de memória coletiva e dar alguns passos no sentido de sua problematização para refletir sobre as conformações que as memórias étnicas adquirem hoje no âmbito do processo de midiaticização dos grupos migrantes.

Palavras chave: mídia; memória étnica; memória coletiva.

ABSTRACT

The objective of this article is to consider some proposals for understanding the problem of ethnic memory and its relationship with media. Our interest, more specifically, is to arrange some proposals around the concept of collective memory and take some steps toward its problematization to be able to examine the form that ethnic memories adopt today considering the mediaticization processes of migrant groups.

Words: media, ethnic memory, collective memory

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo pensar algunas propuestas para comprender la problemática de la memoria étnica y su relación con los medios de comunicación. Nos interesa, mas específicamente, hilvanar algunas propuestas en torno al concepto de memoria colectiva y dar algunos pasos en la línea de las problemáticas para pensar como se constituyen las memorias étnicas hoy en el ámbito de los procesos de mediaticización de los grupos migrantes.

Palabra clave: medios de comunicación, memoria étnica, memoria colectiva.

INTRODUÇÃO

Alguns autores vêm chamando a atenção para o fenômeno de emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades atuais; de uma cultura da memória¹, que se globaliza, fortemente marcada pela ação da Indústria Cultural. Um âmbito que vemos como importante para pensar as transformações que se operam na conformação coletiva/individual da memória com a midiaticização é o relativo à memória étnica. Nesse sentido, constatamos um investimento histórico e atual de mídias e gêneros em torno desta modalidade de memória, seja relacionada a descendentes de imigrantes de grupos que vieram no período de colonização², seja de outros grupos de imigração mais contemporânea (como os fluxos migratórios de imigrantes de países do Mercosul)³, o que nos permite pensar numa específica configuração de cultura midiática da memória. Nesse processo, as mídias não “transportam” a memória étnica de maneira inocente, elas a condicionam e fabricam na sua própria estrutura e forma, instituindo-se, para usar os termos de Mata (1999), como marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido.

No âmbito desse processo, algumas questões vêm nos instigando à investigação, relacionadas à particular configuração e ao modelamento das memórias de grupos étnicos de imigração histórica e contemporânea pela mídia, aos palimpsestos⁴ de memórias midiaticizadas que se instituem na recepção e ao esquecimento, constitutivo deste processo. No marco dessas preocupações, interessamos especificamente, neste artigo, alinhar algumas proposições em torno do conceito de memória coletiva e dar alguns passos no sentido de sua problematização para pensar as conformações que as memórias étnicas adquirem hoje no âmbito do processo de midiaticização.

PENSANDO A MEMÓRIA ÉTNICA EM SEU LASTRO COLETIVO

Pensar a mediação da memória étnica nos desafia a refletir sobre a problemática da memória em sua conformação/vinculação coletiva – *memória coletiva*; evocada por sujeitos individuais, tal memória carrega *marcos coletivos de constituição* - relacionados à pertença a um grupo étnico, à ação da mídia e/ou de outros agentes sociais. Maurice Halbwachs é o autor que trabalhou o conceito de memória coletiva para pensar, desde uma perspectiva sociológica, a dimensão propriamente social da memória. Para ele, a memória individual se assenta e se organiza com base em quadros sociais; carrega consigo a dimensão social dada pela linguagem, pela inserção do indivíduo num contexto social e em relações de pertencimento; ampara-se e se constitui nas relações que o indivíduo mantém com os demais membros de seus grupos de pertença. Argumenta o autor que a recordação/reconstrução de um acontecimento passado se faz a partir de dados e noções comuns que se encontram no indivíduo e nos demais, e isso só é possível se os membros fizerem e continuarem fazendo parte de uma mesma configuração social. Recordar significa voltar a evocar, mediante a interação social, a linguagem, as representações, as classificações coletivas, ou seja, reatualizar a memória do grupo social de pertencimento. A memória coletiva, nessa perspectiva, é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado sob o ponto de vista de um grupo social determinado.

O pensamento do autor privilegia, portanto, a dimensão coletiva de conformação da memória. Entretanto, e concordando com Montesperelli (2004), pensamos que não exclui sua interação com a dimensão individual da memória. Sob essa ótica, o autor propõe que, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um grupo de pessoas, são os

indivíduos que se lembram, na condição de membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, que se apóiam umas sobre as outras, não são necessariamente as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações que mantém com outros meios sociais.

Tomando isso em conta, a idéia de uma memória da sociedade⁵ ou mesmo de uma memória de um grupo unificada é problemática; se tal memória existir, só poderá ser fruto de cruzamentos e integrações de distintas memórias⁶ (e esquecimentos).

O conceito de memória coletiva conserva sua fecundidade para refletir sobre formas de consciência do passado (ou de inconsciência, em caso de esquecimento), de algum modo, compartilhadas por grupos sociais, como aquelas relativas aos grupos étnicos. É possível admitir, e aqui compartilhamos da visão de Candau (2002), que a sociedade/os grupos produzem certas “percepções fundamentais”, que existem configurações de memória características de grupos ou sociedades – para as quais o autor propõe a noção de *marcos sociais de memória*. Mas, no interior dessas configurações, cada indivíduo impõe seu próprio estilo, estreitamente dependente de uma parte de sua história e da organização de seu cérebro, que sempre é única. A memória coletiva pode também compartilhar mais esquecimentos do que propriamente lembranças.

Pierre Nora traz outros elementos para pensar as articulações entre memória individual e memória coletiva e as contradições e conflitos que as atravessam. O que se denomina como memória coletiva, argumenta, com frequência, é produto de uma articulação de estratos de memória distintos; se podemos admitir que certos *lugares de memória* nos

falem de determinadas modalidades de memória coletiva, como a memória étnica, estes são em geral a condensação de memórias plurais, mais ou menos antigas, com frequência, conflitivas e que interatuam entre si. Os lugares de memória seriam a obra de memórias múltiplas, às vezes, convergentes, divergentes e inclusive antagônicas. Por consequência, a memória coletiva não é nunca unívoca. A noção de lugares de memória remete a uma unidade significativa, de ordem material ou ideal, a que a vontade de homens (grupos) e/ou o trabalho do tempo converteram num elemento simbólico de uma determinada comunidade. A idéia de fabricação, de produção do lugar subjaz a essa definição e permite pensar que os lugares de memória são móveis e passíveis de reinterpretações diversas e, inclusive, de se tornarem lugares de esquecimento. A noção de lugares de memória refere-se a lugares que *pertencem à memória*, que são *produto dela*, que vêm dela, e não, lugares em que a memória se encarna. Candau (2002) propõe pensar também os *lugares de amnésia*, aqueles que, dado seu passado, poderiam ter se convertido em lugares de memória, mas nos quais a memória não se encarnou.

Seguindo vários autores, é fundamental pensar nos modos como as estruturas de poder e as lutas em torno da hegemonia pela definição da memória e do esquecimento impactam e marcam os marcos sociais da memória. A questão do poder sobre a memória suscita também a discussão sobre a manipulação da memória e a imposição da amnésia. Sob esse aspecto, a memória coletiva é o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre vontades de distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes relativos à memória dentro da sociedade em seu conjunto⁷.

Estas vontades/grupos/agentes distintos se enfrentam na esfera pública, onde lutam pela hegemonia

sobre os discursos plausíveis e relevantes de memória dentro da sociedade e seu conjunto⁸. Os aparatos e modalidades de transmissão da memória desempenham papel relevante também nas lutas em torno da supremacia da memória, e aqui joga papel fundamental às mídias, como arenas centrais de publicização e de visibilização (ou de esquecimento) da memória dos grupos.

Até aqui, vimos rastreando algumas proposições para pensar a dimensão coletiva da memória, apoiando-nos em autores que, desde o ponto de vista de uma sociologia e antropologia da memória, têm algo a nos dizer sobre esta problemática. Entretanto, o que aqui nos interessa pensar é a conformação de memórias étnicas sob a ação da mídia e, sob esse enfoque, as proposições necessitam ser tensionadas para pensar como a midiaticização opera transformações nos marcos sociais ou lugares de memória étnica.

MIDIATIZAÇÃO E MEMÓRIA ÉTNICA

Os conceitos de *mediaticização* e de *cultura midiática* vêm se impondo no âmbito da reflexão comunicacional para fazer frente ao desafio epistemológico-teórico de se pensar as profundas alterações que se instituem nos mais diversos âmbitos de conformação social com a formação, consolidação e expansão histórica do campo das mídias⁹. Com a noção, não se alude apenas a um estágio mais avançado no intercâmbio dos produtos culturais, fruto do incremento de tecnologias e instituições destinadas à produção de mensagens e ao incremento do uso destes tecnologias e meios; o que se busca tornar inteligível é *o caráter estruturador das práticas sociais e de conformador de desenhos das interações sociais que os meios adquirem; as alterações substantivas em termos do redesenho dos modos como a sociedade se estrutura, produz significados, comunica-se, se reproduz-se e transforma-se – e, nesse contexto, o que*

nos interessa, a memória (especificamente étnica) – no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos diversos âmbitos do social. Mudanças que, no dizer de Mata (1999), estão exigindo que recuperemos a materialidade dos processos significantes, que reponhamos a centralidade dos meios na análise cultural, mas já não como transportadores de algum sentido acrescentado (as mensagens), mas como “*marca, modelo, matriz, racionalidad productora y organizadora de sentido*” (Mata, 1999, p.84). Mas como podemos pensar as transformações da memória étnica no âmbito do processo de midiaticização? Esta é uma interrogação extremamente complexa e não temos a pretensão de dar conta dela neste artigo. Interessa-nos por ora alinhar alguns pontos.

Martín Barbero (2001, 2002, 2003) e Andreas Huyssen (2002), refletindo sobre as transformações atuais da memória, argumentam que, para entendê-las, é necessário pensá-las em relação ao fenômeno da transformação da estrutura da temporalidade social e da experiência do tempo, provocada pela complexa intersecção entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como em relação ao fenômeno da planejada obsolescência dos objetos cotidianos pelo mercado – da qual faz parte a acelerada sincronicidade produzida pelos meios.

Vivemos numa sociedade cujos objetos cotidianos que, durante séculos, haviam sido feitos para durar, se tornam rapidamente obsoletos – condição de funcionamento do sistema – o que se projeta também sobre as idéias, os costumes, os estilos, os gostos, a memória. Frente à memória que, em outros tempos, os objetos acumulavam, e através da qual conversavam as gerações, hoje a maioria dos objetos são descartáveis¹⁰. Essa mesma amnésia é reforçada pelos meios de comunicação. As mídias,

nesse processo, como lugares de fabricação do presente, estariam contribuindo para debilitar o passado, a consciência histórica. A aceleração tecnocultural, fortemente moldada pelas mídias, estaria levando à perda da noção do tempo e à instalação de um presente contínuo, em “*una sequencia de acontecimientos que no alcanza a cristalizar em duración, y sem la cual ninguna experiência logra crear, mas allá de la retórica del momento, um horizonte de futuro*” (Lechner, 1995, citado por Martín Barbero, 2004, p.32). Um sentido de continuidade histórica ou, no caso, de descontinuidade, ambos dependentes de um antes e de um depois, cede lugar à simultaneidade de todos os tempos e espaços, prontamente acessíveis no cotidiano.

A obsolescência acelerada, as alterações da temporalidade e o debilitamento das ancoragens identitárias, das quais participam os meios como protagonistas importantes, parecem levar à vitória do presente e carregam o risco da amnésia; entretanto, como argumentam Martín Barbero (2001a, 2001b) e Huyssen (2002), paradoxalmente, estariam gerando também um desejo de passado – fenômeno de *boom*, ou febre de memória referido por Martín Barbero, de cultura da memória, no dizer de Huyssen, em que as mídias jogam um papel fundamental – cujo sentido não se esgota na evasão, mas expressa a forte necessidade de tempos mais largos e a materialidade de nossos corpos reclamando menos espaço e mais lugar. A *febre* de memória estaria expressando a necessidade de ancoragem temporal de que sofrem as sociedades (e os grupos), cuja temporalidade é sacudida pela revolução tecnológica informacional, que dissolve as coordenadas espaço-temporais do mundo da vida. Nela se manifesta a transformação profunda por que passa a estrutura de temporalidade, que a modernidade nos legou, desestabilizando o lugar do passado como lastro e fazendo da *novidade* a fonte de legitimidade da cultura.

Estaria correndo risco de desaparecer neste processo o passado como continuidade da experiência, que não se confunde com uniformização nem com nostalgia, mas aponta para um mínimo de horizonte histórico que faz possível o diálogo entre gerações e a leitura/tradução entre tradições. Tradição pensada na versão benjaminiana como herança, não-acumulável nem patrimonial, mas radicalmente ambígua em seu valor e em permanente disputa por sua apropriação, reinterpretada e reinterpretável, atravessada e sacudida pelas mudanças e os conflitos permanentes e as inércias de cada época. A memória que se encarrega da tradição, nessa perspectiva, não é a que é a relacionada a tempo imóvel, mas a que faz presente um passado que desestabiliza (Martín Barbero, 2002, 2005).

Montesperelli (2004) também argumenta que a sociedade pós-moderna e a aceleração do curso histórico estariam levando a uma condição em que o passado seria incapaz de iluminar o presente, levando a uma progressiva presentificação da experiência. Outra ameaça apontada seria a excedência cultural, a superabundância de referências no seio de sociedade mediatizada, *“no se olvida por cancelación, sino por superposición, sin producir ausencia, sino multiplicando las presencias. Una masa sobreabundante de informaciones determina que el lector o el telespectador ya no se encuentre en condiciones de recordar lo ocurrido.* (Eco, 1990, p.19, citado por Montesperelli 2004, p.60).

É importante atentar também para a questão de que a experiência multifacetada da recepção hoje, configurada por múltiplas referências midiáticas, por múltiplos palimpsestos midiáticos de memória, assim como as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos, como se a narração explodisse em pedaços. Essas questões nos

permitem pensar que os relatos de memória devem estar se transformando sob a ação desses fenômenos, que podem levar à fragmentação dos relatos de memória e mesmo de produção de lugares de amnésia. É preciso, entretanto, nuançar tais considerações, pensando as especificidades em termos dos relatos de gênero – pensemos aqui nas peculiaridades, por exemplo, do relato da telenovela, cuja duração temporal é larga, diferentemente do relato noticioso televisivo, cuja duração é curta e de composição fragmentada – considerando também particularidades em termos de mídia impressa e televisiva.

Na esteira dessas proposições, julgamos que a memória étnica, que nos interessa particularmente, deve estar sofrendo transformações em sua natureza, qualidade e sentido, marcada pela transformação da estrutura espacial e temporal e em cujo processo a mídia joga um papel fundamental. A mídia pode estar colaborando para um apagamento do sentido do tempo e da memória e transformando a relação com o sentido do passado étnico. Pensamos, em conformidade com Candau (2002) que, nesse processo, a produção de *lugares de memória* deve estar se tornando mais difusa, dispersa e fragmentária; que a mídia atua como agente fundamental de produção de *lugares de memória e de amnésia* – produção marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas (que apresentam distinções quanto aos gêneros) e sua racionalidade de produção de sentido. Entretanto, também pensamos que os lugares de memória e amnésia não são resultado apenas da ação da mídia, mas articulam-se e são cruzados pelas dinâmicas dos contextos em que os agentes vivem, onde operam *mediações* na constituição das memórias étnicas. Estas e outras questões estão a suscitar (e vêm merecendo, de nossa parte), investimento reflexivo e investigação empírica.

NOTAS

- (1) Entre eles, Huyssen (2000), Candau (2002) e Montesperelli (2004).
- (2) No caso desses grupos, para dar exemplos, em nossa pesquisa anterior, constatamos um investimento na cobertura noticiosa da RBS TV em temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, em vários programas locais produzidos pela emissora. Também, em observações exploratórias, constatamos este investimento em outras emissoras regionais como a TVE e o SBT, assim como a TV-COM da RBS. Na investigação conduzida por Cogo (2004) sobre imigração e mídia impressa, também se verificou a presença de temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, particularmente em mídias regionais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em emissoras nacionais, tivemos as telenovelas *Terra Nostra* e *Esperança* (Rede Globo), cujas tramas tematizaram a memória da imigração italiana; no cinema, por exemplo o filme *O Quatrilho*.
- (3) As pesquisas de Cogo sobre a midiaticização da migração contemporânea também permitem ver investimentos da mídia em temas relativos a memórias de grupos étnicos de imigração contemporânea. Por exemplo, em Cogo (2004), a presença desse tipo de tema em jornais regionais e de âmbito nacional.
- (4) Utilizamos a noção de *palimpsesto* para pensar a trama de vários textos de memória que se cruzam e se tensionam na experiência do receptor.
- (5) Na perspectiva de Halbwachs, é pertinente fazer referência a grupos, e não, a toda a sociedade quando se fala de memórias coletivas: grupos identitários, culturas, instituições comporiam uma pluralidade de memórias coletivas dentro de um mesmo sistema social.
- (6) Como observa Jedlowski (1989), citado por Montesperelli (2004).
- (7) Jedlowski, 2000 e de maneira análoga, Benjamin, argumentam nesse sentido, segundo Montesperelli (2004). Também Halbwachs (1990) atenta para as lutas em torno da definição da memória coletiva.
- (8) Inclusive, podemos pensar, no caso da memória étnica, em lutas que se dariam internamente aos grupos étnicos em torno da leitura “legítima” do seu passado, que podem carregar consigo projetos e políticas de identidade e de memória. Sob esse aspecto, torna-se importante pensar também como, no caso da memória italiana, repercutem as ações históricas para empreender uma identidade nacional, como a campanha da nacionalização no Brasil - que determinou o fechamento das escolas e das sociedades de caráter étnico, a proibição da língua, se expressam em termos de amnésias e reconfigurações da memória deste grupo; como também as lutas pela conformação de uma identidade regional, gaúcha, subsumindo memórias particulares a esta; as iniciativas integracionistas de imigrantes, a ação da mídia, enfim, como marcam as configurações atuais da memória dos sujeitos étnicos.

(9) A midiaticização atenta para o lugar estratégico que tal campo passa a ter na configuração das sociedades contemporâneas, possibilitado, pela sua capacidade de “atravessar todos os outros campos sociais, condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas da mídia” (Maldonado, 2002, p.6.) Nas sociedades modernas, as mídias se instituem como um campo social central, lugar de passagem, definição e publicização dos outros campos, ainda que com especificidades nesse *atravessamento* do campo midiático (Esteves, 1998, citado por Maldonado, 2002).

(10) Lembremos que o espaço joga um lugar fundamental na ordenação da memória coletiva, como salienta Halbwachs (1990). A memória ancora-se nos espaços (ou lugares). Quando os grupos estão inseridos numa parte do espaço, eles o transformam à sua maneira, imprimem a sua marca nesse espaço. Os objetos também são suportes de memória, inserem o passado no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Christa. Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. p.60-69.

CANAU, Joel. *Antropología de la memoria*. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

COGO, DenIse. et. al. *Mídia, migração e interculturalidade*. Relatório de pesquisa. São Leopoldo, Unisinos, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. pp.22-36.

LAPIERRE, Jean William (1998). Prefácio. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 9-14.

MALDONADO, A. Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n.9, p.1-15, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19/11/2002.

MARTÍN BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Razón técnica e razón política: espacios/tiempos no pensados. *Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación*, n.1, p.22-37, jul./dez., 2004.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Diálogos de la Comunicación*, Lima, n.64, p.8-23 nov. 2002.

MATA, María Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. *Diálogos de la comunicación*, n. 56, p. 80-91, out. 1999. Disponível em <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso em: 20 de março, 2002.

MONTEPERELLI, Paolo. *Sociología de la memoria*. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

* **Jiani Adriana Bonin** é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil; co-coordenadora do grupo Processocom e membro integrante do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade financiado pela CAPES (Brasil) e MEC (Espanha).

El impacto de la migración internacional en el estudio de la audiencia de televisión

*Amparo Huertas Bailén**

RESUMO

No âmbito dos estudos culturais encontramos os primeiros trabalhos sobre o consumo mediático do imigrante, com certo domínio das proposições psicológicas sobre as antropológicas. Desde a perspectiva comercial, em alguns países as pesquisas de audiência já quantificam o consumo de este segmento da população: esta informação começa a ser muito valiosa para publicitários e anunciantes. **Palavras-chave:** índices de audiência; coletivo imigrante; estudos culturais.

ABSTRACT

*The first work on the use of media by migrants is to be found in the field of cultural studies with a definite focus on the psychological aspects rather than on the anthropological ones. From a commercial perspective, as in some countries audience research already quantifies this population segment, this information is beginning to become highly valuable to the marketing and advertising sectors. **Key words:** Television audience; immigration; cultural studies.*

RESUMEN

*En el marco de los estudios culturales encontramos los primeros trabajos sobre el consumo mediático del inmigrante, con cierto dominio de los planteamientos psicológicos sobre los antropológicos. Desde la perspectiva comercial, en algunos países los sondeos de medición ya cuantifican el consumo de este segmento de la población: esta información comienza a ser muy valiosa para publicitarios y anunciantes. **Palabras clave:** audiencia de televisión; inmigración; estudios culturales.*

Este artículo está dividido en dos partes bien diferenciadas. En primer lugar, trata del modo en que se ha estudiado al inmigrante, en calidad de espectador de televisión, en el ámbito académico y, a continuación, se aborda el tratamiento de este segmento de la población desde la perspectiva comercial. En gran parte de la literatura especializada en comunicación se elude este segundo tipo de investigaciones por considerarlas de escaso interés científico dada su estrecha relación con lo que se denominan los estudios de mercado. Además de ser útiles para establecer las parrillas de programación, la otra función principal de las mediciones de audiencia, buque insignia de esta perspectiva, es facilitar a anunciantes y publicitarios el diseño de campañas eficaces, con un alto número de impactos y un bajo coste económico. Ello es un hecho incuestionable, pero también es cierto que este tipo de sondeos juega un papel primordial en la construcción social del público televisivo, lo que nos obliga, como investigadores de la comunicación, a prestarles atención. Además, no hay que olvidar que en los sondeos se usan muestras de gran tamaño, inabarcables en los análisis cualitativos.

En el entorno académico, el estudio de la recepción y del uso de la televisión de las personas que viven alejadas de su país de origen se encuentra todavía dando sus primeros pasos. Para explicar este desinterés, algunos autores apelan al hecho de que la antropología no haya tenido gran incidencia en la investigación de la audiencia televisiva. Si bien es cierto que en el marco de los estudios culturales se ha dado un destacado uso de metodologías de carácter etnográfico, como por ejemplo la entrevista en profundidad o la observación participante, los planteamientos de carácter psicológico han dominado sobre la mirada antropológica en la historia de la investigación de la audiencia (HUERTAS, 2002).

No obstante, en el área de los estudios culturales encontramos diferentes trabajos próximos a nuestro tema de interés, el consumo mediático del inmigrante. En general, estas aportaciones indagan en torno a procesos de comunicación en los que se produce una hibridación de culturas. Uno de los más ambiciosos y complejos es el de Katz y Liebes (1990). Se trata de un estudio que, aunque el paso del tiempo ha puesto en evidencia sus limitaciones metodológicas, tiene un gran valor por introducir una nueva manera de mirar la audiencia.

Con el objeto de conocer el modo en que diferentes comunidades interpretaban y evaluaban, a partir de su cultura y de su propia experiencia personal, un producto de éxito producido en Estados Unidos, Katz y Liebes realizaron entrevistas a seis grupos sociales distintos: cuatro afincados en Israel (israelíes de origen ruso, árabes ciudadanos de Israel, judíos procedentes de Marruecos y, por último, miembros de las comunidades establecidas en aquel país basadas en la economía solidaria y que reciben el nombre de kibbutz), otro formado por americanos de segunda generación residentes en Los Ángeles y otro compuesto por japoneses que permanecían en su país natal. El programa escogido para analizar su recepción fue la serie de ficción *Dallas*, emitida en Estados Unidos entre 1978 y 1991.

La metodología aplicada consistió en la realización de entrevistas en profundidad a familias que, previamente y en sus casas, habían visionado un capítulo de la famosa serie. En las sesiones no se mezclaban miembros de distintos grupos sociales y, en la mayoría de ocasiones, las familias reunidas ya se conocían personalmente con anterioridad. Este conocimiento previo y el visionado conjunto se consideran, hoy en día, poco recomendables. Que los componentes de la muestra de un estudio se conozcan entre sí suele propiciar homogeneidad en los

resultados y, respecto al visionado, se recomienda crear situaciones lo más parecidas al entorno natural.

A la hora de presentar los resultados, Katz y Liebes distinguían entre “referencial reading” (interpretación referencial) y “critical reading” (interpretación crítica). Cuando los componentes de la muestra hablaban sobre la serie implicándose emocionalmente, y como si se tratara de vivencias reales, eran clasificados dentro de la modalidad “interpretación referencial”. En cambio, los discursos donde era evidente el reconocimiento de la serie como ficción, como un producto televisivo, eran considerados como críticos. Las manifestaciones más reacias fueron las expuestas por los rusos residentes en Israel, seguidos por los americanos y, en tercer lugar, los residentes en comunidades kibbutz. A continuación se situaron los judíos marroquíes y los árabes. Ahora bien, unas y otras posturas no siempre respondían a las mismas razones, por lo que la distinción entre “interpretación referencial” e “interpretación crítica” resultó ser una clasificación insuficiente. Así, por ejemplo, mientras que los rusos basaban sus críticas en el hecho de que la serie sólo potenciaba el sistema económico capitalista, los americanos formaban su opinión a partir de las decisiones y comportamientos de los personajes ficticios. Otra de las conclusiones generales apuntaba que, cuanto mayor era el nivel de estudios, mayores probabilidades había de posturas de rechazo.

La recepción de *Dallas* también fue estudiada en otro trabajo que ha tenido una notable trascendencia, el realizado por Ang (1985). En el seno de los estudios culturales, existe una gran preocupación por el poder de las industrias culturales estadounidenses, de ahí el interés por la influencia de productos norteamericanos de éxito en culturas ajenas. El estudio de Ang estuvo claramente marcado por una perspectiva psicológica y

se centró en el proceso de identificación. Le interesaban “los aspectos del programa que producían una satisfacción emocional a los espectadores” (NIGHTINGALE, 1999, 133-34). La muestra fue escogida a partir de las respuestas que obtuvo tras la publicación de un texto de reclamo en la prensa.

Otro grupo de investigaciones, también pertenecientes al ámbito de los estudios culturales, que son útiles en la construcción de los pilares del estudio del inmigrante como audiencia es el formado por aquellos trabajos que han analizado cómo se consume la televisión en los hogares de diferentes culturas. Aunque las muestras no están compuestas por personas que se han desplazado fuera de su país de origen, el hecho de aplicar metodologías similares en países diversos permite realizar comparaciones de la función y el uso de los medios en diferentes contextos culturales. Uno de los autores más destacados es James Lull (1990).

Ahora bien, aunque escasos, también encontramos ejemplos que tratan de manera específica el consumo de productos televisivos por parte de personas que viven alejadas de su territorio geográfico y simbólico. Entre estos, destaca la investigadora Mary Gillespie (1995), quien realizó un estudio sobre las familias hindúes residentes en un barrio londinense. Gillespie investigó cómo estas familias utilizan la televisión por cable o satélite, y el video, y comprobó su utilidad para mantener su fe y sus tradiciones en un país mayoritariamente cristiano. Las familias hindúes visionaban con regularidad grabaciones de una popular serie de su país de origen, *Mahabarata*. Respecto a los adolescentes asiáticos, Gillespie exploró en detalle el modo en que la televisión se convierte en un elemento central en la formación y transformación de la identidad dentro del grupo. Menos conocido es el estudio de Minu Lee y Chong Heup Cho (1990),

quienes analizaron los motivos por los que las mujeres coreanas y residentes en Estados Unidos visionaban series de ficción producidas en su país de origen. La principal conclusión apuntó hacia lo que se podría denominar “recepción emotiva”, ya que la mayor parte de la muestra expresó que durante el consumo se sentían como si nunca hubieran abandonado su país.

En Latinoamérica este tipo de planteamientos están extendiéndose con gran rapidez. Uno de los trabajos más recientes es el de Ana Uribe (2004), quien estudió la recepción de telenovelas mexicanas por parte de inmigrantes de origen mexicano residentes en Los Ángeles. Otro ejemplo es el de Grimson (1999), quien analiza el uso de los medios por parte de inmigrantes bolivianos en Buenos Aires. Entre sus conclusiones, Grimson advierte de las diferencias derivadas del lugar de origen (rural o urbano) y de las determinadas por la edad (por ejemplo, los jóvenes, a diferencia de los adultos, desarrollan procesos de identificación con grupos musicales y presentadores).

En definitiva, este conjunto de investigaciones lo que pone en evidencia es que al grupo social formado por los inmigrantes procedentes de un mismo país en ningún caso se le puede aplicar el concepto de “comunidad interpretativa”, sin hacer más distinciones. Este término, definido por Lindlof (1988), señala que la pertenencia a un grupo cultural/social determinado influye en la recepción y valoración de los productos televisados. La recepción mediática es diversa y compleja. En ella, no sólo intervienen aspectos sociales y culturales. Es indudable que en la vida cotidiana particular e individual quedan reflejadas las características de la sociedad en general, pero también es cierto que las vivencias personales juegan un papel esencial en la formación del individuo. Y la consideración de estas experiencias es todavía más necesaria cuando se analiza el fenómeno de la inmigración.

En lo que se refiere a la perspectiva comercial, y centrándonos en las mediciones de audiencia, el interés por la cuantificación aparece en la década de los 90 del siglo XX en Estados Unidos. Cuando los grupos de hispanos y de afroamericanos comienzan a tener unas dimensiones de interés comercial, Nielsen –empresa dedicada a la medición de la audiencia en aquel país- crea una muestra nacional específica, representativa de estos dos segmentos de la población, y bajo el nombre de Ethnic TV comienza a generar datos sobre su consumo televisivo. Es decir, esta primera inclusión de muestras específicas en los sondeos cuantitativos es muy reciente.

En marzo del 2005 esta compañía hizo público un informe encargado a diferentes expertos con el objeto de saber en qué apartados podía mejorar su tarea investigadora. Muchas de las recomendaciones finales hacen referencia a la diversidad cultural. El informe no sólo alerta sobre la necesidad habitual de ampliar las muestras de este grupo de la población, sino que también apela a cuestiones que todavía no están muy extendidas en las empresas encargadas de hacer estudios de mercado. Entre las más destacadas, aparece la necesidad de preparar a los encuestadores para poder entrevistar sin problemas a personas de diferentes culturas, la utilidad de hacer diferentes diseños del material a presentar a los encuestados con rasgos estéticos distintos para adecuarlos a los diversos grupos sociales y, por último, promocionar dentro del organigrama de la empresa a personas procedentes de diferentes culturas.

El hecho de que en el informe se incluyera este tipo de consejos se debe a que, en gran parte, su realización fue una respuesta a las demandas del colectivo de inmigrantes. Los afroamericanos e hispanos habían iniciado una campaña de oposición a Nielsen en febrero de ese año. A través de un

movimiento ciudadano denominado “Don’t count us out” (traducido como “Queremos ser contados”), este colectivo reivindica el derecho a ser tratado con igualdad en todos los ámbitos.

En España, el Estudio General de Medios (EGM), elaborado por la Asociación para la Investigación de la Comunicación de Masas (AIMC), realiza entrevistas personales a más de 43.000 personas al año para saber el consumo de medios de la población española. La inclusión de una pregunta sobre la nacionalidad del entrevistado, para permitir obtener datos específicos de este sector de la población, se hizo por primera vez en el año 2002. En realidad, esta fecha no ha de sorprender, ya que la preocupación por incorporar a la totalidad de personas residentes en España, independientemente de su nacionalidad o situación legal, en el Censo de Población y Viviendas realizado por el Instituto Nacional de Estadística (INE) aparece el año 2001.

En lo referente a las cuestiones metodológicas, el Estudio General de Medios apunta como principales dificultades a la hora de estudiar el consumo de medios del inmigrante el recelo de éstos ante el entrevistador, motivado en la mayoría de ocasiones por su situación legal, y los problemas derivados del idioma a la hora de hacer las entrevistas.

Pero analicemos los resultados de este estudio referentes al año 2004, información muy valiosa para el investigador social. Sobre todo, destacaremos aquellas características que diferencian al extranjero del español:

- Los extranjeros acceden con más regularidad a Internet y van más asiduamente al cine. Por el contrario, la lectura de diarios y suplementos y la escucha de la radio presentan índices inferiores a los de los españoles. El consumo de revistas y de la televisión (cobertura estatal) es similar en ambos casos.

- Si diferenciamos entre radio generalista (programación variada) y radio musical, esta última es la preferida por los extranjeros. En cambio, los españoles prefieren el primer tipo.

El Estudio General de Medios diferencia entre cuatro grupos: Africanos, Europeos, Americanos y Asiáticos. La comparación entre ellos permite observar que:

- Los asiáticos, muy probablemente por cuestiones del idioma, son los que menos medios de comunicación consumen.
- Los americanos son, por el contrario, los que mayor consumo de medios realizan. Los datos publicados no permiten distinguir entre la población americana que habla castellano y la que no.
- Los africanos, muy probablemente por los problemas socioeconómicos de su país de origen, son los que menos acceden a Internet.

En resumen, ambas perspectivas, la académica y la comercial, contribuyen en el conocimiento del comportamiento del inmigrante ante los medios de comunicación. Las conclusiones de estas primeras aportaciones están formando los pilares de un objeto de investigación de creciente interés y, lo que es más importante, pueden determinar la manera de observar a este público. Sabemos que la manera de aproximarnos a un objeto de estudio determina en gran parte los resultados. Y, en un ámbito social como es el de la inmigración, conviene estar alerta ante las posibles miradas xenófobas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANG, Ien. *Watching Dallas*. London: Routledge, 1985.
- GILLESPIE, Marie. *Televisión, Ethnicity and Cultural Change*. London: Routledge, 1995.
- GRIMSON, Alejandro. Migrantes bolivianos y tecnologías audiovisuales. Circulación cultural y uso de los medios. In: GRIMSON, Alejandro; VARELA, Mirta. *Audiencias, cultura y poder*. Buenos Aires: Eudeba, 1999. p. 227-242.
- HUERTAS, Amparo. *La audiencia investigada*. Barcelona: Gedisa, 2002.
- KATZ, Elihu y LIEBES, Tamar. *The export of meaning: Cross-Cultural Readings of Dallas*. New York: Oxford University Press, 1990.
- LEE, Minu y CHO, Chong Heup. Women Watching Together: an Ethnographic Study of Korean Soap Opera Fans in U.S. *Cultural Studies*. Chal Hill: University of North Carolina, Board, n.4 (1), p. 30-44, 1990.
- LINDLOF, Thomas R. Media audiences as interpretative communities. In: Andreson, J. (comp.). *Communication Yearbook*. v. 11. Newbury Park: Sage, 1998. p. 81-107
- LULL, James. *Inside family viewing: ethnographic research on television's audience*. London: Routledge, 1990.
- NIGHTINGALE, Virginia. *El estudio de las audiencias*. El impacto de lo real. Barcelona: Paidós, 1999.
- URIBE, Ana. As telenovelas mexicanas no México de Afuera. In: VASSALO DE LOPES, Immacolata (coord.). *Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Ediciones Loyola, 2004.

* **Amparo Huertas Bailén** es Doctora en Ciencias de la Información (Periodismo). Profesora Titular del Departamento de Comunicación Audiovisual y de Publicidad, de la Universidad Autónoma de Barcelona. Especializada en el estudio de la audiencia de televisión y la programación radiofónica. Colaboradora de MIGRACOM.

Ruínas Latino-Americanas - Cidades imaginárias + imaginários multiculturais (Uma proposta de trabalho)¹

*Fabrizio Silveira**

RESUMO

O artigo discute a possibilidade metodológica da realização de “cartografias subjetivas da experiência urbana e migratória”. Sugere a cidade de Porto Alegre e um grupo de imigrantes latinos aí residentes como operadores empíricos da proposição. Nossa hipótese é a de que, quando implementado, esse exercício de investigação poderá revelar certos traços de uma mítica e idealizada capital latino-americana. **Palavras-chave:** Imaginários urbanos; cidades; multiculturalidade.

ABSTRACT

*The article argues the methodological possibility of creating a “subjective cartography of urban and migratory experience”. It suggests the city of Porto Alegre and a group of Latin immigrants resident there as empirical operators of the proposal. Our hypothesis is that, when implemented, this exercise of inquiry will disclose certain traces of a mythical and idealized Latin American capital. **Keywords:** Urban imaginaries; cities; multiculturalism.*

RESUMEN

*El artículo propone la posibilidad metodológica de la realización de “cartografías subjetivas de la experiencia urbana y migratoria”. Sugiere usar la ciudad de Porto Alegre, y en concreto un grupo de inmigrantes latinos residentes en la ciudad, como protagonistas empíricos de la proposición. Nuestra hipótesis es que la realización de ese ejercicio de investigación permite revelar ciertos rasgos de una mítica e idealizada capital latinoamericana. **Palabras clave:** Imaginários urbanos; ciudades; multiculturalidad.*

Dentre os inúmeros comentadores e intérpretes dos escritos do filósofo alemão Walter Benjamin, existe pouco consenso. Um deles – talvez o único, poderíamos dizer, caso aceitássemos correr o risco do exagero e das afirmações excessivamente taxativas – é o fato de que as cidades por ele visitadas ao longo das décadas de 1920 e 30 adquirem amplos significados culturais, afetivos e políticos. O amplo conjunto de textos deixados por Benjamin nos conduz à percepção de uma certa geografia intelectual e íntima. Ao tomar Paris como campo de estudos – como *medium-de-reflexão*² – no *Trabalho das Passagens*, o autor situa a capital francesa justamente no coração dessa particularíssima topografia. Tanto Willie Bolle (2000), quanto Susan Buck-Morss (2002), por exemplo, concordam que vida e obra de Benjamin cruzam-se, confundem-se e traduzem-se graficamente num mapa.

O presente artigo pretende formular, então, a possibilidade metodológica da realização – muito motivada por Benjamin – de algo como “cartografias ou mapas subjetivos da experiência urbana e migratória”. Tal elaboração poderia colocar-se dentre os esforços de interfaceamento dos projetos singulares de investigação que integram o projeto bilateral de cooperação acadêmica Brasil-Espanha, intitulado “Mídia e interculturalidade. Estudo das estratégias de mediação das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Europeia e do Mercosul”³.

Nesse contexto e ao modo de uma nova ‘projeção-pesquisa’, abriria-se 1) a perspectiva de deflagrarmos (e incorporarmos no corpo de nossas investigações – ou de novas e sucessivas investigações que possam se seguir) processos alegóricos ou inconscientes de leitura da cidade e/ou de ambientes urbanos. Processos semelhantes àqueles dos quais Benjamin se vê investido. Para Néstor Canclini (2003:

96), por exemplo, este tipo de aproximação tem conseqüências para a construção da cidadania cultural, porque esta cidadania não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação ‘real’ em estruturas jurídicas ou sociais, mas também a partir de uma cultura formada nos atos e interações cotidianos, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana.

Como decorrência lógica, 2) a cidade estaria sendo entendida, fundamentalmente, como uma espécie de ‘arena’ comunicacional e multicultural. O cenário da cidade seria o “teatro de uma guerra de relatos”, como diz Michel de Certeau. “Relatos de uma heterogeneidade cultural, sem dúvida, tensa, que é atravessada pelas clivagens de etnia, sexo, gênero, classe, idade etc; relatos que podem ainda abranger a ação dos grandes relatos da TV e da publicidade, que esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua ou de bairro”, como fala Cordeiro Gomes (2004: 07-08). Em nosso caso, por exemplo, Porto Alegre seria também um *medium-de-reflexão*.

Além disso, 3) do ponto de vista metodológico, afirma-se a possibilidade técnica da realização de “cartografias imaginárias” e da estipulação de confrontos dialético-temporais – para os quais, aliás, os recursos fotográficos (e, em suma, a provocação e o trabalho genérico das imagens) serão sempre bem-vindos. Aliás, essa disposição se acentua quando Willi Bolle (1999: 97-98) comenta que “as relações entre o mapa de uma cidade e a geografia mental de seus habitantes sempre exerciam um fascínio especial sobre Benjamin. Em toda sua obra, podem ser detectadas metáforas cartográficas, como ‘mapa da vida’, ‘esquema gráfico’, ‘rede de coordenadas’, ‘diagrama’ (...)” etc. Dessa forma, no recurso oportuno a essa ambientação epistêmica, podem se amarrar progressivamente nossos interesses pelos convívios urbanos e pelos convívios multiculturais.

Trata-se, então, de esboçarmos mapas simbólicos ou cartografias sentimentais de Porto Alegre. Para tanto, procuraremos, por exemplo, coletar e ouvir relatos de imigrantes – mais especificamente, imigrantes latino-americanos, residentes há cerca de duas décadas, na capital gaúcha. De posse desses relatos, dessas histórias narradas, encontraríamos os fragmentos de uma cidade imaginária, submetida, tanto à perspectiva do tempo (a memória reconfigurada pelos anos que se passaram), quanto ao risco quase inevitável de uma redutora equiparação cultural (o imigrante flagrado em seu mais tenro momento de chegada e de estranhamento – deslumbre, rejeição ou acautelamento – intercultural).

Os pontos urbanos porventura citados causariam tanta surpresa se fossem comparados à lista de pontos turísticos de Porto Alegre? A cidade que chamou a atenção e acabou por registrar-se no imaginário afetivo dos imigrantes latinos, justamente no momento em que se encontravam mais abertos ao impressionamento provocado pela nova terra, é a mesma cidade que ainda hoje chama a atenção e causa orgulho ao cidadão porto-alegrense mais comum?

Para dar conta dessas questões, parece-nos viável, metodologicamente, obtermos descrições de cenários e confrontá-los, em seguida, aos registros atuais desses mesmos locais citados, obtidos via documentação fotográfica ou então em função dos documentos cartográficos disponíveis. Seria possível também armar a conjunção (ou a justaposição) dos registros orais (memorialísticos, afetivos, imaginários, enfim) fornecidos por nossos informantes, concebendo, a partir daí, uma capital latino-americana mitificada e muito paradoxal – ficcionalizada, por certo –, composta de recortes temporais e das impressões subjetivas por ela causadas. Certamente, esses espaços citadinos acionariam lembranças afetivas muito

singulares; seriam compostas por cheiros, por exemplo, por situações características, por personagens típicos, por lembranças dos horários do dia, talvez por traumas ou insucessos pessoais. Assim, qual seria a cor dessa cidade? Que estados de espírito estariam associados a ela? Como estaria povoada?

Trata-se, então, de dar forma a essa grande composição de impressões e fragmentos. De um lado, teríamos as falas de um pequeno conjunto de imigrantes latino-americanos. Essas falas nos permitiriam um primeiro mapeamento e um primeiro registro de alguns pontos urbanos – por hipótese: pontos de acolhida de imigrantes, pontos de referência cultural – tais como bares típicos, praças –, mas também igrejas, prédios públicos etc. Em seguida, como complementação metodológica, teríamos a possibilidade de confrontar essa cidade narrada, essa cidade incrustada na memória, os pontos nela indicados, com o registro desses mesmos locais tal como hoje se encontram (nas fotografias, nos mapas oficiais e nos documentos públicos).

Esta Porto Alegre tão típica – essa peça quase frankensteiniana, entre o fictício e o virtual – estaria viva, estaria ocorrendo, simultaneamente, em muitos ‘terrenos subjetivos’, estaria dispersa em muitas memórias. Refazê-la agora, segundo os instrumentos metodológicos que aqui sugerimos, apanhá-la numa narrativa que assim possa dar-lhe unidade (ao menos a unidade dessa experiência epistêmico-textual) seria também apanhá-la numa certa brecha cronológica, nas múltiplas tensões entre o tempo efetivamente transcorrido (para cada um dos sujeitos convidados à fala) e a envolvente factualidade do presente. Desse confronto de temporalidades (ou temporalizações) subjetivas distintas, poderia emergir, então, aquilo que o crítico cultural John Kraniauskas chamou de *inconsciente colonial* (e que agora, talvez mais

apropriadamente, poderíamos rebatizar como ‘inconsciente multicultural urbano’): o resíduo psíquico no qual a experiência migratória pode redundar.

Cabe reconhecer ainda que o elemento mais propriamente comunicacional (ou técnico-midiático) dessa investigação não se encontra colocado em sua base, como elemento deflagrador do processo de pesquisa ou como elemento ao qual, muito naturalmente, estaríamos direcionados. Aqui, pretende-se tão somente abrir-se à possibilidade de sua aparição. O elemento comunicacional pode surgir, então, nas falas recolhidas, seja como menção, por exemplo, a um cartão-postal que, porventura, tenha gravado a cidade na lembrança (e que tenha motivado, talvez, a curiosidade pela capital gaúcha ou até mesmo sua escolha como destino de viagem); pode vir também como referência ao jornal de um determinado dia, lido num determinado local ou numa determinada situação localizada, e que agora salta à mente como o primeiro emblema (talvez o mais forte emblema) da imersão numa cultura diversa. Poderia ainda ser a lembrança do som de um aparelho radiofônico ou de uma televisão ligada compondo determinado ambiente. De qualquer forma, não se trata de fazê-los aparecer, forçosamente, mas de deixá-los aparecer, caso vierem. E caso apareçam, cabe-nos, então, tomá-los como objetos especiais de reflexão. Outros fenômenos comunicacionais poderiam ser acolhidos da mesma forma: seja a lembrança de uma marca, um *jingle* publicitário, uma mercadoria à venda numa vitrine, um produto qualquer, embalado em rótulos ou cores que tenham chamado a atenção, ou até mesmo uma canção popular que tenha se depositado firme na lembrança. Assim, os elementos comunicacionais (nossas *madeleines*⁴ contemporâneas) figurariam como complementos sugestivos, capazes de sintetizar ou compor memórias – e é assim que nos cabe abordá-

los: respeitando o modo delicado como se condicionam às recordações pessoais.

Não se trata também de estabelecer uma reflexão teórico-abstrata sobre a natureza ou a essência da memória (seja a partir de Bergson ou Halbwachs, seja a partir de Bachelard ou mesmo em função de Benjamin). Antes, interessa-nos obter dados que nos permitam apenas compor a topografia imaginária de um espaço circunstancial de acolhida de imigrantes latinos. Encontraríamos aí algum tipo auto-imposto ou auto-atribuído de ‘guetização’ etno-cultural? Ou, ao contrário, poderíamos assim cogitar o retrato alegórico de uma cidade latino-americana ideal (ou idealizada)? Por ora, cabe reconstruí-la não apenas para uma pessoa, mas para uma experiência – a experiência migratória, a experiência daquele que chega, estrangeiro, à cultura brasileira-gaúcha, e que, nela, impressiona-se e registra em si uma cidade (com todos os seus apelos, comunicacionais ou não).

SOBRE AS ENTREVISTAS

A estimativa é a de que possamos reunir um número considerável de entrevistas com migrantes latino-americanos residentes em Porto Alegre, há cerca de vinte anos. Essa demarcação (praticamente, um pré-requisito) temporal talvez seja suficiente para conferir um certo ‘efeito de perspectiva’ às falas, demandando também algum ‘trabalho da memória’. A princípio, acreditamos que uma dezena de entrevistas abertas – embora pautadas pelas questões abaixo listadas – seja suficiente para montarmos um *mapa memorialístico latino-americano* da cidade de Porto Alegre. Certamente, a própria qualidade (ou o próprio rendimento) desse material irá regular o número de entrevistados procurados e a necessidade de novas e novas entrevistas. É preciso reconhecer também que, obviamente, os encontros entre pesquisador-pesquisado

não devem se restringir a uma aplicação meramente burocrática de uma lista de perguntas; antes, espera-se que tenhamos efetivas situações dialogais, de trocas subjetivas, simpáticas ou até mesmo informais. Já foi dito também que nossos movimentos técnico-metodológicos só se completarão no trabalho de textualização, de montagem narrativa dos cenários lembrados e de inclusão das fotografias do presente desses pontos urbanos. Esses procedimentos todos combinados podem potencializar os paradoxais *geo-historiogramas fotográficos* da capital gaúcha. As dez interrogações que abaixo se seguem tentam suscitar uma certa *memorabilia*, tentam destravar uma série de associações (paralelos, comparações) interculturais que confrontam **a**) capitais e cidades diferentes (Porto Alegre e qualquer outra cidade natal latino-americana) nos mesmos momentos históricos ou **b**) a mesma cidade flagrada em tempos distintos. Além disso, a própria formação étnico-sociocultural dos entrevistados também irá pulverizar outros ângulos, acrescentando novas e maiores complexificações às variáveis (**a** e **b**) acima citadas. Essa composição prismática de respostas possíveis poderá nos ajudar no silenciamento de uma outra pergunta, mais abrangente e talvez ainda mais genuinamente benjaminiana – a pergunta, enfim, que impulsionaria essa peça particular de investigação: o exame dessa ou de qualquer outra metrópole nos permitirá vislumbrar, de relance ao menos, a mítica cidade perdida – a cidade em ruínas – das culturas latino-americanas em trânsito?

Para tanto, mais concretamente, supomos que as seguintes questões possam nos auxiliar:

1. Quando você chegou a Porto Alegre?
2. Por que escolheu a cidade?
3. Como veio?
4. Mais exatamente, o que você lembra da capital gaúcha, na época em que aqui desembarcou? Pode descrevê-la?

5. Nos primeiros dias, o que mais lhe chamou a atenção (lugares, práticas cidadinas, hábitos dos porto-alegrenses)? Você sabe dizer como eram? Sabe dizer por que lhe causaram tanto espanto?
6. Que lugares eram aqui freqüentados por seus compatriotas ou companheiros de viagem? Por que essa preferência?
7. Onde seu grupo de amigos e/ou conterrâneos costumava reunir-se? Havia algum motivo em especial? E hoje, como se encontram tais lugares? Costuma ainda freqüentá-los?
8. Para você, quais eram os lugares mais tipicamente 'porto-alegrenses'?
9. Algum local lhe lembrava seu país (ou sua cidade) de origem? Qual? Seria possível descrevê-los e compará-los em maiores detalhes?
10. Em sua avaliação, o que mais se transformou na cidade de Porto Alegre, positiva e negativamente, nos últimos anos?

Nossa expectativa, por fim, é a de que tais elaborações teóricas e metodológicas possam, num futuro próximo, materializar resultados e dados interessantes. Só a implementação do trabalho de campo e a coleta, tanto de imagens fotográficas da cidade de Porto Alegre, quanto de depoimentos de imigrantes que aqui chegam (ou que aqui chegaram já há algumas décadas) podem trazer indícios dos processos simbólicos e subjetivos em função dos quais a experiência migratória e a experiência urbana se imbricam. No momento, fica, então, o projeto de trabalho e a promessa de que a continuidade da investigação contemplará o que foi aqui somente esboçado.

NOTAS

(1) O presente artigo 6 parte do projeto de investiga77o “Porto Alegre em C3digo. Linguagens vivas da comunica77o urbana”, desenvolvido pelo autor, a partir de agosto de 2004, junto ao Programa de P3s-Gradua77o em Ci4ncias da Comunica77o, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em S7o Leopoldo/RS. Tal projeto se articula 7s atividades do projeto Brasil-Espanha.

(2) Tradua77o do termo alem7o *reflexionsmedium*, usado por Benjamin para designar a qualidade da obra de arte – ou da cidade, no caso – de proporcionar conhecimento cr3tico. Mais detalhes em Bolle (1999).

(3) Sobre esse macroprojeto, aprovado simultaneamente pela CAPES (no Brasil) e pelo MEC (na Espanha), articulam-se investiga77es individuais e menores, tal como a pesquisa que desenvolvemos sobre a paisagem semi3tico-comunicacional da capital ga7ucha. Assim, diferentes proposi77es e diferentes grupos de trabalho colocam-se em rota de coopera77o, construindo um espa7o de trocas e complementa77es te3ricas, metodol3gicas e epist4micas. Este artigo n7o deixa de ser, justamente, uma evidencia77o dessa converg4ncia.

(4) Imortalizadas por Marcel Proust como grandes evocadoras de lembran7as, *madeleines* s7o um tipo de bolinho franc4s, seco e assado, muito apreciado, ainda hoje, dentro e fora da Fran7a. A receita pode ser encontrada em http://www.recettes-et-terroirs.com/recette_detail-19-1519.html.

REFER4NCIAS BIBLIOGR7FICAS

BENJAMIN, Walter. *Rua de M7o 7nica*. Obras Escolhidas II. 5ª ed. S7o Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metr3pole Moderna*. Representa77o da hist3ria em Walter Benjamin. 2ª ed. S7o Paulo: FAPESP/EDUSP, 2000.

_____. A metr3pole como *m4dium-de-reflex7o*. in: SELIGMANN-SILVA, M7rcio (org.). *Leituras de Walter Benjamin*. S7o Paulo: FAPESP; Annablume, 1999.

BUCK-MORSS, Susan. *Dial3tica do Olhar*. Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Chapec3: Argos Editora Universit7ria, 2002.

CANCLINI, N3stor Garcia. *A globaliza77o imaginada*. S7o Paulo: Iluminuras, 2003.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade como arena da multiculturalidade. Artigo publicado na edição 01, em dezembro de 2004, da revista eletrônica *e-compós*: <http://www.compos.org.br/e-compos>.

KRANIAUSKAS, John. “Cuidado, ruínas mexicanas! *Rua de mão única* e o inconsciente colonial”. in: BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter (orgs.). *A Filosofia de Walter Benjamin*. Destruição e experiência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convênio Andrés Bello, 2001 (trad.: Pérola de Carvalho e Mariza Bertoli).

* **Fabrizio Silveira** é jornalista (UFSM), mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Comunicação (UNISINOS). Atualmente, é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (UNISINOS), onde desenvolve também atividades de investigação e orientação de pesquisas de mestrado e doutorado.

EXPERIÊNCIAS DE RECEPÇÃO MIDIÁTICA DAS MIGRAÇÕES DESDE BARCELONA E PORTO ALEGRE

“Yo tenía una imagen de Europa Hollywood”: de los sueños a la “realidad”. Un análisis cualitativo de algunas primeras entrevistas realizadas con inmigrantes en Barcelona

Sara Losa*

RESUMO

Este artigo propõe algumas pistas para uma análise qualitativa a partir de algumas primeiras entrevistas realizadas com pessoas residentes em Barcelona e provenientes da União Europeia ou América Latina dentro do projeto bilateral de cooperação acadêmica Brasil-Espanha. Serão analisadas em particular as representações, expectativas e motivações relacionadas com as migrações contemporâneas e sua relação com os meios de comunicação. **Palavras chave:** migração; meios de comunicação; representação.

ABSTRACT

*This article suggests some directions for qualitative analysis deriving from the first interviews conducted with European and Latin American people living in Barcelona. These interviews are part of a joint academic research project between Brazil and Spain. Representations, expectations and motivations linked with contemporary migration will be analyzed focusing on their relationship with mass media. **Key words:** migration; mass media; representation.*

RESUMEN

*Este artículo propone algunas pistas para un análisis cualitativo a partir de algunas primeras entrevistas realizadas con personas residentes en Barcelona y provenientes de la Unión Europea o de América Latina en el marco del proyecto bi-lateral de cooperación académica Brasil-España. Se analizarán en particular las representaciones, expectativas y motivaciones relacionadas con las migraciones contemporáneas y su relación con los medios de comunicación. **Palabras clave:** migración; medios de comunicación; representación.*

INTRODUCCIÓN

En este artículo, nos proponemos plantear una serie de reflexiones a partir de algunas de las primeras entrevistas¹ realizadas entre mayo y agosto del 2005 con europeos y latinoamericanos residentes en Barcelona, para analizar la construcción de los imaginarios y representaciones que se derivan de la recepción mediática. Estas entrevistas forman parte del proyecto de investigación internacional realizado en colaboración entre Brasil y España titulado “Interculturalidad y medios de comunicación: estudio de las estrategias de mediatización de las migraciones contemporáneas en los contextos brasileño y español y sus repercusiones en la construcción mediática de la Unión Europea y del MERCOSUR”².

Las ideas propuestas en este trabajo no deben ser consideradas como conclusiones generales. Nuestra intención es formular algunas reflexiones intermedias de la autora surgidas durante el proceso de investigación y que no representan el análisis del grupo de investigadores. Creemos que estas pistas de análisis puedan ser interesantes y constructivas como revelador del funcionamiento y desarrollo del proceso investigativo, demostrando que el análisis es un trabajo constante de reinterpretación y reajuste.

Los entrevistados han sido seleccionados a partir de una muestra elaborada a partir de datos demográficos representativos de la situación de la ciudad de Barcelona (“Informe Estadístico de la Población extranjera a Barcelona” disponible en www.bcn.es/estadistica). Lamentablemente las limitaciones de este artículo nos impiden explicar el proceso metodológico que respalda la elaboración de la muestra y del cuestionario utilizados³. Ahora bien, se ha de aclarar que la muestra utilizada para este artículo sigue criterios cualitativos y no tanto cuantitativos⁴.

ANÁLISIS

La reapropiación, por parte de los entrevistados, de las imágenes que emergen de los medios de comunicación y el discurso que elaboran a partir de estos datos son el hilo conductor que nos acompañará durante este análisis.

Los medios de comunicación tienen, sin lugar a dudas, una gran centralidad en las sociedades actuales. Es lo que Maria Cristina Matta llama la mediatización de la sociedad, o la cultura mediática, y que crea “un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios” (MATTÁ, 1999). La (omni) presencia de los medios de comunicación en la vida cotidiana implica que estos sean parte integrante de los procesos de construcción colectiva de significado. Considerando la mediatización como un fenómeno globalizante presente en todos los ámbitos de la vida humana no podemos aislar de entre los datos recogidos en las entrevistas lo exclusivamente “mediático”.

Esta constatación ha sido confirmada y reforzada durante las entrevistas. Nos hemos dado cuenta que al momento de reflexionar sobre su propio consumo mediático los entrevistados, de manera general, no parecen otorgarle un papel muy central. Pero a lo largo de la entrevista emerge claramente la influencia ejercida por los medios en sus discursos. Notamos así la influencia de una cultura mediática generalizada en la construcción y representación de las experiencias de vida personales de cada individuo.

Tal y como dice el título, la idea de este artículo es proponer un análisis del pasaje de los “sueños” a la “realidad” en el discurso de los entrevistados, y el papel que juegan los medios de comunicación en estas dos dimensiones. Queremos precisar que lo que llamamos “realidad” no es otra cosa que la suma de los puntos

de vista de los actores sociales implicados en una determinada situación (GUSFIELD, 1981). Uno de estos puntos de vista es el de los medios de comunicación. De hecho, si consideramos la realidad migratoria actual, no podemos negar el papel determinante que juegan estos medios en la construcción de la **percepción social de la situación** porqué la definición que dan del fenómeno (utilizando términos en su mayoría con una connotación negativa) ayuda y favorece su construcción como problema social global (GUSFIELD, 1981). Pero la “realidad” migratoria contemporánea comprende, además de la definición que dan y difunden los medios, la recepción del público y la reapropiación que este último hace de la información que recibe, a partir de su experiencia personal y de las interacciones sociales.

Para abordar estas cuestiones a partir de los datos de las entrevistas es útil comparar las imágenes que los entrevistados tenían de España o de Europa antes de emigrar, la manera en que estas imágenes se han transformado con el tiempo y con la vivencia y la manera en que, desde su posición de inmigrantes, ellos analizan el fenómeno migratorio. ¿Qué esperaba encontrar el entrevistado al llegar a Europa? ¿Cómo se habían construido estas expectativas? ¿Los medios de comunicación han condicionado de alguna manera la visión de Europa del entrevistado? Hemos podido notar que en la mayoría de los casos las imágenes construidas desde el país de origen no corresponden a la realidad encontrada.

Sin poder profundizar mucho estas preguntas, proponemos el ejemplo muy interesante de una diseñadora brasileña. Describiendo su visión de Europa antes de viajar, dice “yo tenía una imagen de Europa Hollywood, Europa súper glamour, Europa todo el mundo con mucho vino, delicatessen, muy Chanel, yo pensaba que la gente aquí tenía mucha cultura, y

yo estoy viendo que no es así, y fue una decepción enorme para mí”. Vemos aquí como esta mujer había construido un verdadero “sueño europeo” que no ha encontrado al llegar al viejo continente. Y tampoco lo ha visto concretizarse en sus planes profesionales porque al analizar la idea que tenía de desarrollo profesional dice “... **yo creo que tenía muchos más sueños que la realidad**⁵, porque yo veo que la realidad aquí por lo menos para el diseño es muy complicada, que quizás en Brasil no estaba tan mal”.

Frente a esta constatación la entrevistada **readapta** sus sueños y dice “la intención era muy profesional al principio y ahora la verdad es que soy más personal que profesional”. Además de modificar sus expectativas con relación a Europa esta mujer **revaloriza** también lo que tenía en su país de origen antes de emigrar y, hablando de sus sueños actuales, dice “yo cuando vuelva a Brasil (...) quiero tener mi empresa, **de nuevo**, pero no como era antes, tener mi empresa pero para vender productos, o para crear algo diferente (...)”.

Queremos destacar que al comparar las diferentes respuestas de los entrevistados, hemos constatado que la dimensión de “sueño”, expectativa o proyecto está mucho más presente en las personas provenientes de Latinoamérica que de Europa. En el caso de los entrevistados europeos ninguno de ellos dice haber tenido un sueño que motive la decisión de cambiar de país. Esta constatación podría llevarnos a suponer que los europeos que deciden instalarse en otro país de la Unión Europea, a causa de la cercanía o del conocimiento previo de lo que van a encontrar, no desarrollan una dimensión de expectativas y proyectos de vida tan grande como la que caracterizan en muchos casos las migraciones de personas que provienen de países extra-comunitarios.

Analizando los discursos de los entrevistados sobre la “realidad” migratoria hemos constatado que

estos se articulan a dos niveles. Por un lado, emerge un nivel general que considera la inmigración como fenómeno social generalizado y que parece alejado de las realidades individuales de cada uno. Por otro lado hay un nivel más personal, que surge de una reformulación o reapropiación de esta idea general adaptándola a las motivaciones y experiencias personales. Estos dos niveles están estrechamente relacionados entre ellos ya que, como veremos, las experiencias personales de los entrevistados condicionan inevitablemente la percepción que tienen del fenómeno migratorio en general.

Empezando por lo que definimos como “nivel general” hemos considerado las visiones de los entrevistados sobre la manera en que los medios de comunicación tratan a la inmigración. Todos los entrevistados han contestado que la inmigración está tratada de manera negativa. Esta unanimidad en las respuestas enseña como, a pesar de que en los últimos tiempos se haya verificado una pluralización en la producción mediática de la realidad migratoria, no existe todavía correspondencia de temporalidad entre producción y recepción. La percepción de la inmigración parece seguir siendo unipolar, es decir única y negativa (LORITE, 2004).

Según una entrevistada “los medios muestran solo cosas negativas de sufrimiento, de conflicto, de falta de soluciones. Nunca es una cosa normal, siempre es puesto como un problema”. Según otro “la gente habla de inmigrante y habla de un tipo de inmigrante. Ahora son inmigrantes los que vienen de países mas pobres, que tiene dificultades en obtener sus papeles, en trabajar y eso”. A pesar de esta visión negativa general, sólo una persona ha resaltado como ejemplo concreto la imagen de la patera⁶, contrariamente a lo que revelan otros estudios que demostraron que la patera es la imagen más mencionada y corriente para

los entrevistados (COGO y LORITE, 2004). Con relación a esto, la entrevistada dijo que “lo de la partea, siempre, es lo que más me impresiona. De la mujer que tenía un hijo de 3 años y que se murió congelado, allí. Eso sí que me choca. Siempre me acuerdo de esto”.

Al momento de definir lo que significa “inmigrante” los encuestados responden de manera muy variada. Según un hombre, por ejemplo, la definición sería “pasar trabajo” mientras otra mujer define al inmigrante como “una persona, que está afuera de su país intentando conseguir fuera, algo que no tiene dentro, y de alguna manera intentando adaptarse y vivir de la mejor manera posible. De una manera que merezca la pena”.

Teniendo presentes las visiones sobre la inmigración a nivel general, hemos analizado las respuestas a preguntas más personales como el hecho de sentirse o no inmigrante. Es interesante notar que solamente cuatro de los doce entrevistados no se consideran inmigrantes, tres de los cuales están en España desde hace más de 20 años. Para complementar o justificar esta afirmación los entrevistados tienen un discurso de diferenciación con los “nuevos inmigrantes” que llegan ahora. Una mujer colombiana dice por ejemplo que “Yo no me considero inmigrante. Por la edad que tenía (ndr. cuando vine) era una aventura y lo mantengo. No me considero inmigrante y ahora menos. Actualmente es una persona que no tiene las posibilidades de sobrevivir en su país y, pase lo que pase, se viene y por eso las consecuencias. (...) un inmigrante es un desesperado que no encuentra en su casa la manera de sobrevivir y de tirar adelante una familia”.

Los restantes encuestados han contestado que sí se sienten inmigrantes. La mayoría de los que se definen inmigrantes están en España desde hace menos de cinco años, pero existen excepciones como las de una mujer francesa que reside en España desde hace

35 años y que se siente inmigrante a pesar de tener la nacionalidad española.

Pero ¿como se articulan entre ellos los dos niveles de discurso? (el nivel general y el nivel más personal de la inmigración). Parece ser que la imagen general que los entrevistados tienen de la inmigración resulta de una combinación entre las imágenes / discursos propuestos por los medios de comunicación y una generalización de las experiencias de vida individuales.

Cuando los entrevistados se consideran inmigrantes, suelen matizar su visión general de la inmigración para que incluya su caso personal. Esta “estrategia” muchas veces les lleva a una “desdramatización” de esta definición general. Por ejemplo, una mujer que busca su realización profesional más allá de lo que tenía en su país de origen, incluye en su definición de inmigrante que emigrar debe “merecer la pena”, una mujer que vino a “buscarse la vida” y a intentar algo nuevo, define al inmigrante como “alguien que va a otro país para buscarse la vida”, mientras que una chica que vino para hacer una práctica y después se quedó para aprender castellano, dice que un inmigrante es alguien que deja su país “para cualquier cosa”.

Al revés, cuando los entrevistados no se consideran inmigrantes, suelen tener una visión más negativa de la inmigración (y entonces más cercana a la visión de los medios) para diferenciarse de ella. Es el caso de la mujer colombiana que citábamos antes, ella no se considera inmigrante ya que la imagen que dan ahora de los inmigrantes es “un desesperado” y ella vino por aventura. En este caso vemos que la imagen general que esta mujer tiene de la inmigración se opone radicalmente a su experiencia personal. También en el caso de un hombre argentino que dice que “Salir de mi país no fue una opción. Esa es la diferencia” y hablando de los inmigrantes actuales dice

“ahora, están los otros, los que viajan por viajar. Los que vienen ahora, ya no es por la cuestión económica. Hace ya dos años del corralito. Hace dos años habían muchas razones para que vinieran, pero en este momento ya no. Tras los últimos cambios, ya no. Yo ahora me estoy encontrando con gente muy joven que podría estar tranquilamente allí”.

Notamos entonces, a través de estos ejemplos, como las vivencias personales de los entrevistados influyen y determinan sus discursos a dos niveles: el general (la inmigración como fenómeno social global) y el personal (la definición de la situación personal del entrevistado), mezclándose y combinándose de diferentes manera con el discurso mediático generalizado.

CONCLUSIÓN

En este artículo hemos intentado abrir algunas pistas de reflexión para el análisis cualitativo de entrevistas de recepción mediática a partir de algunos temas de reflexión. Hemos propuesto algunas interpretaciones de los discursos y de las representaciones relacionados con los sueños y proyectos que acompañan las migraciones contemporáneas y los hemos comparados con las definiciones generales de “inmigración” e “inmigrante”.

Para seguir con el análisis empezado aquí podríamos interrogarnos sobre las siguientes cuestiones: ¿De qué manera los discursos sobre la inmigración (a nivel general como personal) se reflejan en las (re)formulaciones identitarias de los entrevistados? ¿Los mecanismos de diferenciación / afirmación identitaria se reflejan en el uso que los entrevistados hacen de los medios de comunicación? ¿Las formas de utilización de los medios de comunicación pueden ser consideradas como rasgos culturales?

NOTAS

(1) El número de entrevistas realizadas hasta el momento (agosto de 2005) es de 30 pero en este artículo trabajaremos solamente los datos de las entrevistas que han sido transcritas que son 12.

(2) Proyecto Bi-lateral de Cooperación Académica entre Brasil y España financiado por la Secretaria de Universidades del Ministerio de Educación, Cultura y Deportes (MECD) y por la *Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal e Ensino Superior* (CAPES). Participan como colaboradores del proyecto investigadores de los grupos de investigación “*Mídia e Multiculturalismo*” e “*Processos Comunicacionais: Epistemologia, Miatização, Mediações e Recepção* (Processocom)” del Programa de Post-Graduación en Ciencias de la Comunicación de la Universidad *Vale do Rio dos Sinos* (Unisinos- Brasil) y el “*Observatorio y Grupo de Investigación en Comunicación y Migración* (MIGRACOM)” del Departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad de la Universidad Autónoma de Barcelona (UAB).

(3) El lector puede tener más informaciones sobre estos datos consultando el sitio del MIGRACOM (www.migracom.org) o del grupo Mídia e Multiculturalismo (www.midiamicom.br).

(4) A pesar de la pequeña muestra de entrevistados utilizada en este trabajo, hemos intentado conseguir un cierto grado de variedad entre los entrevistados, buscando cubrir por lo menos todas las variables de la muestra. Hemos entrevistado a 4 hombres y 8 mujeres, de edades distintas y nivel socio-económico diferente, que sean provenientes de Europa y de América Latina (Inglaterra, Italia, Alemania, Francia, Venezuela, Argentina, Brasil, Bolivia y Colombia). Además la mayoría de nuestros entrevistados residen en el distrito de *Ciutat Vella* (4) o en el del *Eixample* (6). Considerando la muestra del proyecto internacional notamos que este último dato se conforma y se acerca a la realidad demográfica de Barcelona ya que la mayoría de los extranjeros de la ciudad residen en estos distritos. (Ver INFORME ESTADISTICO DE LA POBLACIÓN EXTRANJERA A BARCELONA ENERO 2005, p. 21).

(5) Los destaques en las citaciones de entrevistas son del autor.

(6) La patera es una embarcación precaria en la cual se reúne un número de personas, en general mayor que la carga permitida, para cruzar un trecho de mar y llegar a otro país de forma ilegal.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Frederick. *Ethnic groups and boundaries*, London, George Allen & Unwin, 1969.

COGO, Denise. Las estrategias de mediatización de las migraciones contemporáneas en la prensa brasileña y las matrices culturales de construcción de la Unión Europea y del MERCOSUR, Girona, Actas del 4º Congreso sobre Inmigración en España, 10-13 noviembre 2004.

COGO, Denise; LORITE, Nicolás. Incurções metodológicas para o estudo da recepção midiática: o caso das migrações contemporáneas desde as perspectivas europeia e latino-americana, *Ciberlegenda*, n. 14, 2004.

CUCHE, Denys. *La notion de culture dans les sciences sociales*, Paris, La Découverte, 2001.

GUSFIELD, Joseph. *The culture of public problems*, Chicago, University of Chicago Press, 1981.

JABLONSKA ZABOROWSKA, Alexandra. La representación de los procesos de construcción de la identidad en los contextos interculturales de dos películas mexicanas sobre la Conquista, ciudad, *La representación intercultural*, Castellón de la Plana, Publicacions Universitat Jaume I, V. 1, mayo 2004, p.43.

LORITE, Nicolás (dir). *Tratamiento informativo de la inmigración en España. 2002*, Madrid: Colección Inmigración y Refugio, MTAS, Secretaría general de Asuntos Sociales, IMSERSO (ED.), Grafo S.A, 2004.

MALDONADO, A. Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação, *Ciberlegenda*, n. 10, 2002.

—. Trayectorias metodológicas suscitadoras, *Ciberlegenda*, n. 14, 2004.

MATTA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática, Lima, *Diálogos de la comunicación*, FELAFACS, n. 56, 1999, p. 80-90.

* **Sara Losa** es licenciada en antropología e inglés por la universidad de Neuchâtel, Suiza, especializada en cuestiones migratorias y movimientos sociales. Participa del Proyecto Interuniversitario de Cooperación Internacional Brasil-España sobre medios, migraciones e interculturalidad como investigadora asociada subvencionada por el Programa Leonardo Da Vinci de la Unión Europea.

Internet, integração e cidadania: uma reflexão sobre apropriações da rede mundial de computadores por imigrantes latino-americanos e europeus em Porto Alegre

Liliane Dutra Brignol*

RESUMO

Através da análise de resultados parciais de pesquisa de recepção, desenvolvido através do projeto internacional Brasil-Espanha, o artigo reflete sobre usos da Internet demandados pela experiência de imigração por latino-americanos e europeus na região metropolitana de Porto Alegre. Ainda que parte significativa das apropriações seja destinada a manter vínculos com o país de origem, é possível observar usos interculturais da rede que permitem entendê-la como potencializadora da integração dos imigrantes. **Palavras-chave:** imigração; Internet; integração.

ABSTRACT

*Through the analysis of the partial results of reception research, this article reflects upon the uses of the Internet resulting from the experience of Latin Americans and Europeans immigrants in the metropolitan region of Porto Alegre. Whilst a significant part of the appropriation is directed toward retaining links with the country of origin, it is possible to observe intercultural uses of the web which allows it to be seen as a positive factor in the integration of immigrants. **Key Words:** immigration; Internet; integration.*

RESUMEN

*A través del análisis de resultados parciales de la investigación de recepción, llevada a cabo desde el proyecto internacional Brasil-España, el artículo refleja los usos de Internet demandados por las experiencias de inmigración de latinoamericanos y europeos en la región metropolitana de Porto Alegre. Aunque parte significativa de las apropiaciones sea destinada a mantener vínculos con el país de origen, es posible observar también usos interculturales de la red que permiten entenderla como potenciadora de la integración de los inmigrantes. **Palabras clave:** inmigración, Internet, integración.*

O artigo surge a partir de uma interface com o Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha, entre a Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a Universidade Autônoma de Barcelona. Com o título “Mídia e interculturalidade: estudo das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do Mercosul”, a pesquisa, iniciada no primeiro semestre de 2004, tem como um dos objetivos a realização de um estudo de recepção entre imigrantes para mapeamento do consumo de mídias.

O projeto orienta-se ao estudo das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e em Barcelona, na Catalunha, e suas repercussões na construção midiática da União Européia e Mercosul. Trata-se de buscar, no universo da recepção midiática, a partir do conhecimento sobre a trajetória da imigração e a presença, a percepção e os usos dos diferentes meios de comunicação, o papel dinamizador intercultural desses meios, investigando principalmente como projetam nos cidadãos de diferentes procedências geográficas uma idéia comum sobre contextos macroeconômicos, políticos e culturais, como a União Européia e o Mercosul.

A reflexão sobre as relações estabelecidas entre os usos da Internet e a experiência da migração proposta neste artigo baseia-se na análise de entrevistas aplicadas pelos pesquisadores do projeto Brasil-Espanha a imigrantes latino-americanos e europeus residentes na região metropolitana de Porto Alegre. Embora, até agosto de 2005, um total de 41 entrevistas já tivesse sido atingido pela equipe brasileira, a análise feita aqui se detém na leitura e interpretação de 20 dessas entrevistas transcritas durante o período.

A amostra de entrevistados é composta por cinco imigrantes de países da União Européia (um português, um alemão, um espanhol e dois italianos) e 15 imigrantes de países que compõem o Mercosul (cinco argentinos, três chilenos, três uruguaios, três peruanos e um colombiano). Destes, oito são mulheres e 12 são homens. Dezesesseis moram na cidade de Porto Alegre; um reside em Canoas; um, em Novo Hamburgo e dois, em São Leopoldo.

INTERNET E DINAMIZAÇÃO INTERCULTURAL

Em pesquisa do Migracom realizada em 2002, em que foram analisadas as versões digitais dos diários coletados, pôde-se perceber que, na rede mundial de computadores, um tratamento melhor da migração depende de questões técnicas previstas pela produção de sites, como a concepção e o desenho de navegabilidade e a manutenção interativa constante do conteúdo, o que, em alguns dos casos, não foi verificado, mantendo-se o mesmo tratamento unidirecional do jornalista para os seus leitores do jornal impresso (LORITE, 2004, p.187).

Em outra investigação voltada para meios exclusivamente digitais, Lorite revela como a Internet seguia, nos casos analisados, a tendência de manter as mesmas fórmulas de produção de conteúdo que conduzem ao permanente tratamento superficial dos novos coletivos sociais (2002). Nas páginas das prefeituras da província de Barcelona, a maioria era essencialmente informativa, cumprindo apenas funções unidirecionais: apesar de pensadas como mediadoras de relações cidadãs, poucas ofereciam interatividade ou declaravam objetivo de integrar os coletivos imigrantes. Exceções foram observadas com propostas interativas de fóruns e *chats*, pensados como ferramentas de comunicação entre todos os cidadãos, indistintamente de sua origem ou condição de cidadania.

Os sinais nas páginas espanholas da presença dos imigrantes como usuários imaginados desde a produção começam a ser percebidos, ainda de modo discreto, com a presença, por exemplo, de duas ou mais opções de idiomas nos *sites*, sobretudo nos espaços criados por instituições governamentais. Em um ‘passeio virtual’ por páginas na Internet, em uma análise exploratória, são encontrados *sites* que oferecem ‘correios cidadãos’, dispendo de contas de e-mail para qualquer pessoa interessada em se comunicar pela Internet, além de ofertas de oficinas para capacitação de usos da *web*.

É possível perceber ainda como uma idéia de diversidade vai sendo referida com um efeito de positividade. É exemplo o que é encontrado no site da Prefeitura de Barcelona (www.bcn.es), em que a cidade é apresentada como “la ciudad de todos y todas, de los jóvenes, de las mujeres, de los niños y niñas, de las personas mayores, de las personas con disminuciones y de las personas que llegan de todo el mundo”. Há, inclusive, um *link* para ‘Barcelona Diversa’, em que constam dados sobre migração, como o Plano Municipal de Migração e os direitos e deveres dos imigrantes. A presença da diversidade é mais fortemente sentida quando se passa a explorar espaços criados por ONGs, entidades civis, centros culturais, sindicatos e associações comunitárias, em que, muitas vezes, os próprios grupos minoritários assumem o papel de produtores de conteúdo, dando mais visibilidade para suas questões e, conseqüentemente, para as diferenças culturais e para a presença de coletivos imigrantes variados e suas especificidades.

APONTAMENTOS SOBRE USOS MEDIADOS PELA IMIGRAÇÃO

Essa visibilidade é menos percebida nos sites brasileiros, pelo que se pode observar ao navegar nas páginas mais citadas durante as entrevistas feitas aos

imigrantes da Grande Porto Alegre. Ainda assim, a rede mundial de computadores vai se configurando como um meio de comunicação que, por suas lógicas de produção diversas das mídias de consumo massivo, surge como uma alternativa para um tratamento diferenciado das migrações e, mais do que isso, possibilita a consolidação de um espaço de interação entre seus usuários que pode servir, não apenas para informar, mas também dinamizar relações interculturais entre esses sujeitos de diferentes procedências geográficas.

É isso o que aponta a análise inicial das entrevistas aplicadas no Brasil. Uma primeira observação a ser considerada é a de que os usos da Internet são determinados pela competência em lidar com o computador. Dos 20 entrevistados, seis não acessam a rede mundial de computadores, embora a maioria identifique vantagens nas possibilidades de comunicação oferecidas. Aparecem, como limitadores, questões relacionadas à idade - os mais velhos apresentam mais dificuldade para compreender as lógicas de funcionamento da Internet -, e problemas financeiros - que inviabilizam não apenas o acesso ao computador, ainda caro no Brasil, mas também implicam a priorização da sobrevivência diária em detrimento da busca de alternativas de comunicação.

Quatro dos sujeitos, três europeus com mais de 70 anos e uma latino-americana com 62 anos, enquadram-se nessa perspectiva de afastamento da Internet como meio de comunicação em função da falta de competência para manejar o computador e a Internet. Interessante destacar que suas falas revelam a participação dos mais jovens no estímulo à aproximação do meio de comunicação e o interesse na superação das dificuldades para a capacitação ao uso.

Outras duas entrevistadas sem usos da Internet são mulheres latino-americanas com

atividades autônomas ligadas a vendas e um poder aquisitivo baixo, pelo que demonstraram suas condições de consumo indicadas na entrevista. Uma delas, uruguaia, de 36 anos, é casada com um brasileiro, tem cinco filhos e mora em um bairro pobre da periferia de Porto Alegre. A outra, uma peruana, de 34 anos, foi casada por oito com um brasileiro, mas estava em processo de separação na época da entrevista e deixaria o apartamento alugado em que morava em Porto Alegre para mudar-se para a cidade litorânea de Tramandaí, onde já comercializava artesanato do Peru. Ambas buscam a regularização de sua condição de cidadania no país.

Entre os 14 sujeitos com usos efetivos, em um primeiro movimento, foi identificada a aproximação à Internet para o contato com o país de origem. A experiência da migração configura, assim, um elemento a demandar a apropriação da rede mundial de computadores. A partir da sensação de deslocamento que acompanha a experiência da migração, responsável pela tensão entre a tentativa de resgate e manutenção dos vínculos com o passado e a emergência de novas experiências favorecidas pela mudança (HALL, 2003), a Internet aparece como um meio de comunicação mais sedutor por suas características de potencial interatividade, incluindo aí procedimentos conversacionais como o correio eletrônico e chats, e de pluralização da esfera da produção, com a diversificação de conteúdos oferecidos e uma conseqüente facilidade de acesso à emissão.

Ao identificar a imigração demandando apropriações específicas da Internet para quem está longe de seu local de origem, percebe-se que parte dos imigrantes indicou os usos iniciais da rede mundial de computadores estimulados pelo desejo de buscar informações sobre a terra natal e também como alternativa mais econômica para manter vínculos com parentes e amigos.

Todos os imigrantes entrevistados apontaram o e-mail como a ferramenta de comunicação da Internet mais presente em seu cotidiano. A necessidade de trocar mensagens com os que ficaram distantes é tomada, portanto, como um estímulo para se aventurar no ciberespaço: a maioria só criou um endereço de correio eletrônico e aprendeu a utilizá-lo depois que deixou seu país.

A Internet é usada também como meio para buscar informações sobre o país para o qual se pretende imigrar. Os sujeitos mais recentemente chegados ao Brasil indicaram que pesquisavam sites nacionais em busca de referências econômicas, sociais e culturais. Na aproximação a uma das hipóteses que norteia a pesquisa, trata-se de um uso que ajuda a configurar um imaginário sobre o país que, somente depois, poderá ser confrontado com a experiência cotidiana.

Depois da chegada ao Brasil, a condição de imigrante, ao mesmo tempo em que demanda usos da Internet, condiciona as possibilidades de acesso. Para aqueles que ainda não conseguiram se estabelecer no país, estratégias de usos são desenvolvidas e espaços passam a ser apropriados como alternativas de inclusão à rede mundial de computadores. Assim, os cibercafés são referidos como os locais mais procurados para a consulta a sites, envio e consulta de e-mails e usos de programas de trocas de mensagens online. Depois dos cibercafés, que cobram uma taxa em torno de R\$ 5 por hora de uso do computador, o acesso à Internet aparece em locais públicos como a Biblioteca Pública de Porto Alegre, escolas, cursos e mesmo no ambiente de trabalho.

A consulta a sites, sobretudo de notícias, do país de origem configura-se como outro uso da Internet principalmente entre os imigrantes com um tempo menor de permanência no Brasil. Os veículos de comunicação de produção nacional são criticados pela superficialidade no tratamento das questões internacionais envolvendo os países da América Latina

e da União Européia. Na lembrança dos entrevistados sobre notícias de seus países no rádio, TV e jornais, apenas catástrofes, questões econômicas que envolvem o Brasil, crimes e crises políticas. Essa insatisfação faz com que os sites surjam como alternativa para a participação, ainda que a distância dos acontecimentos cotidianos dos países que deixaram para trás.

Entre os sites citados, estão o do diário argentino ‘El Clarín’ (www.clarin.com), do jornal ‘El tiempo’ (www.eltiempo.com), da Colômbia, entre outros de notícias - a maioria versões online de publicações impressas. As justificativas para a escolha desses espaços aparece na fala dos imigrantes: são “conhecidos” e “respeitados”, ou seja, possuem sua credibilidade fundada na solidez de veículos de comunicação já tradicionais. Através dessa tendência, é possível perceber que, como afirma Fragoso (2003), contrariando os sonhos de uso da web para a circulação horizontal e irrestrita de informações, “um número cada vez maior de usuários evita o terreno movediço das páginas independentes direcionando seus navegadores para endereços enraizados em instituições conhecidas e, preferencialmente, nascidas ‘fora da rede’” (FRAGOSO, 2003, p. 9). Essa constatação faz pensar sobre a permanência na web de uma estrutura muito parecida com a de outras mídias, em que se percebe segmentação e especialização de conteúdo, em uma tendência de centralização.

EXPERIÊNCIAS DE INTEGRAÇÃO CIDADÃ PELA INTERNET

Paralelamente a esse movimento de centralização dos acessos na web, observa-se que há uma multiplicação das possibilidades de produção, com a proliferação de sites pessoais, weblogs e sites com temáticas específicas, fazendo pensar sobre uma possibilidade de liberação do pólo da emissão (LE MOS, 2003, p. 22), pela oportunidade de publicação de conteúdo a qualquer um que disponha de acesso à

Internet, mesmo que este, muitas vezes, seja consultado por um número restrito de pessoas.

Essa potencialidade da Internet pode ser notada no surgimento e expansão dos usos de espaços criados por ONGs e entidades de apoio à imigração para tratar de questões ligadas ao tema do fluxo crescente de pessoas ao redor do mundo. Alguns desses projetos são mapeados pelo projeto Brasil-Espanha e podem ser consultados na base de dados Intermigra (www.intermigra.unisinos.br).

Entre as 20 entrevistas analisadas, dois sites criados por imigrantes foram referidos. O primeiro deles é um projeto pessoal de um peruano de 40 anos, jornalista, que, há quatro anos, está no Brasil, dando aulas de inglês e espanhol. O Hablo (www.hablo.com.br) tem uma proposta de servir como suporte no processo de aprendizagem de seus alunos, mas, ao mesmo tempo, reúne textos, poesias, letras de música, mantém um fórum e uma sala de bate-papo para participação dos usuários cadastrados e oferece uma lista de links para meios de comunicação de 21 países de língua hispânica.

Segundo o idealizador do projeto, o objetivo não é apenas servir de instrumento para o ensino da língua, mas também transformar-se em um espaço de divulgação da cultura peruana: “é um site feito com aulas de espanhol como segunda língua, mas a maior parte do conteúdo vai ser sobre o Peru. Tem 60 vídeos, a maior parte deles para ver, escutar coisas da nossa cultura, que são da TV peruana. A internet é meu meio de comunicação e de propaganda”, defende. São mais de 170 usuários cadastrados e, conforme indica o entrevistado, a maioria entra em contato depois de conhecê-lo em comunidades de espanhol no Orkut (www.orkut.com), sistema de redes sociais na Internet.

A outra iniciativa de uso da Internet como espaço comunicacional para integração de imigrantes é o Chile Poa (www.chilepoa.com.br), do Centro

Cultural e Social Chileno de Porto Alegre, uma organização associativa sem fins lucrativos que tem o objetivo de difundir a cultura chilena, como anunciam “através de eventos de música, teatro, artes plásticas, dança, literatura, artesanato, esportes e cursos culturais que sejam do interesse dos sócios, para a sua integração social entre os imigrantes chilenos e a comunidade brasileiras”.

Aqui o tema da imigração aparece de forma mais direta, não apenas no ideal de integração buscado pelos sócios do centro e explicitado no site, mas também em sua página de abertura, que oferece links para endereços de onde buscar informações sobre a tramitação de permanência no Brasil e registro de roubo de documentos, além de indicar o site, e-mail e endereço da Igreja da Pompéia, sede do Centro Ítalo-brasileiro de Apoio ao Imigrante (Cibai-Migrações), no centro de Porto Alegre, como alternativa para quem precisa de assistência. O Cibai, como indica um dos líderes do Centro Cultural entrevistado, é parceiro para as atividades, o que demonstra que a organização é atravessada pelas lógicas religiosas.

Mesmo com uma estrutura muito simples e problemas técnicos como o direcionamento de links, o site reúne dados sobre o Chile e informações sobre as atividades promovidas pelo centro, além de trazer um recorte de notícias sobre acontecimentos do país. Sua proposta é informar sobre a presença chilena em Porto Alegre, aproximar os imigrantes e difundir suas ações para a população em geral. Nessa dinâmica, aparece uma vinculação entre a lógica de redes da Internet e o modo como se articulam os imigrantes, em uma prática observada no fenômeno da imigração, de organização de redes sociais, muitas vezes, valorizando mais questões da cultura local do que antes de deixarem sua terra de origem.

Os dois exemplos observados oferecem, portanto, pistas para se pensar como os coletivos se apropriam da Internet e de que forma as características da mídia, como a potencial interatividade e a aproximação entre as esferas de produção e usos, vão permitindo que essas apropriações atuem na sua participação na área metropolitana de Porto Alegre.

Esse mapeamento inicial apontou possíveis usos dinamizadores interculturais da Internet, ainda que parte significativa das apropriações tenha sido destinada a manter vínculos com o país de origem. Com o aprofundamento da análise do conjunto de entrevistas, interessa saber se essas e outras dinâmicas, que certamente precisam ser mais exploradas, podem atuar efetivamente na integração cidadã dos imigrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRAGOSO, Suely. *Um e muitos ciberespaços*. Recife: Compós, 2003. Anais do XII Congresso Anual da Compós.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LORITE, Nicolás (dir). *Tratamiento informativo de la inmigración en España 2002*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2004.

_____. *Internet como medio al servicio de los valores de la interculturalidad en el ámbito local en España*. IV Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet. Peru: 2002.

* **Liliane Dutra Brignol** é jornalista (UFSM) e mestre em Ciências da Comunicação (Unisinos). Atua como pesquisadora no grupo Mídia e Multiculturalismo do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos e integra a equipe do Projeto Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade.

Da janela de Barcelona: experiências interculturais e usos midiáticos operados por imigrantes brasileiros

Elizara Carolina Marin*

RESUMO

O artigo aborda as experiências interculturais de imigrantes brasileiros que vivem em Barcelona (Espanha), configuradas numa articulação de estratégias de negociação e associação e, também, focaliza os usos das mídias como meio para restabelecer laços de pertencimento com o lugar de origem e estabelecer outros vínculos no novo lugar. **Palavras-Chave:** mídia; imigração; produção de sentidos.

ABSTRACT

*This article addresses the intercultural experiences of Brazilian immigrants that live in Barcelona (Spain), taken as an articulation of negotiation and association strategies and, further, focuses on the uses of media as the means by which ties of belonging to their place of origin are re-established and other links to the new location are made. **Key Words:** Media, Immigration, Meaning production.*

RESUMEN

*El artículo aborda las experiencias interculturales de inmigrantes brasileños que viven en Barcelona (España), configuradas a partir de la articulación de estrategias de negociación y asociación. También se centra en los usos de los medios de comunicación como puentes para establecer lazos de pertenencia con el lugar de origen y otros vínculos en el nuevo lugar. **Palabras-clave:** medios de comunicación, inmigración, producción de sentidos.*

PALAVRAS INICIAIS

Barcelona é uma cidade de trânsitos e fluxos, de todos os tipos de trabalho, de todas as técnicas, de todas as etnias e nacionalidades, de modernidades e tradições, de incluídos e excluídos, de belezas e rudezas. Barcelona pertence à região da Catalúnia, na Espanha, conhecida por agregar imigrantes do mundo inteiro, tais como, Adão, Adriana, Clóvis, Denis, Helena, Edílson, Julieta, Mário, Norma e Rosângela¹, brasileiros, que lá chegaram em busca de novos horizontes.

Se a Espanha, em seu processo histórico, possui marcas fortes de emigração, o contexto atual demonstra que também é um País de imigração. Os dados do Informe Estadístico de la Poblacion Extranjera a Barcelona², de janeiro de 2005, demonstram que há 230.942 imigrantes somente na cidade de Barcelona. Destes, 99.482 são da América do Sul, dentre os quais 4.688 são brasileiros.

Em Barcelona, realizei uma pesquisa com imigrantes brasileiros que possuem experiências como telespectadores no Brasil e na Espanha³. Procurei explorar uma amostra plural (social e cultural), com o objetivo de identificar experiências interculturais e usos das mídias; programas televisivos aos quais assistem e relação de gostos. Entrevistei dez pessoas, situadas entre um ano e meio a quatorze anos de estada em Barcelona.

CIDADÃOS E

M TRÂNSITO

Adão, Adriana, Clóvis, Denis, Helena, Edílson, Julieta, Mário, Norma e Rosângela são pessoas que imigraram não só pelas dificuldades encontradas na esfera do trabalho (instabilidade no emprego, baixos salários, desemprego, impossibilidade de se manter com a atividade que gostaria de exercer, por exemplo: a música), mas também pelas medidas governamentais, mais especificamente, pelas adotadas pelo curto

governo de Fernando Collor de Melo, e, ainda, movidos pelo sonho de morar e estudar no exterior e/ou de ganhar dinheiro.

Imigrar é abrir mão do enraizamento, necessidade humana tão importante e desconhecida, mas fortemente sentida pelos sujeitos sociais que imigram. Simone Weil (1979:347) entende que o “ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. Participação natural fundamentada no lugar do nascimento, no ambiente de origem.

É possível observar que o espaço-tempo da vida familiar e afetiva tem peso na formação humana (Milton Santos, 2004). Os entrevistados, ao se expressarem, denotam a falta da família, dos amigos, do cotidiano e do ambiente familiar, sentimentos que se ampliam para a dimensão do país de origem. Sem exceção, eles assinalam a falta que sentem do “povo brasileiro”, “do calor humano que, no Brasil, tem”, “das portas do coração, da casa e da alma, todas abertas”. Em seus sentimentos e em suas (re)formulações, manifesta-se o sentido de povo (brasileiro) cordial, já ensejado por Sérgio B. de Holanda (1973).

Desenraizados e no novo lugar – aqui entendido, a partir do assinalado pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (2004), como o intermédio entre o mundo e o indivíduo, assim, cada lugar é, a sua maneira, o mundo –, são unânimes em relatar as dificuldades enfrentadas, nos primeiros tempos, com as diferenças culturais, com a língua, com o acesso ao trabalho e à moradia. Para os que foram buscar trabalho, há a invisibilidade de exercerem a função desempenhada no Brasil, a necessidade de se submeterem à realização de tarefas antes não-desempenhadas (trabalhos em restaurantes e bares como garçom/garçonete, ajudante de cozinha e cozinheira, como faxineira, camareira e recepcionista) e a impossibilidade de viajar para visitar a família no Brasil, em virtude de não possuírem residência na Espanha.

Imigrar é deparar-se com uma outra cultura que, nos primeiros tempos, assombra, oprime e parece intangível. Para os que conseguem ultrapassar o período de estranhamento, angústia e dificuldade, como é o caso dos entrevistados, os ânimos vão se compondo com projetos para o futuro, experimentando possibilidades no entorno vivido e desenvolvendo interações com o lugar e as pessoas. Tais interações se configuram numa articulação de estratégias de negociação e associação.

Negociam sentidos uma vez que mesclam valores e costumes do lugar de origem com os do novo lugar. Na oralidade, há visibilidade da “hibridação”. Ao português, mescla-se o espanhol. Aos diversos temperos e aromas do lugar, mesclam-se sabores e costumes brasileiros.

Eles reorganizam suas identidades culturais, articulando estratégias de associação, tornadas visíveis por meio da constituição da Associação Amigos do Brasil – neste espaço, eles cantam, dançam, assistem a filmes brasileiros e organizam bloco de carnaval; dos encontros dominicais e festivos entre brasileiros; das trocas de informações sobre o Brasil e dos CDs de músicas brasileiras; da busca por beber e comer em quiosques, bares e restaurantes brasileiros; da constituição de família entre brasileiros – dos dez entrevistados, quatro casaram-se em Barcelona; da colaboração que prestam para auxiliar outros imigrantes brasileiros que chegam, ou manifestam necessidades.

Em seus relatos, não há pura assimilação, tampouco perda de traços culturais. Eles carregam costumes, ritmos, linguagens, sentimentos pelos quais foram marcados no percurso da vida e os reelaboram nos trânsitos do novo lugar. Com o passar dos anos, não mais se sentiram em casa aqueles que puderam retornar ao Brasil para visitar os familiares. Todavia, o sentimento de pertencimento é o de ser brasileiro.

A imigração está revestida pela dor individual e a exclusão social, mas é necessário dizer que o cotidiano e a vida destes imigrantes se enriquecem de novas dimensões. No novo mundo, eles satisfazem carências de consumo, de trabalho, de reconhecimento. Helena, que está há quatorze anos em Barcelona, narra: “Consegui trabalho através de uma amiga brasileira. Depois, fui conhecendo pessoas e fui trabalhar na hotelaria. Trabalhava à noite na recepção, com o passar do tempo, fui mudando de posto e aumentando a responsabilidade. Atualmente, gerencio a parte de serviços gerais. Nos três primeiros anos, não tinha casa para morar. Agora digo que, economicamente, fiz muita coisa”. Denis, no Brasil, não conseguia sobreviver da profissão de músico; em Barcelona, sente-se reconhecido e atua com concertos de música brasileira.

Quase todos, após estabelecerem redes de relações no lugar e capturar confiança daqueles para quem prestam serviços, conseguiram obter melhores condições de trabalho, de salário e também acesso a bens culturais que a cidade oferece. Somente Adriana não conseguiu se estabilizar num único local de trabalho e necessita atuar em diversos locais e tarefas. Todavia, ela observa: “O que ajudei (financeiramente) minha mãe em um ano, eu não pude ajudar em dez anos de minha vida no Rio (de Janeiro)”. É preciso dizer que as conquistas ocorreram, não sem esforço, nem mesmo sem que eles se submetessem a um cotidiano de jornadas extensas, de até quatorze horas, e de pouco tempo livre.

Os estudos culturais, especialmente pela abordagem de Stuart Hall (2002), acentuam que os trânsitos migratórios e imigratórios, em grande medida acentuados pela globalização, provocam o deslocamento da identidade de cidadão, centrado em uma cultura nacional, para uma identidade de cidadão em trânsito. Nesta pesquisa, apresentam-se identidades não mais situadas no Brasil, tampouco situadas na

Espanha, mas no trânsito entre os dois países. Esses cidadãos em trânsito vivenciam a experiência que García Canclini (2003) denomina de “hibridação cultural”, ou seja, experimentam a coexistência entre a cultura de origem e a cultura do novo lugar, o que Stuart Hall (2002) designa “tradução”. Mundos transportados para outros mundos; identidades transportadas para outras fronteiras. Esses cidadãos que vivenciam a transitoriedade entre o lugar de pertencimento e o novo lugar, são cidadãos “traduzidos”. Não mais pertencem a um só mundo, mas a dois (ou mais!) mundos.

USOS DAS MÍDIAS

De fato, uma disseminação de invenções comunicacionais passa a povoar o cotidiano das pessoas: rádio, cinema, telefone, televisão, vídeo, CDs, Internet. As novas tecnologias tornaram-se um traço característico da nova fase do capitalismo, o processo de transnacionalização – a que vem se chamando de “globalização” –, inclusive como aparato ideológico legitimador. Configura-se um processo, nas palavras de Octávio Ianni (2000: 148), em que se forma e impõe, crescente e generalizadamente, o “príncipe eletrônico”, ou seja, “uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, regional, nacional e mundial”.

O desenvolvimento contínuo de tecnologias e de dispositivos comunicacionais responde a uma necessidade humana. Desde os povos primitivos, o homem sempre buscou criar novos modos de relacionamento com a natureza, com o outro e com as esferas objetivas da vida, tal como faz com a alimentação e com os esforços para provê-la. Entretanto, é preciso atentar para as lógicas que presidem a informatização do mundo, para Milton

Santos (2001), a “tecnoesfera”, pois se trata de um processo de hegemonização do capital.

O cotidiano de imensos contingentes humanos está permeado pelas mídias, gerando o que Muniz Sodré (2002:24) denomina de um *ethos* midiaticizado. A noção de cultura midiática ultrapassa a concepção – fortemente enraizada no senso comum e nas teorias do campo da comunicação – de transformações tecnológicas e de produtora de mensagens. Sua dimensão dinâmica é configuradora de novos modos de interacionalidade, de novas formas de estruturação das práticas sociais. Significa dizer que a midiaticização da sociedade é um processo coletivo de produção de significados, através do qual a sociedade se comunica, reproduz-se e se transforma (MATA, 1999).

No cotidiano dos imigrantes entrevistados, separados do lugar de origem pela distância, decorrente da busca por uma vida melhor, mas estreitamente ligados aos seus laços culturais, o elo se mantém pelo sentimento, pela identidade brasileira construída, pela memória do vivido, pela saudade do que ficou e, também, se (re)constrói e fortalece pelos usos das mídias. Significa dizer que a experiência de ser cidadão em trânsito cria competências para os usos dos meios.

No contexto dos entrevistados, evidencia-se o uso generalizado do computador e da Internet – somente Adriana não possui computador no local de moradia, mas procura acessar e enviar e-mail aos familiares e aos amigos fazendo uso dos locutórios: empreendimentos difundidos na cidade de Barcelona, que dispõem de serviços de Internet e de telefonia. Esses se caracterizam como mídias que possibilitam não só “buscar coisas do dia-a-dia do Brasil e da minha cidade” (Adão), mas também tornar mais acessível o contato com parentes: “Ultimamente o computador tem uma importância enorme, porque me informo mais sobre o Brasil, mato saudades. Ele é uma peça

fundamental. Eu vejo a minha família através de um computador, converso com eles em tempo real e me sai muito mais barato” (Julieta). O que não significa dizer que não lancem mão do telefone para estabelecer contato com os familiares no Brasil.

Para Denis, que atua como músico, o seu trabalho está estreitamente ligado com o computador e com a Internet: “A minha vida é no computador”. Por meio do computador, ele estuda, organiza os repertórios musicais, elabora a publicidade de seu trabalho; e, da Internet, realiza pesquisas, identifica lançamentos de CDs, “baixa” músicas, estabelece contatos e divulga o seu trabalho. No novo lugar, Denis estrutura e consolida sua atuação profissional, lançando mão da midiatização da sociedade.

O *site* da Rede Globo apresenta-se como um endereço de busca de informações sobre o cotidiano, sobre economia, notícias, receitas culinárias, programas veiculados na mídia televisiva e sobre a vida de personagens midiáticos.

Em relação à mídia impressa, eles relatam que há redução do consumo de revistas, todavia há aumento do consumo de jornais, facultado pela dinâmica da cidade de Barcelona, que midiatiza diversos espaços sociais e disponibiliza acesso a jornais. Nos metrô e nos trens, há os jornais gratuitos – Què!; Metro Directe; 20 Minutos –, nos bares e nos restaurantes – em geral, El País e La Vanguardia.

Escutar música brasileira no tempo livre e nos deslocamentos da casa a outros espaços urbanos é uma atividade freqüente. Embora o consumo, as trocas entre amigos, a aquisição nas viagens para o Brasil sejam, predominantemente, de música brasileira, há também aquisição de CDs de cantores e de grupos musicais de outros países, inclusive da Espanha. Nos relatos de Adão, Adriana e Rosangela, apresentam-se reconfigurações de concepções e gostos sobre música,

a partir da experiência da imigração. No Brasil, há cantores e ritmos que eles não consumiam. As palavras de Adão elucidam: “Mas quando você vem para cá começa a ver as coisas de um outro ponto de vista, que toda a manifestação de cultura é válida, cada um tem um nível (...). No Brasil, você tem tanta música, tanta variedade, que se vê um pouco atordoado. E aqui você não tem isso. Então, você acaba vendo que têm outras coisas legais que não é só tachar: música de corno, pagodeiro, bicheiro. Elas também têm sua harmonia, têm seu valor, têm que ter seu espaço. E, infelizmente, você vai se dar conta disso aqui, o valor do patriotismo”.

As pesquisas no campo da comunicação têm demonstrado que, no âmbito das mídias em geral, sobressai a televisão, dada a centralidade que assume em termos de poder econômico, de usos e de *produção de sentidos* no cotidiano das sociedades contemporâneas. Ela tem se traduzido como um meio de entretenimento, informação e publicidade presente no cotidiano de indivíduos e coletividades em todo o mundo. Para o contexto dos entrevistados, a televisão também é um veículo de socialização, de reconhecimento da cultura e dos espaços do novo lugar e, marcadamente, de aprendizado do idioma, especialmente nos primeiros tempos. Eles revelam a importância da televisão como uma via para aprender e exercitar a fala, numa cidade que os desafia com a demanda de aprendizado não de uma, mas de duas línguas: o espanhol e o catalão.

Para Helena, no princípio, a televisão servia como um recurso para assimilar a língua. Após quatorze anos em Barcelona, com a assinatura da Rede Globo Internacional, a televisão torna-se um recurso para ouvir o português, para restabelecer a identidade nacional e o enraizamento nos trânsitos dos mundos vividos. “A televisão me dá isso, de saber o que passa no país. Os novos acontecimentos. Eu passei muito

tempo aqui, 12 anos que eu não sabia nada do Brasil. Quando saiu a Globo e eu tive oportunidade de colocar aqui, daí que eu me interei do que estava passando dentro do País. E isso para mim é muito importante, é como se estivesse, nesse horário, dentro do País. É um pedacinho do Brasil dentro da tua casa. Então, eu me sinto em casa um pouco, digamos assim”.

Na experiência de Helena, também há reconfiguração de concepções sobre a programação da Rede Globo. Ela passou a assistir a programas que, no Brasil, se recusava a assistir. Dentre eles, alguns ela grava, quando impossibilitada de vê-los.

Com a programação da TV espanhola, sem exceção, os entrevistados não estabelecem vínculos de reconhecimentos; ao contrário, de recusa. Esta se manifesta também em menores tempos de consumo televisivo se comparado ao que consumiam no Brasil. Conforme relatam, eles não estabeleceram pactos de sentido com algum canal ou programa definido. Procuram assistir aos noticiários, a alguns filmes, a alguns programas de humor e a *talk show*. As críticas centram-se na excessiva repetição da programação, no decorrer do dia e das semanas em torno dos mesmos temas; na excessiva presença, do que na Espanha denominam de Imprensa Rosa ou Programas do Coração, que versam sobre a vida privada de pessoas do cenário social e midiático espanhol; nos prolongados tempos com publicidade (em geral blocos de quinze minutos); na presença de programas que visibilizam o sexo. Já, nos canais públicos da Espanha (TVE1 e TVE2) e nos canais da Catalúnia (TV3 e BTV), eles consideram que há documentários históricos e culturais e programas de debates e informações para os cidadãos e com os quais se identificam.

Para relatar o que consumiam da TV brasileira, ora mencionavam programas – Jornal Nacional, Jornal da Globo, Globo Repórter, Globo Rural, Fantástico,

Super Cine, Faustão, Vídeo Show, Sem Censura, Telenovelas –, ora nomes de apresentadores – Boris Casó, Jô Soares, Marília Gabriela, Serginho Groisman, Silvio Santos –, basicamente em torno da Rede Globo. Na lembrança de muitos, a recepção televisiva tinha o sabor de um encontro familiar.

As significações em torno da TV brasileira dizem respeito à dinamicidade, aos “programas inteligentes”, à perfeição técnica em termos de imagem e áudio, à “imaginação grandiosa para fazer propagandas”, às tramas das telenovelas e à identificação com os conteúdos. Isso não significa dizer que não haja críticas especialmente dirigidas à rede hegemônica, ou seja, à Rede Globo – “manipuladora”, “descarta os velhos e os feios para ficar com os novos e os bonitos”, “corrida a todo custo para o que dá ibope”, “perda de espontaneidade no jornalismo”.

As significações, os pactos, as recusas, as críticas e os usos da oferta televisiva brasileira e espanhola são forjadas pelos entrevistados por meio das competências engendradas no consumo, tanto de uma, quanto de outra, e das “mediações” sociais, históricas e culturais que marcam suas vidas (Martín-Barbero, 2001). Tais competências e “mediações” atuam como matrizes configuradoras das produções de sentido.

A luz do exposto, é possível dizer que esses imigrantes, no cotidiano em trânsito, vão se apropriando da “tecnoesfera” e dando a esta novos contornos. As mídias se traduzem para eles como vias de reestruturação das experiências e práticas, de restabelecimento da identidade nacional e do enraizamento, de aprendizado intercultural, de socialização e ferramenta de trabalho.

O pensamento crítico sobre os usos, desenvolvido por Michel de Certeau (1988), traduzido pelas invenções que, no cotidiano, se insinuam, nesta pesquisa encontra acolhida. Os cidadãos em trânsito

demonstram que as práticas sociais vão muito além da adesão, da reprodução, da instrumentalização dos produtos gerados pela “tecnoesfera”. Provavelmente porque a produção de sentido não se dá de uma forma linear – do produtor para o consumidor –, mas por meio de uma “combinatória de operações” em que, seguramente, a experiência cultural e social conta muito. No horizonte desta pesquisa, cidade, imigrante e mídia enlaçam sentidos.

NOTAS

(1) Os nomes foram trocados por outros para preservar a identidade dos entrevistados.

(2) Disponível em: www.bcn.es/estadistica.

(3) Pesquisa oportunizada pelo doutorado sanduíche, financiado pela CAPES, e realizado no Laboratório de Pesquisa MIGRACOM, da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha), no período de janeiro a junho de 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. V.1. Petrópolis: Vozes, 1988.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para sair e entrar na modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.

IANNI, Otávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000.

MATA, M. C. De la cultura massiva à la cultura midiática. *Diálogos*. Lima: FELAFCS, 1999. p.80-91.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

SANTOS, Millton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

* **Elizara Carolina Marin** é docente do CEFD, UFSM, RS, Brasil; mestre em Estudos do Lazer, CEF, UNICAMP, Campinas, SP; doutoranda em Ciências da Comunicação, UNISINOS, São Leopoldo, RS; e membro integrante do grupo de pesquisa Processocom e do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade.

Interculturalidade, mediações e redes digitais

*Hiliana Reis**

RESUMO

A busca por formação profissional qualificada atrai um fluxo considerável de alunos internacionais às universidades brasileiras, o que despertou interesse para realizar uma pesquisa qualitativa em universidades gaúchas. Se as mediações acadêmicas, familiares e culturais articulam o interesse dessa amostra pelo uso do computador, também revelam uma forte estrutura de exclusão socioeducativa na África e na América Latina. **Palavras-chave:** interculturalidade; redes digitais; universo acadêmico.

ABSTRACT

*The desire for a quality professional education attracts a considerable influx of international students to Brazilian universities, a fact which has provoked interest in undertaking a piece of qualitative research in Universities of Rio Grande do Sul. If academic, family and cultural mediations articulate the interest of the sample in the use of computer, also reveal the strong structure of socio-educational exclusion in Africa and Latin America. **Key Words:** interculturality; digital networks; academic world.*

RESUMEN

*La búsqueda de formación profesional cualificada atrae un flujo considerable de alumnos internacionales a las universidades brasileñas, lo que despertó interés para realizar una investigación cualitativa en universidades gauchas. Si las mediaciones académicas, familiares y culturales articulan los intereses de esta muestra por el uso del ordenador, también revelan una fuerte estructura de exclusión socioeducativa en África y en América Latina. **Palabras clave:** interculturalidad, redes digitales, universo académico*

APRESENTAÇÃO

O processo de globalização tem acentuado o fluxo migratório de estudantes internacionais ao Brasil, em busca de novas oportunidades de estudo e de qualificação profissional. Os resultados parciais de uma pesquisa qualitativa, centrada em estudos de casos, realizada junto a estudantes internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sinalizaram as mediações culturais que norteavam as suas prioridades de uso e sustentavam as suas redes de interação digital. Em que se assemelhavam e em que se distinguiam os usos e apropriações dos recursos disponibilizados pela rede digital? Foram entrevistados no total 12 estudantes, sendo cinco africanos, originários de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique e sete latino-americanos, provenientes da Argentina, México, Nicarágua, Paraguai e Uruguai.

A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

A vivência, ainda que temporária, em uma outra cultura, configura-se como um processo desafiador e instigante. Ser “estrangeiro” significa conviver com o “outro”, ou seja, com as diferenças, quando não, com estereótipos. Miquel Rodrigo Alsina entende a comunicação intercultural como a que se realiza “entre pessoas que possuem referenciais tão distintos que se autopercebem como pertencentes a culturas diferentes” (1999:12). O que se produz é um fenômeno de atribuição identitária, a partir da qual as diferenças são evidenciadas. Entretanto, se as diferenças são necessárias para que se manifeste a “outra cultura”, as semelhanças também integram o processo; caso contrário, não haveria espaço para a convivência e o diálogo, condição essencial para que ocorram as relações entre culturas. Define-se cultura

como redes de significados compartilhados (Geertz, 1989), os quais dão sentido às experiências de vida.

A comunicação intercultural beneficia-se com a versatilidade das possibilidades trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação, aqui entendidas como veículos, recursos ou mediações que potenciam a negociação e a produção de sentidos e, até mesmo, vê-se por ela desafiada. As tecnologias, por sua vez, trazem valor agregado ao permitirem a circulação de emoções e de afetos que interferem nas formas de uso e na escolha dos conteúdos e ferramentas, disponibilizados pela rede digital.

FRONTEIRAS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO

Com algumas diferenças de percurso, as situações familiares, culturais e estruturais similares incidiram na escolha do grupo entrevistado pela formação universitária no Brasil e no uso da mídia digital. A falta de condições apropriadas ao estudo e à pesquisa, a falta de domínio de idiomas, a limitação de recursos econômicos, a exclusão digital de alguns segmentos e as migrações familiares e pessoais foram indicadores comuns ao perfil da amostra.

Embora todos os entrevistados fossem políglotas, alguns deles não atingiram o nível de competência desejado para obtenção de bolsas em universidades norte-americanas e européias, que exigem domínio de inglês ou francês. Diante dessa contingência, a língua materna, no caso dos africanos, a facilidade de compreensão e o interesse pelo idioma português, por parte dos latinos, direcionaram a escolha desses estudantes para o Brasil.

O modelo de seleção vigente nas universidades, ainda hoje, postula um alto nível de conhecimento de alguns idiomas, o que não favorece, mas exclui estudantes de uma grande maioria dos países do Hemisfério Sul, ainda que sejam políglotas, como é o

caso da maioria dos estudantes da amostra. Os africanos, por exemplo, além do português, dominam duas a quatro línguas nativas. Essa competência lingüística, nesse caso, não tem visibilidade, e os critérios utilizados nos exames de proficiência são criticados por pesquisadores da área. Segundo pesquisas realizadas sobre a temática (Blom e Gumpertz, 1972), a consciência lingüística se amplia entre pessoas bilíngües. Por que não valorizar essa competência? O alto nível de domínio do idioma local exigido aos estudantes estrangeiros é uma forma de dominação cultural, que privilegia uma elite, e diminui as oportunidades de exercício da cidadania a uma grande parcela da população mundial, em termos de formação acadêmica e profissional. Mantêm-se os guetos, ou modificam-se os critérios de seleção para incluir os que não tiveram condições de acesso a outros idiomas?

Embora sejam diferentes na sua estrutura, as semelhanças entre o português e o espanhol atuaram nesta amostra como fonte de aproximação de culturas. As universidades, a nosso ver, deveriam mediar o interesse pelo conhecimento, e não impor barreiras à aquisição do saber. Por que não privilegiar outro modelo de seleção e oferecer cursos para o aprendizado de idiomas, portais de acesso ao conhecimento? A oportunidade de estudar em outro país torna-se de *per si* uma excelente ferramenta para o aprendizado de idiomas e para a imersão cultural. Todos os entrevistados liam, com frequência relativa, a mídia impressa nacional, assistiam aos programas da televisão e aos filmes brasileiros. Por outro lado, a estudante paraguaia, que vivia em uma cidade fronteira com o Brasil, aprendeu a falar português através de novelas e revistas brasileiras. Essas mídias, com destaque para a televisão, transformaram-se em fontes de mediação e de interação com a cultura local.

A ESCOLHA PELA UFRGS E UNISINOS

Apesar de recorrerem à Embaixada ou ao Consulado para efetivar os trâmites de matrícula, tanto os latinos como os africanos guiaram-se por informações obtidas com amigos e familiares que conheciam as duas universidades ou que nelas estudaram. O motivo apontado pela escolha da UFRGS, pelos estudantes latino-americanos, inscritos na pós-graduação, foi a excelência das condições de pesquisa dessa universidade e a fama de seriedade dos gaúchos. A proximidade geográfica para alguns, a atenção recebida por parte de funcionários da universidade quando buscaram informações por *e-mail* e os conteúdos disponibilizados no *site* também concorreram para efetivar a escolha de dois estudantes da amostra. Dos doze entrevistados, apenas dois estudantes, que estavam no doutorado e que tinham maior familiaridade com a *internet*, realizaram buscas pela mídia digital. As informações disponibilizadas no *site* da UFRGS, segundo eles, eram consistentes e bem-estruturadas. As respostas imediatas e personalizadas de funcionários aos pedidos de informação solicitados também contribuíram para que eles escolhessem essa universidade, em detrimento de outras que não disponibilizavam as informações necessárias ou que remetiam ao “Fale Conosco”.

O sonho de estudar fora do país foi explicitado em diferentes momentos das narrativas da amostra, o que revela a presença do imaginário coletivo nos critérios de escolha do país e da universidade. Um dos estudantes da UFRGS, ainda que tivesse recebido informações de um conhecido que havia estudado nessa instituição, mencionou como fator importante na escolha da universidade o nome da cidade: Porto Alegre. A identificação com a capital africana onde morava foi decisiva, pois pensava que viria para uma cidade praiana e, além do mais, alegre. Essa lógica de

seleção indica, também, que as informações recebidas na Embaixada do Brasil, pelo constatado, foram insuficientes. Alguns africanos se queixaram do clima excessivamente quente, no verão, e frio, no inverno. Um deles, ao chegar, estava de bermuda com os termômetros registrando 10° (dez graus), e um dos latinos ficou bastante desconcertado quando os taxistas lhe davam o preço da corrida em “pila”. Havia sido informado que a moeda corrente era o real!

A amostra da UNISINOS compunha-se, basicamente, de estudantes da graduação. O único que estava na pós-graduação foi também o primeiro africano dessa universidade a matricular-se nesse nível de ensino. A diferença entre os alunos de pós e os de graduação reflete-se nas variáveis de escolha pela universidade. Enquanto os estudantes da UFRGS priorizaram a excelência da pesquisa e do ensino, os da UNISINOS pautaram-se pela qualidade dos cursos ofertados, pela proximidade com o país de origem e pelo interesse em aprender português, no caso das estudantes latinas.

A MEDIAÇÃO ESCOLAR COMO FATOR DE INCLUSÃO DIGITAL

O estudo das mediações culturais, entendidas como produção de sentidos e *locus* em que se configuram as identidades, permitiu identificar lugares significativos da cultura de origem e da cultura do “outro” e detectar semelhanças e diferenças nos percursos do grupo analisado. Ao assumir que os media atuam como potencial para a transformação cultural e identitária, a pesquisa indica também que as práticas culturais, ao privilegiarem determinados valores, conformam núcleos, demarcam escolhas e preferências à sua comunidade, incluindo, nessa dinâmica, os usos e apropriações do universo digital.

Enquanto a maioria dos estudantes latinos foi beneficiada por políticas educacionais de inclusão

digital, em seus países de origem, com os africanos o processo foi inverso: quatro dos cinco entrevistados somente tiveram acesso ao computador, nas universidades brasileiras. Um deles nunca tinha entrado em um elevador ou andado de ônibus, em seu país de origem.

Se o entretenimento foi o *leit-motiv* para duas uruguaias terem o primeiro contato com o computador, através de videogames, em casa de vizinhos, o aprendizado se deu durante o curso secundário, e o uso restringia-se à digitação de textos escolares. A escola, portanto, desempenhou um papel relevante à inclusão digital da amostra, para o primeiro aprendizado do computador, a partir do que foi criando novas necessidades e competências de uso.

Apenas um dos latinos, que se destaca entre o grupo pela condição econômica, teve acesso ao computador aos seis anos de idade, incentivado pelo pai, segundo ele, “um homem à frente do seu tempo”. Essa observação leva-nos a inferir a presença de um imaginário social que associa o uso do computador à modernidade e que atribui a essa ferramenta e, por consequência, aos usuários, um diferencial, independentemente de como será utilizado. No imaginário social ibero-americano, conforme observamos em outro estudo (Reis, 2000), o domínio da técnica computacional, ainda que precário, atua como fator de distinção e confere poder aos usuários. O computador transforma-se no totem da pós-modernidade.

O estudante mexicano, que não dispunha de recursos econômicos, só teve acesso ao computador no final do curso de graduação, e o interesse foi motivado pela necessidade de digitar o Trabalho de Conclusão de Curso. O estudo, para os latinos, foi uma importante mediação para o uso do computador, sendo que o ingresso no mercado de trabalho também propiciou a expansão da aprendizagem de outras ferramentas, tais como o Excell e o *e-mail*.

Essa situação não se confirmava entre os africanos que, embora trabalhassem desde a adolescência, só aprenderam a usar o computador nas universidades brasileiras ou na casa dos jesuítas. Dos cinco africanos, apenas um possuía computador na África; outros dois o adquiriram no Brasil, e os demais dependiam do computador da universidade ou de terceiros. Embora houvesse diferenças significativas no tempo e nas competências de uso digital entre esses estudantes, o acesso à universidade permitiu o uso do computador e gerou sua necessidade. O interesse pelo estudo e pela pesquisa, aliados à disponibilização da ferramenta, contribuíram para apagar as barreiras de exclusão digital que separavam os latinos dos africanos.

A FORMAÇÃO DE REDES

As análises realizadas durante a pesquisa indicaram que as práticas socioculturais mais significativas ao grupo derivavam do fato de serem estudantes universitários estrangeiros e, deste lugar, estabeleciam as prioridades de uso do computador e da mídia digital. As principais matrizes de mediação de uso do computador por esse grupo eram :

- digitação de textos, busca de informações relacionadas ao estudo e à pesquisa;
- práticas de diálogo e interação com familiares e amigos;
- busca de informações político-culturais de seus países de origem.

Os alunos de graduação utilizavam a *internet* para consultas à base de dados, relacionadas às disciplinas, utilizavam o *e-mail*, consultavam jornais de seus países de origem e ouviam música pela *web*. Por outro lado, os pesquisadores que estavam na pós-graduação faziam um uso mais sistemático do computador do que os que estavam na graduação. Frequentemente, realizavam buscas de textos sobre o

objeto de suas pesquisas, consultavam *sites* específicos, sobretudo da CAPES, revistas especializadas internacionais em inglês e em espanhol; contatavam-se com pesquisadores internacionais, para discussão de temas relacionados às áreas de interesse comuns. Foram os únicos da amostra que apontaram diferenças entre os internautas.

O *e-mail* tornou-se uma ferramenta indispensável para manterem os laços afetivos com familiares e amigos distantes e para alimentar suas raízes culturais. Através do e-mail, os africanos contatavam e repassavam informações, de caráter político-cultural sobre os países de origem, aos primos e amigos que trabalhavam em Portugal ou que estudavam na França, que viviam na Alemanha, no Canadá, nos Estados Unidos e, inclusive, em outros Estados do Brasil. Através desse recurso, passaram de usuários a emissores, resignificando e atribuindo novos sentidos às mensagens midiáticas. Ao complementarem-se em infinitas combinações multimidiáticas, “os suportes tecnológicos não se excluem, ao contrário, se complementam em processos de inter e multirrelacionamentos” (Sousa, 2000:77) e oferecem aos seus usuários uma nova maneira de estarem juntos, de se relacionarem, embora separados no espaço e no tempo. Porém, os africanos e alguns latinos não podiam se comunicar com a família próxima, pais, mães e irmãos, por e-mail. A exclusão digital familiar é um dado evidente na amostra, quando não, acrescido de analfabetismo ou de semi-analfabetismo, fatos corroborados por dados estatísticos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise dos dados coletados sobre os usos e apropriações da mídia digital ampliou o espectro da pesquisa, ao fornecer uma variedade de fatores culturais, que se articulavam às práticas midiáticas da

amostra analisada, e que foram fundamentais para a compreensão da pluralidade de culturas e dos matizes que conformam as sociedades do Terceiro Mundo. Histórias de vida similares, valores, práticas e interesses comuns pautam o cenário tanto dos estudantes latinos como dos africanos, guardadas as devidas proporções. As migrações em busca de novas oportunidades de estudo e de emprego evidenciam-se em duas gerações dos entrevistados, o que pode ser interpretado como indício de que as condições de oferta de estudos na América Latina e África continuam precárias.

As condições de excelência da pesquisa da UFRGS, a qualidade dos programas ofertados, a rapidez das respostas da instituição, entre outras foram mediações que direcionaram a escolha dessa universidade, pela amostra. Outra consideração digna de ser mencionada é a de que a família, amigos e conhecidos foram fontes primárias de referência para a escolha da UFRGS e da UNISINOS. Nota-se que as relações pessoais ocupam um lugar especial nas culturas latina e africana, processo para o qual os pesquisadores, especialmente os da Comunicação, devem estar atentos. Para a amostra, a confiabilidade da fonte gera a credibilidade da informação.

As dinâmicas de uso da mídia digital, por esse grupo, relacionavam-se ao fato de serem estudantes universitários internacionais e, desse lugar, priorizaram suas escolhas, relacionadas as suas áreas de estudo ou de pesquisa. A nítida diferença de usos da rede digital entre os estudantes de graduação e de pós-graduação leva-nos a supor que o uso da *internet* não se justifica apenas pela disponibilidade de informações, mas relaciona-se às práticas culturais do grupo.

Se, como estudantes, priorizavam a busca de informações, como estrangeiros, a análise do uso da mídia digital permitiu também observar que a família e as amizades ocupavam um lugar muito importante

na vida desses estudantes, o que pode ser categorizado como dado de identidade cultural comum, tanto aos latinos como aos africanos. O *e-mail* era muito utilizado para dialogarem com amigos que vivem nos países de origem e no estrangeiro, tornando-se uma ferramenta de uso restritivo e de caráter privado. Como disseram alguns dos entrevistados, é um excelente recurso para afastar a solidão de quem vive no estrangeiro, facilita a vivência em outra cultura e permite a manutenção dos afetos. Esse recurso cumpria importante função na manutenção dos laços afetivos desse grupo, embora muitos deles não pudessem se comunicar com a família, devido à exclusão digital.

Os acordos internacionais firmados pelo governo brasileiro com os países da América Latina e da África garantiram a esses estudantes o direito à formação acadêmica, e lhes permitiu usufruir os recursos e o aprendizado das tecnologias da comunicação e da informação, cujas conseqüências se estendem à vida profissional. E, nesse cenário, a mídia digital serviu de mediação entre o mundo interno e externo, permitindo o deslocamento às suas casas, a sua cultura e o contato com familiares e amigos. Ampliou também as fontes de estudo e de informação e as fronteiras impostas pela sala de aula ou, mesmo, pela biblioteca tradicional.

Os acordos e parcerias de caráter científico-cultural, mantidos pelo governo brasileiro com os países da América Latina e África tornam-se um importante elo para o exercício dos direitos cidadãos de uma parcela de latino-americanos e, sobretudo, de africanos. A nosso ver, esses acordos necessitam ser revistos e ampliados para que seus benefícios possam contribuir para o desenvolvimento regional, tendo como prioridade a inclusão das minorias étnicas e excluídas socioeconomicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, M. *La comunicación intercultural*. Barcelona: Antropos, 1999.
- BLOM, Jan-Petter e Gumpertz, John J. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. London: Basil Blackwell, 1972.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- HALL S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 7ª ed.
- LOPES, M. I. V. et alt. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: Sousa, M.W. (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA-USP/Brasiliense, 1995. p. 39-68.
- REIS, H. Ampliación de los procesos comunicativos en la enseñanza a distancia: análisis de tres modelos de tutoría. Tese de Doutorado, Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Bellaterra, 2000.
- SOUSA, M. W. Novos cenários no estudo da recepção mediática. In: Eugenio Trivinho (org.) et al. *Sociedade mediática. Significação, mediações e exclusão*. Santos: Ed. Universitária Leopoldanum, 2000. p. 77-89.

* **Hiliana Reis**, doutora em Comunicação Audiovisual (UAB), é professora no Curso de Jornalismo da UNISINOS, diretora adjunta do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e pesquisadora do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade.

APORTES DESDE A PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL NO PANORAMA
ESPANHOL

Inter-relações culturais, mediatização, migrações e globalismo

A. Efendy Maldonado*

RESUMO

As interações comunicacionais são analisadas no eixo central da *mediatização* televisiva, que situa os sistemas e culturas midiáticas como dimensão central da estruturação sociocultural. O grande êxodo de populações latino-americanas para a União Européia é refletido na perspectiva das inter-relações culturais e dos processos sociais no contexto espanhol. O intenso fluxo migratório é o aspecto sociológico problematizado na sua inter-relação com a produção da televisão pública espanhola que o fabrica e difunde. **Palavras-chave:** mediatização; interculturalidade; televisão; migrações.

ABSTRACT

*The great exodus of the Latin American population to the European Union is reflected in the perspective of cultural inter-relations and social processes in the Spanish context. The communicational interactions are analyzed along the central axis of mediatization, which locates mediatic systems and cultures as the central dimension of the socio-cultural structure. The intense migratory flow is the sociological aspect problematized in its inter-relationship with the mediatic products that create and disseminate it. **Key-Words:** mediatization; interculturality; migrations*

RESUMEN

*Las interacciones comunicacionales son analizadas en el eje central de la mediatización televisiva, que ubica los sistemas y culturas mediáticas como dimensión central de la estructuración socio-cultural. El gran éxodo de poblaciones latinoamericanas para la Unión Europea es pensado en la perspectiva de las interrelaciones culturales y de los procesos sociales en el contexto español. El intenso flujo migratorio es el aspecto sociológico problematizado en su interrelación con la producción de la televisión pública española que lo fabrica y difunde. **Palabras-clave:** mediatización, interculturalidad, televisión; migraciones.*

UMA SEMANA DE IMAGENS E SONS NA TV PÚBLICA DA ESPANHA

A pesquisa¹ sobre a produção midiática mostrou que, lamentavelmente e apesar de todos os esforços das entidades que trabalham sobre políticas de comunicação social nas universidades, governos locais e Estado, a cobertura midiática continua sendo tendenciosa apresentando os migrantes em condições de vida social problemáticas. O recurso à criminalização fácil, vinculando os latinos à cultura da violência: “...a assassina junto de dois jovens paraguaios” (TVE1: Gente, 6/9/05, 20h27 horas) é utilizado cotidianamente em telejornais e programas de “televisão-lixo”. As coberturas midiáticas têm um atravessamento forte da matriz estrutural-funcionalista estadunidense, reduzindo significativamente as possibilidades de produção de informação e conhecimento sobre as realidades socioculturais abordadas. A riqueza e complexidade dos processos de inter-relação cultural que acontecem atualmente na Espanha são enfraquecidas e enquadradas em esquematizações próprias do olhar etnocêntrico das elites mundiais.

Para detalhar e aprofundar essas operacionalizações midiáticas, apresenta-se a continuação à análise de uma semana do telejornal do horário nobre da principal emissora pública da Espanha. Nela situam-se elementos constantes e característicos da produção midiática sobre migrações.

Telediario 2- TVE1 (12-19 de junho de 2005)

1. A média de cobertura sobre *imigração, América Latina e relações interculturais* com a União Européia deu 9,68 % que é um indicador do peso que essas temáticas têm no jornalismo espanhol. O dia de maior cobertura foi a quarta feira, 14 de junho, com 19,76 % e o de menor, o domingo, 19 de junho (atípico pelas eleições em Galícia), que teve 0% de informação sobre os temas que pesquisamos. Dos oito dias analisados, temos quatro em que a cobertura jornalística supera o 10%: domingo 12 de junho,

com 10,32 %; terça 14, com 19,76 %; quinta 16, com 14,15 % e sábado 18, com 11,43%. Os outros dias estão entre 6 e 9% de cobertura. Estes indicadores mostram a relativa importância e presença das temáticas no *Telediario2* da *TVE1*.

2. A matriz do jornalismo *funcionalista* estadunidense está presente de maneira preponderante em 18 das 21 matérias produzidas pelo telejornal nos oito dias pesquisados. A produção destinou três notícias ou reportagens para estes temas por dia, em cinco dias do período (domingo, terça, quinta, sexta e sábado). As coberturas *funcionalistas* sofisticadas (qualidade técnica) constataram-se em onze produções. Nelas, temos uma fabricação *forte* (recursos, técnicas, movimentos, estrutura e montagem); três têm uma produção média e três são *fracas* até para o padrão *funcionalista*. Somente quatro das 21 informações (19,04 %) midiáticas quebram o esquema da matriz hegemônica, produzindo mensagens contextualizadas, respeitadas das fontes e das referências. Essas mensagens dão aos *imigrantes* ou personagens dos acontecimentos a *voz* e a relevância jornalística que têm; mostram aspectos históricos, econômicos, culturais e políticos de fundo e colocam os recursos e procedimentos técnicos ao serviço da realidade. Isso implica que, no meio do emaranhado funcional, é possível encontrar informação valiosa que educa, denuncia, mostra, acrescenta e oferece possibilidades de interpretação e conhecimento sobre o concreto real no telejornal pesquisado. O bom nível do “*Telediario 2/TVE1*” é constatado no fato de que 15 das 21 produções (71,42 %) reúnem qualidade jornalística; três são de regular estruturação e três são fracas.

12 de junho	F+	F+-	R+		
13 de junho	F-	F+			
14 de junho	R+	F+	R+		
15 de junho	F-	F+-	F+	F+	R+
16 de junho	F+	F+			
17 de junho	F+-	F+	F-		
18 de junho	F+	F+	F+		
19 de junho	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma		

R=Mensagem fabricada fora da matriz *funcionalista*;

F=Mensagem construída dentro da matriz *funcionalista*;

+ = qualidade de produção;

- = fraqueza de produção;

+ = produção regular

3. A temática das *pateras* (pequenas embarcações) foi apresentada em cinco dos oito dias (segunda; terça, quinta, sexta e sábado). É uma temática recorrente que mistura dramatismo, epopéia e irracionalismo, facilitando a produção do telejornal mediante a repetição periódica de naufrágios, afogados, presos e miseráveis em trânsito. As coberturas apresentam configurações variadas, umas com habilidade técnica e outras fracas e há também medíocres. O campo de efeitos de sentido dessas informações gera posicionamentos dos públicos a favor da repressão e o controle da repressão mostrando os imigrantes como seres infra-humanos, que não têm condições de viver na UE.

4. As mensagens sobre violência e delinquência foram três: a segunda do 1º dia; a terceira do quarto dia e a terceira do sétimos dia. “*Moça fuzilada*”; “*Violência no estádio*” e “*Narco tráfico*” foi uma combinação forte para vincular os latino-americanos a pessoas fora da lei. Este recurso de amplo uso na mídia estadunidense é utilizado sem escrúpulos para fabricar e representar características “*do latino-americano*”.

5. O país latino-americano com maior divulgação foi a Argentina. Durante os oito dias pesquisados, o telejornal emitiu cinco mensagens (notícias e reportagem), duas sobre o fim das leis de impunidade para os ditadores e seus cúmplices; uma sobre violência no estádio do clube Boca Junior, uma sobre Maradona e uma sobre narcotraficantes argentinos. Um conjunto que, na sua maioria, enfatiza aspectos problemáticos e *negativos* (genocídio, violência, narcotráfico e mito esportivo) da realidade desse país. É importante salientar que a reportagem sobre a anulação das leis que permitiam a impunidade dos ditadores é uma das produções jornalísticas melhor configuradas.

No segundo lugar por matérias emitidas, está o Brasil com três informações: uma reportagem de qualidade sobre a escritora Nélide Piñón (prêmio príncipe de Astúrias); a cobertura *funcionalista* e de *merchandising* sobre o carnaval de Carlinhos Brown em Madri e uma notícia telegráfica sobre a demissão de José Dirceu. Literatura, música e política apresentam um conjunto simbólico preponderantemente *positivo* em termos de conteúdo e *funcionalista* em termos de fabricação formal.

A Colômbia tem duas informações nesta amostra: a primeira aborda o *narcotráfico* numa perspectiva um tanto leve sobre controle ecológico das plantações, é uma produção de matriz *funcionalista* que pouco contribui para um conhecimento adequado da cultura e da realidade desse país. A segunda, sem mencionar a nacionalidade, apresenta a dois contraventores da lei e os obriga a usar o cinto de segurança, colocando-os como representantes de irresponsabilidade, um deles, incluso, colocando em risco a segurança do filho.

Uruguai tem uma referência breve numa notícia sobre rede de narcotraficantes, colocando-o numa classificação extremadamente redutora sobre a sua configuração sociocultural.

América Latina tem uma referência na informação sobre fuzilamento de uma moça ibero-americana, provavelmente vinculada à delinqüência, que fortalece o campo de efeitos negativos sobre nossa região e seus habitantes; a matriz de construção é *funcionalista* e redutora.

Estados Unidos está presente na amostra com uma reportagem de qualidade sobre *linchamento*; a produção da TVE1 realiza um trabalho de pesquisa bibliográfica, histórica e política interessante. É uma informação de qualidade que mostra um aspecto extremadamente *negativo* sobre o *racismo* e a *xenofobia* na sociedade estadunidense.

6. A produção do telejornal do horário nobre da TVE1, nos oito dias investigados, apresentou quatro produções de qualidade que rompem a matriz *funcionalista* de descontextualização, redução, fragmentação, distorção e manipulação da realidade. As reportagens sobre “*exploração do trabalho infantil*”; “*Inconstitucionalidade das leis de impunidade na Argentina*”; “*Linchamento nos Estados Unidos*” e “*Prêmio literário Príncipe de Astúrias*” para a escritora brasileira Nélide Piñón comprovam a competência do jornalismo televisivo público espanhol para produzir informações de significativa qualidade formal, como também de respeitoso e aprofundado conhecimento dos conteúdos abordados. Nem tudo é *negativo* na cobertura midiática sobre imigração, interculturalidade e América Latina; de fato, é possível ilustrar-se e conhecer aspectos relevantes das realidades na assistência de telejornais. O fato de que, em termos formais, a hegemonia *funcionalista* tenha sido comprovada uma vez mais (na amostra estudada) não implica que vários desses conteúdos sejam *positivos*; como também que alguns desses materiais

contribuam para um saber qualificado sobre o mundo, mediante produções que buscam expressar da melhor forma a riqueza do real e se estruturam por meio de montagens de qualidade tecnocultural.

A importante contribuição econômica que representa o trabalho dos imigrantes na sociedade espanhola é um aspecto minimizado que aparece em poucas análises jornalísticas. A dimensão econômica é tratada principalmente nos aspectos de trabalho não-regulamentado: vendedores de rua problemáticos, pequenos negócios que não respeitam os horários e regulamentos municipais e praticam uma competência desleal com os comerciantes espanhóis. Dando continuidade a essa estratégia de abordar a relação economia/imigração no ano 2005, foi tratado o *processo de regularização* dos trabalhadores imigrantes, política que incorporou ao mercado de trabalho mais de meio milhão de trabalhadores assalariados e excluiu outros tantos concentrou a produção midiática sobre a imigração de modo intenso durante o primeiro semestre de 2005.

A diversidade cultural e as inter-relações entre grupos humanos de América e Europa são trabalhadas por poucos programas na sua multidimensionalidade; apesar das conotações negativas registradas e de campos de sentido conservadores (xenófobos), o conjunto da produção midiática apresenta-se tolerante à presença dos novos cidadãos, mostrando ao mesmo tempo as significativas limitações da matriz *funcionalista* para informar e conhecer o mundo.

FLUXOS E CONFIGURAÇÕES GLOBALIZANTES

O êxodo atual de milhões de latino-americanos para a Espanha mostra um dos aspectos cruéis do ordenamento estrutural *neoliberal conservador de fundamentalismo de mercado*. Os países que

experimentaram processos de desestruturação ou violência sistêmica durante os anos noventa, quase todos os centro-americanos e os mais pobres de América do Sul: Equador, Bolívia, Paraguai, Peru e Colômbia “expulsaram” uma porcentagem significativa de seus cidadãos para o exterior. No caso do Equador, esse fenômeno significou a saída de 25% de sua população, aproximadamente três milhões de pessoas, segundo estimativas dos registros dos departamentos do ministério de Governo que atendem aos assuntos de migração do país, ONU/ACNUR, CEPAL e BID (relatórios anuais 2004).

O fato de que só 3% da população mundial seja emigrante é algo que chama a atenção dos analistas, pesquisadores e cientistas sociais considerando as extremas diferenças de vida entre os poucos países ricos e a grande maioria de países pobres. É importante para configurar esta problemática pesquisar elementos esclarecedores dessa realidade como a desinformação; a ignorância sobre a existência de condições de vida melhor em outras *formações sociais* e a forte repressão política, ideológica e militar na maioria dos países subalternos.

O indicador de três por cento de migrantes no mundo não ilustra a importância desses processos se consideramos as mudanças provocadas pela emigração na maioria dos países latino-americanos e pela imigração na *União Européia*. Entre estas duas realidades, temos elementos complementares de uma problemática de êxodo e transformação populacional que se complementam. As exportações tradicionais, desde o século XVI de matérias primas, produtos naturais, artesanato e bens de consumo da América Latina para a Europa que tornou possível a *acumulação originária do capital* e o contemporâneo sistema de hegemonia global, deu passo, na década dos anos 1990, à exportação de mão-de-obra, pessoas físicas concretas que fluem para ocupar os postos que a dinâmica econômica da UE demanda.

Constata-se um aumento considerável das migrações de América Latina para a Europa e os Estados Unidos, especialmente para a Espanha que está fortemente vinculada por história, nexos, interesses, língua e fluxos humanos com nossas sociedades. Durante a primeira metade do século XX, principalmente por causa da guerra civil, logo pela ditadura e o atraso econômico e social que impôs para milhões de espanhóis, estes tiveram que emigrar para Argentina, México, Uruguai, Venezuela, Brasil e outros países latino-americanos. Essas trocas que têm origem na colonização espanhola de boa parte de América têm tido épocas de intensos fluxos migratórios; o século XX é demonstrativo disso, e estes primeiros anos do século XXI mostram que a onda migratória continua. Na América Latina, o conjunto de fatores que exercem influência sobre a decisão de fugir do lugar de origem tem a ver com fatores que apontam várias das principais entidades encarregadas de pensar a região. Na mídia, isso está presente de modo restrito, mas suas produções apresentam fatos, fenômenos e processos que expressam a força migratória contemporânea:

ONU pede à América Latina que

incorpore o critério social à economia

A ONU pediu aos países da América Latina nesta quinta-feira que incorporem aspectos sociais a suas políticas econômicas visando a melhorar a distribuição da riqueza e a lutar contra a desigualdade entre ricos e pobres: “A boa distribuição das receitas parte são só de uma boa política social, mas também da **incorporação de critérios sociais na política econômica**”, disse o subsecretário de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, o colombiano José Antonio Ocampo. As declarações foram feitas no âmbito da apresentação do último **informe da ONU sobre o estado social do mundo em 2005**, que revela que as desigualdades entre os países e dentro deles não só continuam, mas aumentaram na última década.

Nesse sentido, indicou que o caso mais dramático é o da Argentina, que há anos ostentava um dos níveis de assimetrias mais baixos e agora enfrenta um dos mais altos. Outro dos países onde existem importantes disparidades na distribuição da riqueza é na Venezuela, produto de distintos períodos governamentais anteriores ao atual governo.

“A metade dos países latino-americanos apresentaram uma deterioração na **distribuição de ingressos**”, afirmou O campo, referindo-se aos dados da Comissão Econômica para a América Latina e Banco Mundial.

O campo admitiu ser difícil precisar a percentagem do aumento na desigualdade, embora tenha indicado que no país latino-americano, os 10% mais ricos da população dispõem de 40% a 50% da riqueza.

No entanto, os 10% mais pobres têm entre 1% e 2% das receitas, o que leva a desigualdade a ser entre 30 e 40 vezes maior.

(EFE)

(O Globo On-line, 25/8/2005).

Os dados que não têm condição de expressar a complexidade do real, neste exemplo, contudo, mostram indicadores alarmantes sobre as condições de vida na América Latina; as desigualdades são extremas, situando numa mesma *formação social* pessoas em condições de vida de exagerada abundância e cidadãos na miséria. É esclarecedor apontar os casos de sociedades como a Argentina e a Venezuelana que, dadas as suas favoráveis condições de estruturação histórica (em relação às da maioria da região) e competências socioculturais avançadas, durante várias décadas do século XX, conseguiram manter-se em indicadores de desenvolvimento humano menos críticos. Essas *formações* sociais, contudo, não resistiram ao embate do *globalismo* e, a partir da implementação de políticas de *fundamentalismo de mercado*, entraram em processos de degradação social

e econômica fortes. A *onda neoliberal* gerou diferenças extremas que não existiam e levou à pobreza numerosos setores das classes médias da América Latina. O conjunto de diagnósticos da CEPAL, ONU, BID, BM² e principalmente das instituições de pesquisa das universidades da região demonstram a involução nas condições de vida de uma alta porcentagem de nossa população.

A perversidade sistêmica fez que a tragédia se mostrasse como ventura, o abandono dos filhos, a fragmentação das famílias, das comunidades e de importantes conjuntos sociais históricos são minimizado na produção midiática. Os choques culturais; a exploração do trabalho; o racismo; a segregação social; a repressão e a injustiça ficam ocultas numa *nuvem democrática* que atua como recurso retórico para evitar o conhecimento e o confronto com a realidade estrutural. As análises de fundo sobre o modelo de sociedade hegemônica *globalizada* imposta para a grande maioria da população mundial ficam diminuídas, ocultas ou “censuradas” na programação comercial e pública de nossos países e da Península Ibérica.

Nesse contexto de exploração, exclusões, depredação, roubo e injustiça, os sistemas midiáticos têm uma função importante na produção de *imaginários* e informações que condicionam os processos. Estudar, pesquisar e educar sobre as práticas, estratégias e estruturas midiáticas é fundamental para esclarecer o funcionamento, papel e impacto sociocultural dos sistemas midiáticos; o conhecimento produzido a partir dessas atividades é um caminho indispensável para superar a crise e os problemas contemporâneos e propor saídas que considerem o fator sociocultural midiático como elemento-chave de conservantismo e mudança. A transformação das mídias é uma condição necessária para uma democratização profunda e ampla do mundo.

NOTAS

- (1) O autor deste texto pesquisou os produtos midiáticos da Televisão Espanhola (uma rede com duas emissoras de alcance nacional), na primeira rede, o telejornal “*Telediario 2*” do horário nobre; na segunda rede, o programa “*Els Nous Catalas*” num formato esquerda; centro direita e direita, respectivamente).
- (2) Uma fonte atualizada e relevante de informação sobre os processos socioculturais contemporâneos são os relatórios periódicos dessas entidades na rede mundial de computadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELL, J.; FECÉ, J.; GUARNÉ, B; PROPIOS, C; SELVA, M. et. al. (2004). *Representación y cultura audiovisual en la sociedad contemporánea*, Barcelona: Editorial UOC.
- AMIEL, Vicent (2005). *Estética del montaje*, Madrid: Abada.
- ARDEVOL, Elisenda; MUNTAÑOLA, Nora (coord.) (2004). *Representación y cultura audiovisual en la sociedad contemporánea*, Barcelona UOC.
- AREND, Hannah (2004). *Sobre la revolución*, 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial.
- BARKER, Ch. (2003). *Televisión, globalización e identidades culturales*, Barcelona: Paidós.
- BAUMAN, Zygmunt (2005). *Vidas desperdiçadas, la modernidad y sus parias*”, Barcelona: Paidós.
- BOURDIEU, Pierre (2003). *Contrafuegos/Reflexiones para servir a la resistencia contra la invasión neoliberal*, 3ª ed. Barcelona: Anagrama.
- CHOMSKY, Noam (2005). *Hegemonía o supervivencia/La estrategia imperialista de Estados Unidos*, Barcelona: Ediciones B.
- DORFMAN, Ariel (2003). *Rumbo al sur deseando el norte*, Barcelona: Planeta.
- EAGLETON, Terry (2005). *Después de la teoría*, Barberá del Vallès (Barcelona): Random House Mondadori.

- HARVEY, David; SMITH, Neil (2005). *Capital financiero, propiedad inmobiliaria y cultura*, Bellaterra (Barcelona): Universitat Autònoma de Barcelona.
- REBOLLO, Jorge Grau (2002). *Antropología audiovisual*, Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- ROLLET, Catherine (2004). *La población en el mundo/ 6000 millones, ¿y mañana?*, París: Larousse, p. 126.
- SANTOS, Boaventura de S. (2005). *El milenio huérfano/Ensayos para una nueva cultura política*, Madrid-Bogotá: Trotta-ILSA.
- SARTORI, Giovanni (2005). *Homo videns/La sociedad teledirigida*, Madrid: Suma de Letras.
- SLOTERDIJK, Peter (2004). *Crítica de la razón cínica*, 2ª ed. Madrid: Ciruela.
- VIRNO, Paolo (2003). *Virtuosismo y revolución/La acción política en la era del desencanto*, Madrid: Traficantes de sueños.

* **Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre** é doutor em ciências da comunicação pela USP; pesquisador do PPGCC-UNISINOS; professor visitante em universidades de América Latina; é consultor em várias publicações acadêmicas e científicas. Foi coordenador do Núcleo de Teoria da Comunicação INTERCOM 1998-2000; membro fundador do GT Epistemologia COMPÓS; GT Teorias e Metodologias da Comunicação da ALAIC. Coordenador do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM: CNPq CAPES, Unisinos; pesquisador visitante do MIGRACOM (Observatório e Grupo de Pesquisa em Comunicação) da UAB. Sua produção bibliográfica consta nas principais bancos de dados, revistas e livros da área.

La influencia de las rutinas productivas en el tratamiento informativo de la inmigración

*Manel Mateu i Evangelista**

RESUMO

As rotinas produtivas condicionam e conotam o tratamento informativo dos acontecimentos referentes à imigração e aos imigrantes. Determinam então uns conteúdos e mensagens onde a multiculturalidade não se vê refletida suficientemente. Tudo isso projeta na opinião pública uma imagem conflitiva dos imigrantes. Para facilitar a incorporação plena da cidadania na sociedade de acolhida, os meios e seus profissionais devem reciclar-se e formar-se na interculturalidade. **Palavras-chave:** rotinas productivas; tratamento informativo; multiculturalidade.

ABSTRACT

*Production routines determine the mediatic treatment of events related to immigration and migrants. Most of the time these routines determine content and messages in which multiculturalism is not important enough and the result is that public opinion receives a conflicting image of migrants. In order to help facilitate a full incorporation into citizenship for migrants in European societies the mass media and its professionals need to be retrained and educated in intercultural matters. **Key words:** Production routines; mediatic treatment of information; multiculturalism.*

RESUMEN

*Las rutinas productivas condicionan y connotan el tratamiento informativo de los acontecimientos referidos a la inmigración y los inmigrantes. Determinan pues, unos contenidos y mensajes donde la multiculturalidad no se ve reflejada suficientemente. Todo ello, proyecta en la opinión pública una imagen conflictiva de los inmigrantes. Para facilitar la incorporación plena de ciudadanía en la sociedad de acogida los medios y sus profesionales están proponiendo medidas en España para su reciclaje y formación en la interculturalidad. **Palabras clave:** rutinas productivas; tratamiento informativo; multiculturalidad*

DETERMINANTES PRINCIPALES

Las rutinas de producción de los periodistas y de los profesionales de los medios de comunicación siguen delimitando el tratamiento informativo de cualquier noticia y condicionando el contenido de aquello que se quiere trasladar al lector en el caso de la prensa, a la audiencia en el caso de la radio y la televisión, y a los que podríamos denominar visitantes o navegantes en el caso de internet.

Las principales influencias y limitaciones que afectan los tratamientos y contenidos informativos de colectivos como los inmigrantes siguen siendo espaciales y/o temporales y dependen de las idiosincrasias productivas inherentes a cada medio de comunicación que a su vez vienen dadas por los equipos tecnológicos utilizados en las distintas fases de producción, la política editorial del medio y la toma de decisiones económicas, políticas y periodísticas así como por las vinculaciones entre producción-política editorial y toma de decisión.

Desde hace años también viene siendo determinante la intervención de las agendas de los medios y el diseño de la propia agenda de los periodistas, así como los libros de estilo y los criterios periodísticos de cada medio, la cobertura informativa, el formato que decidan los jefes de redacción y/o directores de programa y realizadores, la puesta en escena y libertad del periodista y de los profesionales que ejecutaran el formato con su estructura y contenidos específicos.

Todo este conglomerado de variables que intervienen en la producción de las informaciones que se difunden a diario sobre la inmigración pero también sobre cualquiera de las temáticas tratadas en los medios, se siguen dando en un entorno mediático de claro predominio de las fuentes oficiales y de manifiestas dificultades de disponibilidad de tiempo y inversión empresarial para el reciclaje profesional.

¿Cómo condicionan dichas variables las rutinas productivas? Limitan la calidad de la información y trasladan al ciudadano incorrecciones e inexactitudes tanto semánticas como conceptuales. La falta de tiempo, medios y espacio le comportan al profesional caer en errores que adulteran y llegan a faltar a la verdad de los hechos, ya sea por imprecisiones, por parcialidad de la información, por la falta de contraste de fuentes o por una visión unilateral de los acontecimientos.

EL CASO DE LA INMIGRACIÓN

En el caso de los inmigrantes y de los hechos relacionados con la inmigración, las informaciones difundidas por los medios de comunicación españoles (prensa, radio y televisión) tienden a retratar y visualizar la parte más negativa y trágica de la inmigración como recogen análisis periódicos como los que venimos efectuando desde el Observatorio de Migración y Comunicación, MIGRACOM-UAB¹, desde 1996, o bien desde informes periódicos como *Inmigración y Racismo. Análisis de radio, televisión y prensa española* de la Fundación Iberoamérica Europa².

En concreto, en el estudio sobre el tratamiento informativo en España, llevado a cabo en el 2002 desde el MIGRACOM, se observa que a pesar que desde las rutinas empieza a darse una tendencia a ofrecer una mirada multipolar y bastante diversa de la inmigración, siguen impactando en la opinión pública ciertas noticias y sobre todo imágenes negativas como la llegada en patera, balsas o barcos pequeños de inmigrantes desde África. O las actuales entradas a España en grupos numerosos que saltan las vallas de las fronteras de Marruecos con Ceuta y Melilla. De ahí, que la ciudadanía en general, perciba una imagen conflictiva de la inmigración que conlleva vivir la realidad de los inmigrantes no como un fenómeno social que responde principalmente a causas sociales, políticas, económicas, demográficas, etc. sino como un problema en sí mismo.

En las investigaciones realizadas por el MIGRACOM, para el Departamento de Bienestar Social del Gobierno de la Generalitat de Catalunya en 1996 y 2000 y en el 2002 para el Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales del gobierno de España, sobre el tratamiento informativo de la inmigración, venimos constatando un aumento cuantitativo en todos los medios de las noticias relacionadas con la inmigración y los inmigrantes. Crecimiento lógico, cuando la población inmigrante no ha cesado de crecer especialmente en la última década. También propiciado por las diferentes reformas de la llamada Ley de Extranjería, tanto durante los ocho años de gobierno conservador con el Partido Popular (PP)³ con José María Aznar como presidente, como con el gobierno posterior del Partido Socialista de España (PSOE)⁴ con José Luis Rodríguez Zapatero de presidente.

A nivel cualitativo observamos que se ha pasado de la mirada bipolar, positiva o negativa muy simple, festiva o delito, en el 96, a una mirada unipolar en el 2000, centrada en la avalancha o gran flujo migratorio en pateras y desde un tratamiento bastante negativo, a una mirada multipolar en el 2002, abordada desde muy diferentes propuestas positivas y negativas y centrada en temas sociales y políticos como la integración y la regularización. De 2002 a 2005, hemos podido constatar que los periodistas y profesionales de la información procuran abrir al máximo su mirada del fenómeno migratorio aunque se sigue efectuando todo ello desde una mirada informativa eurocéntrica, con un tratamiento desde la órbita europea (nosotros) y los inmigrantes (ellos, o los otros), tal y como expusimos en el Forum de las Culturas de Barcelona 2004⁵ y en el Congreso de Inmigración en España.

El lenguaje textual y audiovisual que se usa a diario desde las rutinas de producción sigue siendo un factor discriminatorio en la información y por tanto

en la conformación de la opinión pública. Basta con seleccionar un caso al azar como el del 21 de setiembre de 2005 sobre los doce inmigrantes que resultan heridos en un asalto masivo en la valla fronteriza de España con Marruecos y en concreto en la ciudad española de Melilla en el norte del continente africano⁶. En los textos de los medios escritos y en Internet, incluso en las voces de los medios audiovisuales, siguen apareciendo expresiones y calificativos como: "...inmigrantes subsaharianos...", "...un camerunés de 17 años falleció..." (Diario *El Mundo*), "...con un saldo oficial de tres subsaharianos muertos en apenas 18 días" (diario *La Vanguardia*), "...algunos de los "sin papeles" han resultado heridos..." (Televisión de Cataluña-TV3), "la mayoría de los "sin papeles" afectados..." (Diario *El Periódico de Catalunya*), "Varias decenas de inmigrantes subsaharianos intentaron anoche saltar la valla que separa Melilla de Marruecos, según fuentes policiales..." (Diario *El País*). Estos hechos se han repetido el resto de días de setiembre y durante los primeros días de octubre con el trágico resultado de 6 ciudadanos africanos muertos cuando saltaban la valla, y centenares de heridos. Aunque para algunos medios de Internet como Periodistadigital.com el titular era: "Un millar de negros asalta la frontera de Melilla cuando la vicepresidenta concluía su visita relámpago a la valla".

Son datos recientes que demuestran como las rutinas se contaminan de repente de calificativos y expresiones que no cesan de establecer una especie de fronteras informativa eurocéntrica con "los otros".

Para la esencia de la información no es determinante que los inmigrantes que intentan saltar la valla o barrera que separa la población española de Melilla de Marruecos en el norte de África, sean o no subsaharianos, esa zona del continente africano no homologa situaciones personales de súbditos de más de un país. Los medios han generalizado la expresión

subsaharianos para todas aquellas personas que intentan desde el norte de África entrar en Europa a través de España. Se ha comprobado que muchas de las personas que huyen de la pobreza de África son ciudadanos de Nigeria, Camerún o República del Congo, países con situaciones diversas, y situados en el centro del continente africano.

La fuente informativa es la policial, en concreto la Guardia Civil, y si los identificaron en el momento de la detención o del traslado de los heridos a los hospitales, deberíamos saber con precisión su nacionalidad, ¿o acaso las autoridades policiales los calificaron como subsaharianos por el color negro de su piel? ni mucho menos exclusivo de esa zona. Si saltaban la valla de la frontera de noche y con unas precarias escaleras construidas con ramas de árboles, tal y como muestran los documentos visuales ¿puede dar a entender ello que no tenían medios económicos para entrar en España por vía aérea y con pasaporte? Y en el caso de disponer de documentos en regla habría que preguntarse otras posibilidades como si pueden demostrar la relación familiar con algún inmigrante establecido legalmente en España.

Por el contenido de las noticias se constata que es evidente que ninguno de estos medios de comunicación tuvo acceso a ninguna otra fuente informativa. Todos los medios reprodujeron la información de las agencias de noticias, que a su vez, difundieron la información recibida de fuentes policiales. No hubo pues el contraste de fuentes que requiere cualquier información para objetivarla al máximo. En ningún medio se constata que los periodistas preguntaran a los detenidos o heridos su situación e identidad personal, ni siquiera su versión de los hechos. Esta suele ser la tónica habitual en las noticias sobre inmigración. Únicamente cuando la situación se repite día tras día como ha sucedido en

Ceuta y Melilla con el balance global de 9 personas muertas y centenares de heridas en 3 semanas, entonces los medios se movilizan para contar con la voz de los inmigrantes.

ESPECIALIZACIÓN Y MEDIOS DE INMIGRANTES

Sin embargo, al tiempo que se reproducen esas informaciones sobre la inmigración se observa como se amplía la mirada multipolar en los medios a la vez que la presencia de la transformación multicultural de la sociedad española. Esto ha llevado también a que en algunas redacciones se ha extendido la especialización temática de los periodistas de las secciones de “Sociedad” y “Política” que informan de los hechos relacionados con los inmigrantes.

También, los diferentes colectivos extranjeros se han organizado en asociaciones que empiezan a ser referentes como fuente informativa y además empiezan a publicar sus propios medios informativos, y a producir igualmente programas en emisoras de radio y de televisión. Hace unos años que se emiten programas específicos con la temática inmigración a nivel monográfico. No solo en el ámbito informativo, sino que también la ficción empieza a incorporar a través de personajes y actores inmigrantes la realidad de la inmigración en nuestro país, aunque a veces sea de una forma pintoresca y tópica. En España se han contabilizado, cifras provisionales, a setiembre de 2005, casi trescientas publicaciones hechas por y para inmigrantes. Entre periódicos, revistas, boletines, y programas de radio y televisión local.

RECICLAJES INTERCULTURALES DE LOS PERIODISTAS

Desde las rutinas de producción de los medios habría que tener en cuenta que la sociedad mestiza de hoy y del futuro, la fusión de culturas, necesita pues tratamientos textuales, hipertextuales, audiovisuales

y multimedia de calidad para proyectar la interculturalidad presente. La riqueza humana está en lo propio y lo ajeno, en lo local y lo global; y las nuevas tecnologías comunicativas han de servir para acabar con la desigualdad, la discriminación y enterrar de una vez por todas todo signo de racismo y xenofobia en este siglo XXI. Así lo ponen de manifiesto grupos de profesionales y medios como la Corporación Catalana de Radio y Televisión (CCRTV) que aprobará próximamente un Manual de Estilo para la televisión y la radio pública catalana, donde se contempla por primera vez un apartado específico para el tratamiento informativo de la inmigración.

Dentro de ese reciclaje continuo que debería hacer todo informador y periodista para adecuar su rutina de producción a la realidad social está el documentarse y calibrar al máximo la importancia de las situaciones aisladas de xenofobia y violencia racista contra los inmigrantes, protagonizadas, generalmente, por grupos de extrema derecha. Sobre todo, por la asociación inconsciente, fruto de la falta de tiempo para la reflexión, que se hace entre inmigración, delincuencia y terrorismo. Los atentados del 11 de marzo de 2004 en Madrid, que mataron a 200 personas, han contribuido a que muchos españoles desconfíen de los inmigrantes y crezca la intolerancia hacia la inmigración no comunitaria.

De ahí la importancia que los medios de comunicación y los periodistas sepan y procuren informar sobre como en el otro extremo, el de la integración social e intercultural, empiezan a proliferar organizaciones no gubernamentales, asociaciones y entidades que trabajan por construir unas bases de convivencia y garantizar la cohesión social entre los inmigrantes y la población autóctona. La diversidad y el pluralismo cultural deben encontrar reflejo en los medios de comunicación para potenciar el conocimiento mutuo de lo diferente que en ningún caso debería ser desigual.

Por ello, la apuesta por la multiculturalidad que actualmente se plantea en las redacciones de los medios de información y comunicación españoles no debe quedarse en un mensaje paternalista o exótico y debe completarse a nivel social, con políticas de comunicación, y por tanto, con medios para la incorporación de los inmigrantes a través del reconocimiento de sus derechos políticos, sociales y cívicos como personas residentes en España. Prefiero hablar de incorporación social y no de integración, porque muchos inmigrantes no llegan nunca a olvidar el país de origen, sus costumbres y su cultura. Lo que mantiene siempre viva la posibilidad de retorno a su país de origen.

Asimismo hay que seguir profundizando en el tratamiento informativo con la mayor presencia cualitativa de los inmigrantes en los telenoticiarios, que empiezan ya a aparecer con voz propia en las informaciones, aunque no siempre, y con el crecimiento de los programas no diarios que abordan como sujeto la inmigración y los inmigrantes.

Para vencer las deficiencias de la información sobre inmigración se viene insistiendo desde mediados de los 90 en contextos de importante recepción de inmigrantes, como el catalán, con aspectos como que los profesionales necesitan formación sobre los países y las culturas de origen de los inmigrantes.

También se insiste en la necesidad de mejorar el tratamiento desde una perspectiva ética, humana y social con mayor rigor y veracidad informativa. Huir del sensacionalismo y recuperar el papel educativo de los medios tanto en la información como en la ficción. Primar el contraste y comprobación de los acontecimientos. Citar siempre las fuentes cuando no se pueden verificar los hechos, porque la inmigración colectiva está asociada a situaciones negativas en origen y por ello existe una opacidad informativa de

las fuentes oficiales. A modo de ejemplo, cito a continuación algunas páginas de internet, el medio más nuevo y algunos programas de televisión que ofrecen visiones alternativas y de calidad sobre la inmigración y los inmigrantes.

www.revistainterforum.com

www.atime.es/actualidad.html

www.enar-eu.org/es/

www.nodo50.org/derechosparatodos/

www.fundea.org

<http://madrepatria.blogspot.com/>

<http://paraextranjeros.com/>

www.webextranjeria.com/

www.intermigra.info/extranjeria/

www.adonde.com/afuera/espana.htm

www.ateiamerica.com/pages/emigratei/

[direc_medios.htm](#)

www.acpp.com/inmigra.htm

www.tvcatalunya.com/karakia/

También en TV3 Televisión de Catalunya se emite actualmente el programa “Tot un Món” Todo un mundo. Se pueden ver los programas emitidos a través de:

www.3alacarta.com

www.rtve.es/tve/b/elsnouscatalans/index.htm

De Televisión Española (TVE).

www.barcelonatv.com/infoidiomes

El programa Infos. Informativos en lenguas extranjeras, actualmente se emite en 18 idiomas y 2 variedades dialectales. De Barcelona Televisión.

<http://andaluciasinfronteras.com/> De Canal Sur Televisión. Los programas Solidarios y Europa Abierta están en la misma línea de calidad.

NOTAS

(1) MIGRACOM (Observatorio y Grupo de Investigación sobre Migración y Comunicación) de la Universidad Autónoma de Barcelona, creado en 1995.

(2) Fundación Iberoamérica Europa (FIE) es una entidad privada de cooperación y acción social, constituida en 1981.

(3) Partido Popular (PP) partido conservador, que gobernó España en la séptima y octava legislatura del 96 al 2000 y del 2000 al 2004.

(4) Partido Socialista Obrero Español (PSOE). Fue uno de los primeros partidos socialistas que se fundaron en Europa. Ha gobernado el país con Felipe González como presidente, la tercera, la cuarta, la quinta y la sexta legislatura del 82 al 96. Después de 8 años en la oposición y un proceso de renovación interna, el nuevo secretario general del PSOE, José Luis Rodríguez Zapatero, gana las elecciones de 14 de marzo de 2004, y recupera el gobierno para el PSOE.

(5) Forum de las Culturas de Barcelona 2004. Dentro de esta experiencia mundial de diversidad y conocimiento, se celebró el Congreso Mundial de Movimientos Humanos e Inmigración, que entre otros actos desarrolló la Experiencia Inmigración y Medios de Comunicación: buenas prácticas para la integración, que coordinamos a través del MIGRACOM. En dicha experiencia presenté una serie de recomendaciones para la cobertura informativa de los hechos relacionados con la inmigración. Como diversificar las fuentes, abordar la inmigración como fenómeno social y no como un problema, contextualizar las informaciones y apostar por la diversidad y pluriculturalidad comunicativa.

(6) Melilla. Ciudad Autónoma española del norte de África. Situada en la parte noroeste del Magreb. Una doble valla separa todo el perímetro fronterizo entre Melilla y Marruecos. Ceuta también es una Ciudad Autónoma española situada en el norte de África.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENHABIB, Seyla. *Los derechos de los otros. Extranjeros, residentes y ciudadanos*. Barcelona: Gedisa, 2005.

LORITE, Nicolás (director). *Tratamiento informativo de la inmigración en España. 2002*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2004.

PAJARES, Miguel. *La integración ciudadana. Una perspectiva para la inmigración*. Barcelona: Icaria, 2005.

RODRIGO, Miquel. *La Comunicación Intercultural*. Barcelona: Anthropos, 1999.

VAN DIJK, T. A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Paidós, 1997.

* **Manel Mateu i Evangelista** es Doctorado en Ciencias de la Comunicación y Licenciado en Periodismo por la Universidad Autónoma de Barcelona (UAB). Profesor Asociado de la Facultad de Ciencias de la Comunicación de la UAB de Radio y Televisión. Responsable de investigación televisiva del MIGRACOM. Periodista de TV3, Televisión de Cataluña.

Fotografiando la diversidad cultural

*Eduard Bertran**

RESUMO

A fotografia como meio de comunicação visual tem uma série de códigos ou princípios básicos sobre os quais orientar-se. No momento em que a fotografia encontra-se imersa na página de um jornal já não podemos considerá-la individualmente, perde o status de unidade, e conseqüentemente deve-se considerar a relação estabelecida entre imagem e texto. Quando a informação que publica um jornal faz referência à imigração, em nível fotográfico, podemos estabelecer uma série de critérios dirigidos a uma forma positiva e de qualidade de relacionar-se visualmente com os imigrantes. **Palavras-chave:** imigração; imagem informativa; editor gráfico/ fotojornalista.

ABSTRACT

As a visual media photography is composed of a series of codes and basic principles. But a picture in a newspaper's page cannot be considered individually and its relationship with the text has to be kept in mind. When a newspaper publishes news about immigration a series of criteria can be established in order to propose way to deal visually in a positive manner with migrants. **Key words:** Immigration; Informative image; Graphic Editor / Photojournalist

RESUMEN

*La fotografía como medio de comunicación visual tiene una serie de códigos o principios básicos sobre los que regirse. En el momento en que la fotografía la encontramos inmersa en la página de un periódico ya no podemos valorarla individualmente, pierde el estatus de unicidad, y en consecuencia hay que tener en cuenta la relación que se establece entre imagen y texto. Cuando la información que publica un diario hace referencia a la inmigración, a nivel fotográfico, podemos establecer una serie de criterios dirigidos hacia una forma positiva y de calidad de relacionarse visualmente con los inmigrantes. **Palabras clave:** Inmigración; Imagen informativa; Editor gráfico / Fotoperiodista.*

INTRODUCCIÓN

En los últimos diez años el estado español ha visto como ha ido cambiando la realidad sociológica de su población con la llegada de personas de distintos países, con diferentes religiones, costumbres, etc. Sirva como ejemplo que si en la ciudad de Barcelona en el año 1996 la población inmigrada representaba el 1,9% sobre el total de residentes, en el año 2001 ya representaba el 7,6%. En este mismo periodo (es decir entre los años 1996 y 2002) desde el MIGRACOM se realizaron diversos estudios sobre el tratamiento de la inmigración en los medios de comunicación (prensa, radio y televisión) y los resultados cuantitativos referentes a las unidades informativas en prensa sobre la inmigración no comunitaria en las que estuviera presente la utilización de la fotografía fueron muy clarificadores: en el plazo de seis años había aumentado en más de un 200%.

Para realizar estos estudios en el ámbito de la prensa, se analizaron cuatro diarios de información general de características diferentes tanto desde la perspectiva de su orientación política (progresista, centrista, nacionalista) como de su ámbito de difusión (estatal, autonómico), como son *El País*, *El Periódico de Catalunya*, *La Vanguardia* y *Avui*. Se analizaron un total de cinco periodos de un mes de duración durante los años 1996, 1997, 2000 y 2002 (aunque en este último año se amplió el número de diarios analizados). Paralelamente se realizaron una serie de entrevistas con profesionales del sector.

METODOLOGÍA, ANÁLISIS Y MARCO TEÓRICO

La metodología de análisis utilizada se regía tanto por criterios cuantitativos como cualitativos, para ello se establecieron los siguientes tres niveles de análisis:

1. Consideraciones generales,
2. Contrastar por ítems noticias y diarios,
3. Comparar noticia y diarios.

Estos tres niveles nos permitieron establecer:

1. Cuales son los ámbitos genéricos de actuación de los cuatro diarios analizados, sobre las noticias de la inmigración no comunitaria. Es decir, durante los periodos analizados, que cantidad de unidades informativas relacionadas con la inmigración aparecían publicadas en los diarios analizados y cuales de ellas tenían fotos. Todo ello nos permitía establecer criterios comparativos entre los cuatro diarios, tanto desde la vertiente cuantitativa como cualitativa.
2. Encontrar si existe una serie de constantes en el momento de abordar las informaciones cuya temática es la inmigración. Para encontrar estas constantes utilizamos 15 ítems: cantidad de fotografías en cada diario por noticia analizada / sección en la que aparece publicada / página par o impar / tamaño de la fotografía / tipo de plano / tipo de composición / tipo de encuadre / punto de vista / tipo de luz / profundidad de campo / tipo de objetivo / fotografía realizada en el exterior o interior / función de la fotografía / fuente de procedencia / temporalidad.
3. Establecer cuáles son los elementos comunes e individuales, de los cuatro diarios analizados. Por lo tanto, este apartado a partir de los resultados obtenidos en los dos anteriores, nos permitía obtener unos resultados básicamente cualitativos respecto a como cada uno de los periódicos analizados presentaba a sus lectores las informaciones vinculadas con la inmigración.

En el marco teórico, a parte de desarrollar los conceptos clásicos de composición de la imagen, lenguaje de la cámara, relación cámara sujeto, se le

dio mucho énfasis a las ideas de: foto-noticia, imagen informativa y tratamiento visual positivo / negativo. Partiendo de la base que la vista está considerada como el sentido que ofrece una mayor credibilidad y en palabras de Giovanni Sartori, en referencia a la televisión pero también aplicables a la fotografía, “Con la televisión, la autoridad es la visión misma, es la autoridad de la imagen. No importa que la imagen pueda engañar aun más que las palabras. Lo esencial es que el ojo cree en lo que ve; y por lo tanto, la autoridad cognitiva en la que más se cree es lo que se ve” (SARTORI, 1997).

Hablaremos de foto-noticia cuando la fotografía nos presenta la versión realista de los hechos con todos sus componentes visuales, es decir, que el lector del diario sin el texto pueda tener una primera aproximación al contenido de la noticia. Por lo tanto, tenemos que lograr que la fotografía produzca un mensaje visual claramente comprensible, en relación con el acontecimiento mostrado. Es muy importante este concepto de foto-noticia, ya que en muchas ocasiones la fotografía se convierte en un mero elemento decorativo y/o dinamizador de la página, es decir que la fotografía no tiene ninguna carga informativa. Esta pobre utilización de la fotografía es producto de la poca importancia que en ocasiones tiene la fotografía en las redacciones de los periódicos. Es importante puntualizar que esta problemática no es exclusiva de las informaciones que hacen referencia a la inmigración, lamentablemente es algo que ocurre con excesiva normalidad.

Evidentemente esta fotografía no la vemos sola, sino que al estar en la página del diario se establece una estrecha relación con los titulares, texto y pie de foto. Es en este momento cuando trabajamos el concepto de imagen informativa. Consideramos que una imagen es informativa cuando se complementa a la perfección con la el texto, por lo tanto no está al

servicio de, sino que es significativa y del mismo modo ilustra lo más ampliamente posible los elementos más destacados del hecho noticiado. Por lo tanto, la fotografía y el texto tienen que formar un magnífico matrimonio donde no exista un ganador y un perdedor, para poder establecer de esta forma, una simbiosis perfecta. Del mismo modo que la fotografía no tiene que estar al servicio del texto, esto no tiene porque describir elementos que ya aparecen en la imagen. Es decir las fotografías nos transmiten el qué, el como y en parte el dónde, por lo tanto el texto no tiene por que incidir en estos aspectos.

Para corroborar la importancia en la relación entre texto y fotografía, sirva como ejemplo como una misma fotografía, publicada en dos diarios distintos, en la que aparecía un inmigrante esposado y acompañado por la policía, en función del pie de foto puede interpretarse de una forma totalmente distinta. Al leer atentamente el mencionado pie de foto podemos observar una ligera diferencia, aunque realmente se convierta en una gran y grave disparidad. En uno de ellos podemos leer “Un marroquí detenido ayer en Algeciras acusado de tráfico ilegal por la entrada de 63 inmigrantes” y en el otro “Agentes de la Guardia Civil trasladan uno de los inmigrantes detenidos ayer”. Por lo tanto una misma persona se convierte en el primer caso en lo que podríamos considerar el verdugo (es quien transporta a los inmigrantes) y en cambio en el segundo es la víctima. En consecuencia, nos preguntamos ¿cuál es el correcto? Dicha fotografía era de agencia y por lo tanto, el pie de foto ya venía dado por la misma. Por consiguiente, a qué se debe este cambio ¿prisas producto de las rutinas de producción? ¿Poca importancia que se le da al pie de foto, aunque como en este caso pueda cambiar por completo el sentido de la fotografía? Evidentemente la respuesta a las dos preguntas es sí.



El último concepto desarrollado fue el de tratamiento visual positivo. Desde un punto de vista amplio el tratamiento visual positivo lo vincularemos con el concepto de calidad. En el ámbito de la fotografía la calidad la encontraremos en el momento en que la imagen sea realmente informativa, actual y tenga en cuenta todas las posibilidades que le ofrece el lenguaje visual. Es decir positivo no quiere decir abordar exclusivamente noticias que traten temas favorables al colectivo de inmigrantes.

Para todo ello es muy importante que el editor gráfico (la persona con mayor criterio visual de la redacción), sea la persona que, en última instancia, decida la fotografía a publicar.

RUTINAS PRODUCTIVAS

A lo largo del análisis y de las entrevistas realizadas a los profesionales pudimos comprobar como el rol del profesional de la imagen (fotoperiodista y editor gráfico) todavía queda subyugado a determinados intereses de la redacción. Cuando un fotoperiodista llega a la redacción, realiza una primera selección de imágenes, para poderlas mostrar al editor gráfico. En ocasiones el propio editor gráfico dirá que clarísimamente tiene que ser una en concreto. Si existen desavenencias entre editor gráfico y fotógrafo, habitualmente son fácilmente subsanables, ya que estas dos personas hablan un mismo lenguaje, el lenguaje de la imagen. El problema lo encontramos cuando los criterios del editor gráfico no coinciden con la imagen que tenía pensada la sección. En este momento de conflicto, y en la mayoría de ocasiones, acaba prevaleciendo la opinión de la sección, ya que tienen mayores recursos y más poder dentro de las redacciones. Lo triste es pensar que la persona que en ocasiones elige que fotografía publicar, no es la persona idónea ya que no tiene los suficientes conocimientos del lenguaje visual.

Otra gran problemática, en este caso relacionada con la diversidad de temas en los que puede trabajar un fotoperiodista en un mismo día, es la falta de análisis y reflexión. Es muy importante tener en cuenta que en un mismo día un fotógrafo puede estar cubriendo una rueda de prensa, colas de inmigrantes para renovar papeles, un partido de fútbol,...Imaginemos una noticia relacionada con la inmigración: en la redacción se ha recibido una llamada telefónica sobre colas de inmigrantes en una determinada comisaría. El fotoperiodista tiene el encargo de ir a ésta comisaría en la que hay inmigrantes haciendo más de doscientos metros de cola. Hecho concreto y puntual asociado al valor noticia: colas de inmigrantes, lo de menos es que hay personas sin papeles. Por lo tanto el planteamiento fotográfico es que se vean bien los doscientos metros de cola, después que la foto sea muy estética, buscar un punto de vista, encuadre... El fotoperiodista va a tener presente que se tiene que ver mucha gente, pero a la vez que sus capacidades creativas queden reflejadas. Y a partir de ahí, el fotógrafo no va a pensar que el planteamiento podía haber sido otro, el tema es la cola, esa es la visión del inmigrante en aquel momento. En consecuencia el fotoperiodista cae en la trampa del estereotipo.

Llegado a este punto nos podemos preguntar si es culpa del fotoperiodista el haber caído en esta representación fácil del inmigrante. Evidentemente en la mayoría de ocasiones no podemos señalar al fotoperiodista como el causante de una imagen deficiente, ya que probablemente no habrá tenido el tiempo suficiente para trabajar y reflexionar fotográficamente sobre esta situación ya que al cabo de poco tiempo se tendrá que ir a realizar otras fotografías en un lugar diferente y con una temática totalmente distinta. Si dispusiera de más tiempo podría salirse de la foto “oficialista” de las colas, implicarse más y mostrarle al lector un planteamiento visual diferente.

CONCLUSIONES Y PROPUESTAS

Las conclusiones más destacables tanto desde el ámbito de la toma fotográfica como desde la producción de la noticia son:

- La forma que tiene el fotoperiodista de acercarse a los inmigrantes y a las actividades que están realizando, son básicas en la elaboración de la imagen mental que transmiten los periódicos. En ocasiones esta forma de presentarlos potencia ideas y estereotipos que subyacen en nuestra sociedad como pueden ser: dejadez, conflictividad,....
- La aparición de elementos visuales entre el inmigrante y el fotoperiodista, y que el lector pueda interpretar como barreras defensivas, transmiten una sensación de recelo entre el colectivo de inmigrantes y los autóctonos.
- Como confirmación de lo comentado en el anterior párrafo y desde la vertiente técnica, al utilizar el teleobjetivo y a una distancia de toma lejana, la percepción que tiene el lector es la de mirar al inmigrante con miedo y recelo, por consiguiente, no tiene ningún interés de relacionarse con él.
- No se puede presuponer que una persona es inmigrante, simplemente por su color de piel o forma de vestir. Esta forma simplista de abordar visualmente la noticia, confirma la potenciación de estereotipos que en ocasiones realizan los medios de comunicación. No podemos perder de vista que el fotógrafo tiene el papel de notario de nuestra época. Es decir el lector del diario ve la realidad a través de los ojos del fotoperiodista.
- Durante los diferentes períodos de análisis se puso en evidencia que no se puede encontrar ningún vínculo entre información destacada en portada o interior del diario, con lenguaje visual positivo o negativo. Paralelamente el tamaño de la fotografía no es un aspecto determinante en el planteamiento visual ofrecido por los distintos periódicos analizados.

- La línea editorial progresista del diario conlleva una mayor presencia de noticias relacionadas con la inmigración. Paralelamente los periódicos de orientación nacionalista transmiten una imagen negativa de los inmigrantes.
- El fotoperiodista en el momento de realizar una fotografía, en función de las necesidades informativas, compositivas y expresivas decide un tipo de encuadre. En consecuencia, la fotografía no puede estar sometida a las necesidades de la maquetación de la página.
- La fotografía no tiene que tener un papel exclusivamente dinamizador de la página. La fotografía tiene que ser informativa.
- Toda fotografía tiene una autoría que debe mencionarse. De la misma forma al utilizar el archivo hay que indicarlo, toda fotografía tiene un autor, un día y un lugar de realización.

Como propuestas más significativas destacaremos:

- Hablaremos de tratamiento fotográfico positivo sobre la inmigración, cuando las imágenes tengan la impronta de la calidad. Una calidad que siempre vincularemos en el momento en que la imagen sea realmente informativa, actual y tenga en cuenta todas las posibilidades que le ofrece el lenguaje visual y que a la vez se complemente perfectamente con el contenido textual de la información. Sin perder de vista lo comentado anteriormente respecto al tratamiento positivo, es decir, que el concepto de positivo no es exclusivo de tratamiento favorable. Es decir el concepto de calidad es el que tiene que vertebrar todo el proceso fotográfico / informativo (toma de imagen, puesta en página y relación con el texto).
- Tiene que haber un mayor número de imágenes en que los inmigrantes puedan explicar sus problemáticas, situaciones personales, etc., es decir

fotografías en las que se pueda personalizar al inmigrante. Es una forma visual de romper distancias entre los autóctonos y los inmigrantes. Otra forma de romper estas barreras visuales es la de realizar un mayor número de imágenes en el interior de sus viviendas, centros de reunión y / u oración.

- Que no aparezcan solo cuando son detenidos por la policía o están realizando trámites burocráticos, hay que mostrarlos en situaciones y actividades normalizadas.
- Es necesario confirmar que una persona es inmigrante, y no presuponerlo por su color de piel o forma de vestir.
- Siempre que sea posible, es mejor que no aparezcan elementos que el lector pueda interpretar como una barrera entre él y el inmigrante. Paralelamente también se tiene que vigilar cuando el inmigrante aparece de espaldas, ya que en determinadas ocasiones nos puede transmitir la sensación de distanciamiento.
- La gestión del archivo del diario tiene que ser más dinámica, al lector se le tiene que ofrecer unas imágenes lo más variadas posibles.
- La selección y decisión de las fotografías a publicar, la tiene que realizar la persona con más conocimientos y recursos visuales en este caso el editor gráfico.

En definitiva la fotografía como elemento auxiliar, de una estrategia de integración, sería un elemento fundamental de integración, aunque recogiendo las palabras mencionadas en una mesa redonda por Javier Bauluz, uno de los fotoperiodistas españoles más implicados en la representación fotográfica de la inmigración: “como tantas veces, el fotoperiodismo servirá para ver y así poder creer, aunque el poder de la imagen nunca llegará a transmitir lo que significa vivir en la piel de un inmigrante”.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Manuel. *Fotoperiodismo formas y códigos*. Madrid: Ed. Síntesis, 1995.
- BAEZA, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2001.
- BERTRAN, Eduard *Información visual e Inmigración*. Barcelona: Tesis Doctoral-UAB, 2003.
- LORITE, Nicolás (dir). *Tratamiento informativo de la inmigración en España. 2002*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2004. p.166-170.
- _____. *Tractament dels immigrants no comunitaris als mitjans de comunicació a Catalunya*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2000.
- _____. *Tractament de la immigració no comunitària en premsa, ràdio i televisió*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1996.
- SARTORI, Giovanni. *Homo videns. La sociedad teledirigida*. Madrid: Ed. Taurus, 1997.
- VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona: Ed. Piados, 1993.

* **Eduard Bertrán** es Doctor en Ciencias de la Comunicación (UAB), Licenciado en Bellas Artes (UB). Profesor Asociado en fotoperiodismo (UAB), Profesor Titular de fotografía en el Institut d'Estudis Fotogràfics de Catalunya. Responsable de fotografía del MIGRACOM.

Las migraciones contemporáneas en la radio para todos: el caso español

Maria Gutiérrez*

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as formas e modos em que a imigração, como conteúdo, está presente na atual programação radiofônica das principais emissoras públicas e privadas. Os processos migratórios e suas conseqüências, dada a sua dimensão social, devem deixar de ser uma temática exclusiva dos jornais e incorporar-se às grades de programação desde outro tipo de produtos. Novas estratégias programáticas permitirão a produção de espaços informativos especializados destinados tanto à sociedade de acolhida como aos novos cidadãos. *Palavras-chave:* programação radiofônica; estratégias de programação; imigração.

ABSTRACT

*This article analyzes the presence of immigration as content of current Spanish radio programs on both public and private radio stations. Due to their social dimension migration processes and their consequences need to be part of new range of programs and not limited to being only a theme for television news. New program strategies will permit the production of specialized informative spaces addressed to the adopting society as well as to new citizens. **Key words:** Radio programs; program strategies; immigration.*

RESUMEN

*El objetivo de este artículo es analizar las formas y modos en que la inmigración, como contenido, está presente en la actual programación radiofónica de las principales emisoras públicas y privadas. Los procesos migratorios y sus consecuencias, dada su dimensión social, deben dejar de ser una temática exclusiva de los noticieros e incorporarse a las parrillas de programación desde otro tipo de productos. Nuevas estrategias programáticas permitirían la producción de espacios informativos especializados destinados tanto a la sociedad de acogida como a los nuevos ciudadanos. **Palabras clave:** programas radiofónicos; estrategias de programación; inmigración.*

La radio, en tanto que medio de comunicación, propone modelos de interpretación de la realidad social que la audiencia acaba por integrar de forma casi natural. Desde esta perspectiva, puede favorecer, potenciar y estimular la modificación de conductas y de valores de fuerte tradición en la comunidad receptora de su programación. Esta cualidad, ni buena ni mala a priori, quizás haya sido el principal detonante para la apertura de un debate crítico sobre su función social en situaciones informativamente complejas como es el caso de las migraciones contemporáneas y, más en concreto, de la inmigración.

Este interés tiene una explicación. España, hasta no hace mucho país de emigrantes, se ha acabado por convertir a causa de los actuales flujos migratorios en país de acogida. La población ha vivido el inicio de este proceso de cambio de forma impactante, e incluso en ocasiones traumática. La falta de un modelo social para afrontar una situación presentada mediáticamente como imparable ha generado muchos conflictos de los que los medios han ido informando puntualmente. Pero la radio, al igual que la prensa y la televisión, también ha adolecido de un protocolo para el tratamiento informativo de este tipo de acontecimientos, lo que ha favorecido la consolidación de algunas imágenes que aún perduran en el tiempo como sinónimos de inmigración, patera y norte de África. Pese a que ahora la realidad es distinta, ya que a la población extranjera de origen africano se han unido otros colectivos que han entrado en el Estado español mayoritariamente por vía aérea como es el caso de los latinoamericanos, la patera continúa siendo un significativo símbolo de la inmigración en España.

Sin duda, la reconstrucción radiofónica de esos primeros momentos estaba basada en el asombro, entendiendo éste como la extrañeza o sorpresa ante la aventura que emprendían cientos y cientos de personas

en busca de una vida mejor. Así que este tipo de acontecimientos quedaron constreñidos al ámbito de los servicios principales de noticias o radiodiarios. Obviamente, con el tiempo, las tramas noticiosas se fueron complicando y fue justo en ese momento cuando los periodistas comenzaron a reflexionar sobre cómo la audiencia podía interpretar sus narraciones informativas. Y lo más importante, si estos discursos favorecían el proceso de integración de los recién llegados o más bien lo entorpecían. Consecuencia directa de dichos debates ha sido la paulatina mejora en el tratamiento de la información (LORITE, N. 2004). Pero, ¿qué ocurre con la programación de las emisoras radiofónicas para todos los públicos, denominadas en España generalistas?

Son varias las razones que hacen inevitable el abordar esta cuestión:

- los cambios en el tejido social. Según datos provisionales del Instituto Nacional de Estadística (INE) en relación al padrón municipal a 1 de enero del 2005, un 8,4% de la población residente en el estado español es extranjera, es decir, 3'69 millones de ciudadanos proceden de otros lugares del mundo. Es interesante resaltar que en sólo un año el porcentaje ha aumentado en 1'38 puntos respecto al 2004. Ahora bien, no lo ha hecho del mismo modo en todas las comunidades autónomas en las que se divide el Estado español. Así, las que presentan un mayor incremento de población extranjera censada son, en este orden, Cataluña, Comunidad Valenciana, Madrid y Andalucía, pero este dato por sí mismo no informa sobre su incidencia en el conjunto de la población. Desde esta perspectiva, se detecta que un total de 7 comunidades (Islas Baleares: 15'8%; Comunidad de Madrid: 12'9%; Región de Murcia: 12'3%; Comunidad Valenciana: 12'3%; Cataluña: 11'4%; Canarias: 11'2% y La Rioja: 10'3%) superan

la media española frente a 11 que se sitúan por debajo y, tan sólo, una que lo iguala (Comunidad Foral de Navarra). Andalucía, pese a haber incrementado en más de 95.000 personas el total de población extranjera, ésta sólo supone un 5'3% respecto al total de la comunidad.

- la audiencia de las emisoras de radio para todos. Según el último resumen del Estudio General de Medios (EGM) del período comprendido entre abril del 2004 y marzo del 2005, la radio generalista alcanza los 11.383.000 oyentes diarios frente a los 9.995.000 que contabiliza la radio temática. A la luz de los datos, es obvio que la población española sigue prefiriendo una oferta radiofónica en la que prima la información, el deporte y el infoentretenimiento. Hay que aclarar que, hoy por hoy, la radio temática española sigue siendo eminentemente musical.

De los argumentos expuestos, surge otra pregunta: ¿cómo presenta la radio generalista la nueva sociedad española? Tan sólo un análisis de las diferentes propuestas programáticas permitirá determinar su grado de aproximación.

LA RADIO GENERALISTA Y LA INMIGRACIÓN

Pese a la amplia oferta de estaciones que se engloban bajo el término generalista, la homogeneización de la programación es el trazo característico que mejor las define. Ni el ámbito de difusión (estatal o autonómico), ni su titularidad (pública o privada) comportan grandes diferencias entre ellas en el aproximadamente 80% de sus emisiones semanales. Es en el 20% restante donde cada emisora presenta sus peculiaridades y parece desmarcarse de la competencia. Ese aproximadamente 20% de la programación más diversificada se articula generalmente en tres grandes ejes:

- los programas culturales, aunque su presencia puede reducirse a un único espacio semanal,
- los programas musicales, que van desde los que contienen música variada hasta los especializados en un estilo particular, y
- los programas informativos especializados en temáticas concretas, como por ejemplo, la gastronomía o los viajes.

La influencia de las industrias culturales en las agendas temáticas de las redacciones radiofónicas responsables de los programas culturales y musicales es indudable. Los estrenos cinematográficos y las novedades discográficas suelen ser los contenidos más habituales en este tipo de programas. Las excepciones son poco significativas y se encuentran en alguna emisora pública. De tal forma que el mestizaje cultural-musical, que se ha generado como consecuencia de los flujos migratorios y de la convivencia entre colectivos de distintas procedencias, difícilmente encuentra un lugar en las parrillas de programación. Esto sólo ocurre cuando el producto cultural se sostiene sobre un entramado comercial. Pensemos, por ejemplo, en las campañas de promoción de la música latina en Europa.

Sobre los programas informativos especializados en temas sociales, la ausencia continúa siendo el sustantivo que mejor define la situación en las estaciones comerciales o privadas, pero también en las de titularidad pública. Por ejemplo, Radio Nacional de España-Radio 1, la emisora pública de ámbito de difusión estatal, desde hace algunas temporadas, mantiene en antena el programa semanal “La hora de América”, presentado y dirigido desde la corresponsalía que la cadena tiene en Washington. Según la dirección del programa, su objetivo es estimular el intercambio cultural entre Hispanoamérica y España, centrándose en la literatura, los espectáculos y la música. Sin desmerecer la presencia de un programa de estas características, éste

obviamente no es el marco más adecuado para plantear cuestiones de integración y convivencia.

Ahora bien, en el grupo de las emisoras públicas, algunas de ellas sí cuentan con informativos realmente especializados en temas sociales con especial dedicación a la inmigración. Dicha presencia no necesariamente tiene una correlación directa con el índice de población extranjera de su ámbito de cobertura. Uniendo ambos factores (presencia de programas que tratan la inmigración y porcentaje de población extranjera en el ámbito de cobertura) se puede establecer la siguiente tipología:

- alto índice de población extranjera y presencia temática en la parrilla. Estos requisitos se dan en la emisora de la comunidad autónoma de Madrid, Onda Madrid, y en la de Cataluña, Catalunya Ràdio. En la primera se emite esta temporada el programa semanal “Madrid sin fronteras”. En cambio, en Catalunya Ràdio el espacio también semanal “Vents del nord, vents del sud”, estrenado en la pasada edición, no se ha mantenido en antena. Consecuentemente, en la temporada 2005-2006 no emite ningún informativo especializado.
- bajo índice de población extranjera y presencia temática en la parrilla. Sur Radio, la emisora pública autonómica de Andalucía, cuya población censada tan sólo supone un 5'3%, emite, los viernes por la noche y desde hace algunas temporadas, el programa “Bienvenidos”.

Como puede observarse, el número de productos especializados es significativamente bajo. Además puede sorprender que comunidades autónomas con altos índices de población extranjera censada como son Cataluña y la Comunidad Valenciana cuenten en su oferta del 2005-2006 con programas que refuerzan el sentimiento de identidad de la comunidad en cuestión, como “Sense fronteras” (Catalunya Ràdio), que informa sobre la vida de

catalanes que habitan fuera de Cataluña, y “Moros y cristianos”, programa de Radio 9 que aborda una fiesta de gran tradición en una zona de su territorio. Hay que añadir que Radio Galega emite semanalmente un informativo para los gallegos que viven fuera de Galicia. En este último caso, la población extranjera alcanza tan sólo un 2’5%. Hay que tener presente que entre los objetivos de las emisoras autonómicas públicas figura la promoción de la cultura propia.

A la luz de los datos, puede aventurarse que para los programadores esta nueva tipología de audiencia parece no existir. Pero su olvido u omisión temática puede comportar otro tipo de consecuencias:

- el desconocimiento por parte de la sociedad de acogida de las características socio-culturales de los diferentes colectivos de inmigrantes, buena parte de ellos con algunos años de permanencia, no favorece su proceso de integración puesto que continúan viviendo en una suerte de anonimato social, por tanto no reconocidos como ciudadanos de pleno derecho, y
- la invisibilidad mediática puede perjudicar la convivencia, de ahí simples problemas de vecindad acaben presentados como conflictos en los radiodiarios o servicios principales de noticias, formato en el que la reflexión y el debate no tienen espacio.

¿NUEVAS POLÍTICAS PROGRAMÁTICAS?

Las parrillas de programación evidencian la falta de interés en espacios radiofónicos que aborden desde una perspectiva ciudadana los cambios sociales. Ciertamente una estructura fundamentada en grandes magazines condena a horarios de baja audiencia otro tipo de oferta temática, mucho más específica. De hecho, ésta es la situación de los programas presentes en las emisoras públicas autonómicas antes comentadas.

Parece obvio que los programadores de las emisoras generalistas privadas o comerciales estén más preocupados por los índices de audiencia que por afrontar nuevos retos, como podría ser la incorporación de un programa específico sobre inmigración. Ahora bien, los responsables de las emisoras públicas, con independencia del ámbito de difusión, deberían de actuar con sentido de responsabilidad social.

Desde una perspectiva mediática los cambios demográficos suponen también cambios en la composición de la audiencia. Esta realidad no aparece reflejada en las nuevas propuestas programáticas. La incorporación como oyentes de personas procedentes de otros lugares es un proceso que requiere una planificación, y es obvio que de momento este asunto no es prioritario en las políticas programáticas de las emisoras generalistas españolas, públicas o privadas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, M. y HUERTAS, A., España. Programación radial para todo público, Quito: *Chasquí*, nº 86, Junio, 2004, pp.52-57.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA: www.ine.es

LORITE, N. (dir.). Tratamiento informativo de la inmigración en España. 2002. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Instituto de Migraciones y Servicios Sociales (IMRSO), 2004.

VILLATORO, V. Els mitjans de comunicació davant la immigració. La responsabilitat d'informar, la responsabilitat de conèixer, Barcelona: *Quaderns del CAC*. n 12, 2002, p. 3-11 (www.audiovisualcat.net)

* **Maria Gutiérrez** es profesora titular de Comunicación Audiovisual de la Universidad Autónoma de Barcelona. Es coautora de los informes anuales sobre programación radiofónica del Consell de l'Audiovisual de Catalunya y del libro *Teoría y Técnica del Lenguaje Radiofónico*. Colaboradora del MIGRACOM-UAB.

Orientação editorial

Logos: Comunicação & Universidade é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. A cada número há uma temática central, foco dos artigos principais; trabalhos de pesquisa abordando outros temas serão aceitos a critério do Conselho Editorial.

1. ORIENTAÇÃO EDITORIAL

1.1. Os textos serão revisados e poderão sofrer pequenas correções ou cortes em função das necessidades editoriais, respeitado o conteúdo.

1.2. Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos autores.

1.3. É permitida a reprodução total ou parcial dos textos da revista, desde que citada a fonte.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Os trabalhos devem ser apresentados impressos em duas vias, acompanhados de disquete ou CD-ROM, gravados em editor de texto Word for Windows 6.0 ou 7.0 (ou compatível para conversão), em espaço duplo, fonte Times New Roman, tamanho 12. Os artigos devem conter de 12 a 15 páginas (incluindo as referências bibliográficas e notas). As resenhas de obras recentes devem conter de três a cinco páginas.

2.2. Uma breve referência profissional do autor com até cinco linhas deve acompanhar o texto.

2.3. Os artigos devem ser precedidos por um resumo de no máximo cinco linhas, com três palavras-chave e versão em inglês e espanhol.

2.4. As citações devem vir entre aspas, sem se destacar do corpo do texto, devendo acompanhá-las imediatamente as notas bibliográficas entre parênteses. Exemplo: (SOBRENOME DO AUTOR, ano de publicação da obra, página correspondente).

2.5. Eventuais notas explicativas devem ser numeradas no corpo do texto. É desejável que sejam em quantidade reduzida. Devem ser organizadas em seguida à conclusão do trabalho e antes da bibliografia.

2.6. Ilustrações, gráficos e tabelas devem ser apresentados em folha separada, no original, gravados no mesmo disquete ou CD-ROM, como um apêndice ao artigo, com as respectivas legendas e indicação de localização apropriada no texto.

2.7. As referências bibliográficas, organizadas na última página, não deverão exceder dez obras, obedecendo às normas da ABNT. Exemplo de referência de livro: (SOBRENOME DO AUTOR, Nome. *Título da obra*. Cidade: Editora, ano.). Os títulos de artigos de periódicos devem seguir o mesmo padrão, sendo o nome da publicação em itálico. Exemplo: (SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo. *Periódico*, Cidade: Editora/Instituição, v.XX, n.XX, p. XX-XX, mês, ano).